

Fábio Luiz de Aguiar

Juventudes de um Rural Catarinense:
Trajetórias Cotidianas no Contexto da Agricultura Familiar

Florianópolis, maio de 2006.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Juventudes de um Rural Catarinense:
Trajetórias Cotidianas no Contexto da Agricultura Familiar**

Fábio Luiz de Aguiar

Orientadora: Prof^ª. Dra. Olga Celestina da Silva Durand

Co-orientador: Prof^ª. Dr. Eros Marion Mussoi

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/CED/UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Florianópolis, maio de 2006.

AGRADECIMENTOS

Nesta trajetória de pesquisa, vários foram os fatos, os sujeitos e as instituições que me apoiaram na elaboração deste trabalho. Todas essas contribuições foram, de uma maneira ou de outra, fundamentais ao longo do caminho. Assim, peço desde já, compreensão para aqueles que porventura não forem citados nestes agradecimentos. Dito isso, inicio agradecendo:

À minha orientadora, Professora Olga Celestina Durand, pela compreensão, cumplicidade e apoio nestes dois anos de mestrado; por ter compartilhado comigo todas as certezas e dúvidas em relação à temática de pesquisa e, sobretudo, por ter me orientado nesta dissertação de uma maneira generosa e democrática;

Aos jovens das comunidades “rurais” e “da cidade” de Saudades/SC, que abriram as “portas” de suas vidas pessoais e possibilitaram a minha inserção no “universo” de seus significados;

Aos professores da Escola Rodrigues Alves, Escola João Batista Fleck e Escola João Paulo Kremer de Saudades/SC, pela atenção dispensada durante a pesquisa de campo;

Às professoras do PPGE/UFSC: Ana Maria Borges, Cristiana Tramonte e Terezinha Maria Cardozo, pelas sugestões e críticas nos Seminários de Dissertação;

Ao professor: Eros Mussoi, pelas sugestões e análise do projeto de pesquisa;

Aos professores: Antônio Munarim e Janice Tirelli Pontes, pelas sugestões quando da defesa do projeto de qualificação;

Às professoras: Célia Regina Vendramini e Luiza Mitiko Yshiguro Camacho pela disponibilidade em aceitar participar da defesa final da dissertação;

Aos funcionários da Secretaria de PPGE/UFSC, pela presteza com que sempre me atenderam;

Ao CNPq, que me concedeu uma bolsa durante um ano, possibilitando a realização deste trabalho;

Aos amigos da PPGE/UFSC: Alexandre, Drauzio, Deise, Gisely, Ismênia e Patrícia, pelas sugestões e apoio durante os Seminários de Dissertação;

Ao meu amigo: Cleber, pelos diálogos pertinentes e apoio nesta pesquisa;

Ao casal: Claudio e Montserrat, amigos e companheiros de todas as horas, pela sinceridade nas sugestões e pelas longas conversas que me auxiliaram na elaboração desta dissertação.

À Silvia, Zeobelly, Jurandir, Daniel, Fernanda e Daniel Suede, pelo apoio e compreensão nesta caminhada;

Aos meus tios: Valdir e Dino, grandes companheiros desta jornada;

Às minhas irmãs: Ana Claudia, Ana Paula, Gabrielle, ao meu irmão: Fernando, ao meu pai: Osvaldo e a minha mãe: Elizabete, por fazerem parte da minha vida e, sobretudo, pela compreensão e solidariedade durante este trabalho;

De modo especial, à minha companheira e amiga: Daniele França Syrosinski, pelo amor, carinho, cumplicidade e, principalmente, por compreender com tolerância as minhas ausências durante esta trajetória de pesquisa.

Dedico esta dissertação à minha mãe, Elizabete Luiza Siqueira que, com paciência, carinho e compreensão soube apoiar e estimular, por meio de seus gestos tímidos, este seu filho a entender que é preciso ter princípios para percorrer os caminhos da vida.

Os jovens e suas falas...

(...) O agricultor que tem fé na sua profissão, que acha que um dia vai melhorar a sua profissão, que gosta de trabalhar na agricultura não desiste tão fácil, pode passar duas, três secas, pode perder muito, mas depois ele vai trabalhar ainda mais pra conseguir isso né... ele não desiste tão fácil;

(Laertes – 8º série)

A juventude é uma fase legal, mas é puxada. Neste período se prepara a terra para colher bons frutos no futuro.

(Augusto Wagner – 2º série – turma: 202)

“não é a salvação eterna ou algo semelhante que os jovens desejam, mas, muito modestamente, o reconhecimento e o respeito”.

(Bernard Charlot)

JUVENTUDES DE UM RURALCATARINENSE: Trajetórias Cotidianas no Contexto da Agricultura Familiar

RESUMO

Neste trabalho procurei falar dos jovens que vivem no contexto da agricultura familiar do Oeste Catarinense. O objetivo desse estudo foi acompanhar as trajetórias cotidianas dos jovens e avaliar como estes atribuem significado ou dão sentido a essas trajetórias, face as transformações econômicas e sociais ocorridas à agricultura familiar. Para tanto, tomo como referência importante para identificar e interpretar a condição juvenil no âmbito dessas transformações, os espaços tradicionais de socialização, tais como a escola e a família. A pesquisa foi realizada com jovens do município de Saudades, região oeste do estado de Santa Catarina, caracterizada por pequenas propriedades de economia familiar, cuja colonização se deu no século passado por famílias de origem germânicas, oriundas principalmente do estado do Rio Grande do Sul. A interpretação dessa realidade exigiu a compreensão das situações que compõem a vida cotidiana dos sujeitos pesquisados, isto é, de suas relações mais imediatas e regulares, de seus contextos individuais e, sobretudo, de seus projetos de vida e trajetórias. Além desse aspecto, tornou-se primordial entender em suas enunciações, os significados atribuídos a esses caminhos percorridos cotidianamente.

Palavras-chave: juventude, trajetórias cotidianas, significação, agricultura familiar e escola.

YOUTHS OF A RURAL CATARINENSE: Quotidian Trajectory in the Context of the Familiar Agriculture

ABSTRACT

At this time, I would like to talk about the young people that live in the context of the familiar agriculture in the west of Santa Catarina. The purpose of this study was to follow the young quotidian trajectory. In order to evaluate how they attribute meaning and feel about their way of life, facing the economic and social transformation that happened in their familiar agriculture. However, it is an important reference to identify and interpret the juvenile condition in the habitat of these transformations; the traditional spaces of socialization through school and family. The search was made with young people from Saudades, The West Region of Santa Catarina characterized by simple proprieties of familiar economic value, which was colonized one century ago by German families that came from Rio Grande do Sul. The interpretation of this reality demanded the understanding of the situations that compose the daily life of the searched citizens. That is, of all of its more immediate and regular relations, of its individual contexts and of its projects of life and trajectories. Beyond this aspect, one became primordial to understand in its articulations, the meanings attributed to these covered ways daily.

Key-words: young people, quotidian trajectory, meaning, familiar agriculture and school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Os “Caminhos” da Problemática de Pesquisa.....	01
Justificando a Escolha do Caminho.....	08
Objetivos Traçados no Decorrer do Caminho.....	09
O Caminho Metodológico.....	11
Organizando o Caminho.....	16
Capítulo I - CAMINHOS DO OESTE CATARINENSE	18
1.1 Uma incursão preliminar sobre a noção de “rural”.....	18
1.2 A Agricultura Familiar em Foco.....	22
1.3 Caracterização da Região Oeste de Santa Catarina.....	25
1.4 O Município de Saudades.....	29
Capítulo II - JUVENTUDES: Trajetórias e Significações	35
2.1 Sobre Trajetórias Cotidianas e Significações.....	34
2.2 Considerações sobre o Conceito de Juventude.....	38
2.3 Juventudes do meio rural: algumas aproximações teóricas.....	42
2.4 O que significa ser jovem? As respostas dos jovens das “linhas” de Saudades.....	46
2.4.1 O jovem visto como problema.....	47
2.4.2 Juventude e o caráter de “instabilidade”.....	48
2.4.3 Os jovens sob o ângulo da “imortalidade”.....	50
2.4.4 O fator “responsabilidade” na fala dos jovens do “interior”.....	51
2.4.5 Os jovens e as relações de sociabilidade.....	53
2.5 Jovens do “Interior” e Jovens da “Cidade”: relações possíveis.....	55
2.5.1 O mundo da casa: o véis da união.....	57
2.5.2 O mundo da rua: os perigos sociais.....	58
2.5.3 Aproximações entre as “fronteiras”.....	59
Capítulo III - ESPAÇOS DO COTIDIANO: Os Jovens e as Trajetórias de Socialização	62
3.1 O processo de socialização.....	62
3.2 A família no contexto da agricultura familiar.....	65
3.2.1 A família como espaço de afetividade e “cuidado”.....	66
3.2.2 A família como espaço importante na formação dos jovens.....	67
3.3 A agricultura familiar como “espaço” de significação.....	70
3.3.1 A percepção dos “pais de Saudades”.....	72
3.3.2 O significado atribuído pelos “filhos de Saudades”.....	77
3.4 A socialização escolar.....	81
3.4.1 O véis crítico da socialização escolar.....	82

3.4.2 A socialização escolar vista sob outro ângulo.....	84
3.5 A educação escolar no contexto da agricultura familiar.....	85
3.5.1 A escola: <i>caminho para conseguir ser alguém na vida</i>	86
3.5.2 A trajetória escolar sem <i>sentido</i> : a descontextualização do ensino.....	90
CAPÍTULO IV - CAMINHOS POSSÍVEIS: Juventude, Família e Escola.....	96
4.1 As estratégias de mobilidade social.....	97
4.2 As trajetórias de migração.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
ANEXOS.....	121
Anexo I – Questionários.....	122
Anexo II – Tabelas.....	125
Anexo III – Mapa do Estado de Santa Catarina.....	140
Anexo IV – Mapa do Município de Saudades.....	141

INTRODUÇÃO

Os “Caminhos” da Problemática de Pesquisa

Este trabalho, intitulado *Juventudes de um Rural Catarinense: trajetórias cotidianas no contexto da agricultura familiar*¹ analisa as trajetórias cotidianas de jovens que vivem no município de Saudades, oeste de Santa Catarina, e busca a partir dessa análise, apreender os significados que estes atribuem a essas trajetórias. Todavia, cumpre ressaltar, que o enunciado deste trabalho e o objetivo a que se propõem, não nasceram prontos. Foi preciso percorrer um longo caminho até o seu desenvolvimento. Um caminho que se iniciou alguns anos atrás, a partir da minha inserção no espaço rural.

Penso que todo “caminho” requer para fins de organização, seja ela de cunho acadêmico ou articulado na esfera do senso comum, um objetivo delimitado ou traçado no início. O verbo caminhar expressa uma ação que, por si só, não seria possível sem a proposição de um objetivo a alcançar. Neste trabalho me propus caminhar em busca dessa orientação, ou seja, o caminho percorrido teve início com a formulação de um enunciado centrado na idéia de pesquisar os mecanismos de socialização juvenil no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Esse objetivo emerge, num primeiro momento, a partir do contato empírico com agricultores, jovens e lideranças do MST no ano de 2002, mais especificamente no contexto do Assentamento Vitória da Conquista no Município de Fraiburgo, Meio Oeste do Estado de Santa Catarina².

Desse contato com o Assentamento surgiu à vontade de melhor conhecer essa realidade. À medida que eu caminhava neste contexto, descobria que havia no bojo das relações entre agricultores e jovens agricultores, diferentes significados e visões de mundo, projetos e vivências, apesar da estreita semelhança acerca das experiências concretas de vida e da respectiva situação social.

¹ Para o título desta dissertação tomo emprestado o termo: *um rural*, utilizado por Vanda Silva em seu artigo: “Jovens de um Rural Brasileiro: socialização, educação e assistência”, publicado na Revista Cedes/Unicamp em 2002. Opto por este termo, pois pressupõe a idéia de especificidade – afinal estou falando de “um rural” – e, ao mesmo tempo, a idéia de pluralidade e de diversos rurais existentes no Brasil.

² Esse trabalho foi desenvolvido na época da graduação em filosofia, cujo objetivo era realizar a prática de ensino de filosofia. Essa prática teve duração de quatro meses. No primeiro mês realizei uma vivência (observação) e nos outros três meses desenvolvi a prática de ensino.

Com base nisso, apresentei uma proposta à Comissão de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto, naquela ocasião, tinha como intento investigar os mecanismos de socialização da escola e da família, tendo os jovens como foco desse processo. Entretanto, após um período de construção e desconstrução do trabalho, percebi que minhas inquietações sempre estiveram imersas em questões mais amplas como, por exemplo, investigar a problemática socioeconômica e cultural dos jovens que vivem no contexto da agricultura familiar do Oeste de Santa Catarina.

Nesse sentido, tive que refazer a trajetória teórica e delimitá-la, pois havia alterado o campo de pesquisa. Nesse ponto da caminhada assumi, então, como perspectiva de investigação teórica e empírica, trabalhar a idéia de trajetórias cotidianas e significações com os jovens “rurais” do Município de Saudades/SC.

Nessa trajetória, havia ao alcance dados empíricos e teóricos sobre a região pesquisada³, porém muito pouco conhecimento sobre as especificidades dos sujeitos que pretendia pesquisar. De fato, o não conhecimento se constitui numa barreira, porém transponível na medida que o ímpeto de caminhar na aventura de investigar estes sujeitos, tornou-se maior que a imprecisão dos dados.

Porém, ao deparar com o universo de pesquisa, observei tudo de forma fragmentada e confusa. Foi preciso aguçar o olhar, aprimorar a visão e identificar o ponto sobre a qual investiria os meus esforços. Nesse sentido, acabei por priorizar dois conceitos norteadores: *juventude rural* e *agricultura familiar*. A delimitação desta temática foi determinante para os rumos da pesquisa e, sobretudo, possibilitou maior clareza dos elementos teóricos e empíricos que compuseram esta pesquisa. A princípio, algumas questões de fundo serviram para direcionar o foco desta caminhada: quem são os jovens que vivem na agricultura familiar? Como é trajetória cotidiana desses jovens e quais os significados que estes jovens atribuem a essas trajetórias?

Cumprer ressaltar, que inúmeros foram os referenciais teóricos que orientaram este trabalho, sendo constantes os diálogos com várias áreas do conhecimento, tais como: filosofia, sociologia, psicologia e antropologia. O fator decisivo em qualquer abordagem

³ Tive contato inicialmente com o trabalho realizado pela UNESCO em 1998, em parceria com o INCRA, a FAO e a EPAGRI e Coordenado por Ricardo Abramovay intitulado: **Juventude e Agricultura Familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios**, cujo *locus* de pesquisa era exatamente o município de Saudades.

científica está, ao meu ver, na relação que se faz com outras áreas do conhecimento, pois torna-se necessário que o pesquisador adentre em outras esferas do saber, flexibilizando, dessa forma, a noção de verdade científica. Como sublinha Morin (1999: 16): “o crescimento exponencial dos saberes separados fazem que cada qual, especialista ou não especialista, se torne cada vez mais ignorante do saber existente”. No bojo dessa compreensão, a verdade deixa de ser o “objeto” incontestável da ciência. As teorias científicas – mais especificamente às ciências humanas – exigem a problematização constante da complexa rede de relações que envolvem a vida em sociedade. A verdade, dentro dessa perspectiva, perdeu o caráter permanente de outros tempos e é, com frequência, operada do ângulo da verdade como processo”. (BRANDÃO, 1995: 63).

A interdependência das diferentes áreas do conhecimento intensificou uma abordagem, das ditas ciências humanas, pluridisciplinares. Tornando-se, por esse fato, difícil estabelecer uma fronteira entre os vários campos do conhecimento. De fato, para se fazer pesquisa científica, por exemplo, no campo da educação é imprescindível utilizar-se das múltiplas áreas do conhecimento. Afinal, a competência só se conquista quando a busca pelo conhecimento “extravasa os âmbitos disciplinares” (BRANDÃO, op cit.: 63).

Dessa maneira, a problemática de pesquisa em questão, parte da idéia de que não há um modelo teórico ou uma interpretação única acerca dos fenômenos humanos. Para interpretar e compreender a complexidade que envolve o “fenômeno” juventude torna-se necessário superar os modelos teóricos – fechados e homogêneos – de interpretação. Em outras palavras, para entender a problemática em torno dos jovens rurais e suas trajetórias cotidianas exige um esforço teórico, como sugere Pais (1993: 3318), que permita observá-los enquanto “...um conjunto diversificado de modos de vida”.

Em princípio entendo que definições que se limitem a um único paradigma interpretativo do “elemento” jovem pode equívoco. Por esse fato, torna-se necessário flexibilizar as fronteiras do conhecimento, como propõem Brandão (1995), a fim de adentrar em outras áreas que possam, teoricamente, contribuir para uma compreensão mais ampla sobre o assunto. Assim, conduzo-me a partir da premissa adotada por Spósito (1997: 38), na qual nos orienta para o fato de que “qualquer investigação em torno da produção de conhecimento sobre juventude exigiria como pressuposto a eleição de uma definição, ainda que provisória, do objeto de estudo de modo a orientar os critérios de seleção”.

Nessa perspectiva, elegi como “fio condutor”, a concepção de juventude como um período de transformações e por isso de buscas e construção de valores culturais e idéias e, sobretudo, de projetos de vida. Entretanto, a “eleição desta definição” exigiu que eu acompanhasse, no decorrer desta pesquisa, as trajetórias cotidianas dos jovens e a forma como estes atribuem significados a essas trajetórias.

A perspectiva do estudo sobre a problemática da juventude exige do pesquisador, como bem afirma Spósito (op. cit.: 37), a compreensão de que “a própria definição da categoria juventude encerra um problema sociológico, passível de investigação, na medida em que os critérios que a constituem como sujeitos são históricos e culturais”.

O isolamento dos pesquisadores em seus *paradigmas teóricos* teve uma disseminação na área da educação e nos programas de pós-graduação, retardando assim o desenvolvimento de pesquisadores críticos, que pudessem contribuir para a renovação de parâmetros e estratégias de pesquisa (BRANDÃO, 1995: 69). Todavia, com o rompimento da idéia de verdade e com a flexibilização das fronteiras, fizeram exigir uma autocrítica de todos os pesquisadores. Houve, dessa maneira, uma redefinição dos limites, ou seja, a capacidade de estar acompanhando o movimento e debate das outras ciências humanas.

Além dessa mudança necessária, ou seja, da flexibilidade do pesquisador em relação ao escopo teórico, foi imprescindível uma mudança na nossa postura metodológica e, acima de tudo, epistemológica em nosso trabalho com os sujeitos jovens. Sobre este fato, pode-se dizer que o campo de pesquisa em questão, por exemplo, se insere num contexto bastante diversificado e complexo, onde os sujeitos da pesquisa são jovens oriundos e participantes da agricultura de economia familiar. Portanto, para realização desta pesquisa, foi necessário estabelecer uma relação constante com sujeitos que, por sua vez, possuem sentimentos, formas de pensar e agir segundo suas percepções ou visões de mundo.

No presente trabalho proponho, então, a discussão de um tema complexo e que tem, conforme aponta Carneiro (1998), passado despercebido nos “círculos” de pesquisas acadêmicas, qual seja: juventude rural. A ausência de um conhecimento empírico, como bem afirma Durston (1997), detalhado e concreto, torna a juventude rural “invisível” frente aos olhos da sociedade e, sobretudo, dos estudiosos do desenvolvimento rural.

Entretanto apesar da invisibilidade, percebe-se um lento, mas significativo, crescimento da preocupação – em pesquisas de cunho acadêmico – com a temática da

juventude rural no Brasil. Vários são as problemáticas de pesquisa que emergem tendo a juventude como foco central, embora ainda seja insipiente. Pude verificar tal fato, ao fazer um sucinto levantamento bibliográfico sobre artigos na América Latina de uma forma geral, bem como sobre as dissertações, teses de várias áreas do conhecimento (no nosso caso: sociologia, antropologia, agronomia e educação) no Brasil e principalmente no Estado de Santa Catarina. É importante ressaltar, entretanto, que na América Latina vários são os “centros” de referência no que tange a pesquisa sobre o tema, entre eles destacam-se os seguintes: Instituto de La Juventud/ IMJ (México); Comisión Económica para América Latina y el Caribe/CEPAL (em Santiago do Chile); a Organización Iberoamericana de Juventud/OIJ; o Instituto Nacional de la Juventud (em Santiago do Chile); o Centro Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas/CIDPA (Viña del Mar, Chile) no Brasil mais especificamente destacam-se: a Ação Educativa, situada no Estado de São Paulo que desenvolve pesquisas sobre a problemática da juventude e o Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFRJ e UFF⁴.

Esse levantamento foi imprescindível para os propósitos desta pesquisa, na medida em que possibilitou especificar ou delimitar o arcabouço teórico. Sobretudo, porque os estudos em torno dessa problemática apresentam-se cada vez mais genéricos. Assim, penso que a preocupação em trabalhar a categoria juventude deve está respaldada, assim como afirma Durand (2000), pela idéia de que está deve ser entendida na dinâmica de suas relações sociais e percebida, concretamente, como inserida em um espaço e tempo determinados. Nesse viés de compreensão, Cardoso & Sampaio (1995: 18), afirmam que os estudos sobre juventude têm diminuído o caráter genérico e se preocupado com a compreensão da juventude em sua especificidade: “os jovens passam, assim, a ser vinculados a suas experiências concretas de vida e adjetivados de acordo com o lugar que ocupam na sociedade”.

O conjunto destes fatores foi fundamental para a escolha do “objeto” de pesquisa, além é claro de algumas questões e interrogações que surgiram a partir do meu contato em

⁴ Cumpre ressaltar que os trabalhos sobre o universo social e cultural da juventude rural no Brasil, como afirma Carneiro (1998), são recentes, sendo bastante limitada à bibliografia disponível. Só foi possível encontrar artigos, com mais frequência, nos países vizinhos como é o caso do Chile, principalmente no CIDPA e na CEPAL.

2003 com a disciplina: “Estudos da Juventude Contemporânea”⁵ e da minha participação na pesquisa nacional em 2004/2005: “Juventude, Escolarização e Poder Local”⁶ e, sobretudo, da relação empírica com jovens do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, do município de Fraiburgo/SC (como já foi mencionado) e, especialmente, do contato com alguns pressupostos teóricos sobre a realidade “rural”.

O diálogo com esta realidade e com as produções teóricas sobre essa área possibilitou uma percepção mais objetiva das transformações que vem sofrendo a agricultura familiar do oeste catarinense e, acima de tudo, dos diversos fatores responsáveis pela exclusão social do agricultor familiar e pelo crescimento do êxodo rural de jovens no estado⁷. Porém, quanto mais me aproximava de “questões fundamentais” – que poderiam auxiliar na compreensão do “problema” de pesquisa –, mas dúvidas e perguntas surgiram ao longo do “caminho”.

Nessa perspectiva, duas principais e norteadoras indagações a passaram a orientar o desenvolvimento do tema em questão foi: a) quais o significados⁸ que os jovens rurais atribuem as suas trajetórias cotidianas⁹, face às transformações sociais e econômicas que vem ocorrendo no espaço rural brasileiro, mais especificamente na agricultura de base familiar? Para esta pergunta, em específico, considero importante está atento para o fato de

⁵ A Disciplina: *Estudos da Juventude Contemporânea* foi ministrada e oferecida no ano de 2003, pela Professora Dra. Olga Celestina da Silva Durand do Centro de Ciências da Educação – CED da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

⁶ A Pesquisa Nacional: Juventude, Escolarização e Poder Local é coordenada pelos Professores Dr(s). Marília Spósito e Sérgio Haddad da Universidade de São Paulo – USP e financiada pela FAPESP. Essa pesquisa foi dividida em três problemáticas específicas; 1º problemática: *A Nova Institucionalidade*; 2º problemática: *Programas de Transferência de Renda* e 3º problemática: *A Produção de Discursos sobre a Juventude no Interior da Esfera Municipal e o seu Impacto na Formulação das Políticas de Juventude*. Em Santa Catarina a UFSC, sob a coordenação da professoras Dr(s). Olga Celestina da Silva Durand e Sonia Aparecida Branco Beltrane, ficou responsável pela 3º problemática.

⁷ Numa pesquisa realizada em 2004 pela Secretaria de Estado da Agricultura de Santa Catarina, por meio do Levantamento Agropecuário (LAC), divulgou que os jovens lideram, com larga margem, o êxodo rural catarinense. 91,7% dos que deixaram de viver da agricultura possuem entre 10 e 39 anos. Disponível em: www.icepa.com.br/publicacoes/texto_lac.htm.

⁸ Opto por trabalhar com a idéia de significado cultural. Para dar conta disso recorreremos a Pais (1993: 61), onde todo significado “é criado com o uso de símbolos. As palavras que um jovem me dirige numa entrevista são símbolos. (...) A descoberta dos *significados* dos símbolos passa pela compreensão dos significados que esses símbolos têm para os indivíduos.

⁹ A idéia de trajetórias cotidianas dos jovens está respaldada pela definição de Pais (op. cit.), ou seja, como um *movimento* cotidiano e como um processo de reprodução e produção social. Porém, não Deve-se encarar essas trajetórias apenas como um movimento, pois são também, segundo o mesmo Autor (op. cit.), um *processo de socialização*.

que os “processos” de socialização¹⁰ que ocorrem no âmbito da escola e da família fazem parte da trajetória cotidiana dos jovens. Por isso, outra pergunta se faz necessário: que significados estes jovens atribuem as suas trajetórias de socialização nesses espaços? Penso que os “mecanismos” de socialização – nestas instituições tradicionais – são “ferramentas” fundamentais na medida em que podem (?) possibilitar uma compreensão da “condição juvenil” no contexto rural. De fato, as trajetórias dos jovens não podem ser investigadas isoladamente, mas na relação entre essas trajetórias cotidianas e determinados contextos de socialização, como os espaços sociais da família e da escola.

Com base nesses contextos de socialização, segundo Pais (1993: 53), “pode-se então perspectivar os *campos possíveis* dos percursos e trajetórias cotidianas dos jovens”. Em outras palavras, apreender como os jovens rurais vivenciam as experiências nestes espaços de socialização, a forma como interferem nas suas trajetórias e os significados que estes atribuem a essas trajetórias, são elementos importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Entendo que é impossível compreender, como bem afirma Pais (1993), a condição juvenil, sem entender o *significado* que, correntemente, os jovens dão as suas ações, às suas atividades cotidianas:

A perspectivação dos jovens através dos seus cotidianos permite descobrir a diversidade de comportamentos entre os jovens. Porque se movem em diferentes *contextos sociais*, os jovens partilham linguagens diferentes, valores diferentes, vestem de maneira diferente, comportam-se de maneira diferente. As suas diferentes maneiras de pensar, de sentir e de agir resultam de diferentes *mapas de significação* que orientam suas condutas, as suas relações interindividuais, as suas trajetórias (op. cit.: 60).

Neste trabalho, portanto, procuro falar dos jovens do Oeste Catarinense, tendo em vista compreender a condição juvenil no contexto da agricultura familiar. Com efeito, tornou-se necessário analisar as trajetórias cotidianas dos jovens e o conjunto de significados que emergiam a partir daí.

¹⁰ Da mesma forma estou entendendo o *processo de socialização* assim como Pais (op. cit.: 60) o entende, isto é: “de influências sociais, orientado para a integração dos jovens num dado sistema de relações e valores sociais, também é certo que esse processo se encontra sujeito à influência de comportamentos e atitudes juvenis. O conceito de *socialização* utilizado cobre, portanto, o processo através do qual a sociedade produz a juventude”.

A pesquisa de campo foi realizada no município de Saudades, cuja colonização se deu no século passado por colonos alemães, se desenvolvendo e consolidando a partir de então, nesse pequeno espaço geográfico, um conjunto significativo de pequenos agricultores de origem familiar.

Justificando a Escolha do Caminho

As inquietações que impulsionaram a escolha da temática: juventude rural, mais especificamente dos jovens que vivem em “propriedades”¹¹ agrícolas de economia familiar no município de Saudades, foram:

1º - A urgência de discutir o cotidiano dos jovens que vivem no contexto da agricultura familiar, tendo em vista apreender como estes atribuem significados as suas trajetórias cotidianas, a maneira como vivenciam suas experiências nos espaços de socialização, como a família e a escola;

2º - Intento de discutir a juventude rural e analisar as tramas de interações que envolvem a construção da condição juvenil no campo.

3º - A necessidade de aprofundamento e discussões sobre temas relativos a juventude rural em Santa Catarina.

Tendo essas inquietações como indagações inerentes à pesquisa, tomo como ponto central da pesquisa em questão a análise das trajetórias cotidianas dos jovens no contexto rural do oeste de Santa Catarina. Todavia, optei por acompanhar essas trajetórias no âmbito das escolas públicas e no bojo das interações familiares¹² do município de Saudades.

O município de Saudades foi escolhido como *locus* de pesquisa por “acreditar” que este possui características pertinentes ao tema em questão. O município de Saudades é considerado o mais representativo (no Estado de Santa Catarina) da agricultura familiar. Atualmente este município possui uma população total, conforme o Censo Demográfico de 2000, de 8. 270 habitantes, sendo que destes 5. 934 são consideradas rurais. Outro aspecto pertinente à pesquisa é o fato deste município apresentar um significativo problema na

¹¹ Também procurei trabalhar nas entrevistas – para efeitos de análise – com jovens que saíram das propriedades de economia familiar e foram para as cidades em buscas de “serviços” ou de outras “alternativas”.

¹² O ponto de partida para identificar as trajetórias cotidianas e o significado que os jovens atribuem a elas, foi os espaços de socialização, tais como a família e a escola.

questão do êxodo rural. Conforme Abramovay (et al, 1998), só no ano de 1997, por exemplo, mais de 80 famílias neste município deixaram o campo, com um maior contingente de jovens que “trilham” – por falta de oportunidades concretas – rumo as cidades com o objetivo de trabalhar nos setores de serviço. Além desse fato, o Município de Saudades apresenta um significativo pólo de indústrias de calçados, móveis e agroindústrias – situadas na área que corresponde à parte urbana do município – que têm utilizado a mão de obra de jovens do “interior”¹³, oriundos da agricultura familiar.

As escolas no município, enquanto modelos e espaços tradicionais de socialização juvenil, se constituíram em partes importantes desta pesquisa. Para tanto, foi imprescindível tomar como foco de análise o papel social que estas desempenham no processo de socialização, focalizando a intrincada rede de interações e relações de sociabilidade no âmbito da escola. Já na família, a ênfase se deu, principalmente, na relação dos jovens com os pais e o seu vínculo com o trabalho agrícola de origem familiar.

A motivação central para o desenvolvimento deste trabalho foi, então, contribuir para uma compreensão e uma abordagem sobre a juventude – diante da complexidade que envolve o contexto rural –, procurando aprofundar o conhecimento sobre o contexto ou universo sócio-cultural dos jovens, bem como sobre suas trajetórias cotidianas neste contexto social. Nesta visão, uma abordagem do cotidiano, dos projetos de vida, implicações interacionais (escolares, familiares) do jovem no âmbito rural, possibilitou “delinear” mais adequadamente as estratégias para promover um tratamento mais efetivo dessas questões.

Objetivos Traçados no Decorrer do Caminho

A melhor forma de se atingir uma compreensão ampla acerca dos jovens rurais de Saudades seria, ao meu ver, o entendimento dos significados que envolvem juventude e agricultura familiar. Nesse sentido, inferi que a compreensão desses elementos viria por meio da análise dos significados que os jovens atribuem as suas trajetórias cotidianas. Com base nisso e visando facilitar a estratégia de análise desta pesquisa, tracei o seguinte

¹³ A população local (jovens e adultos) entende que essa palavra serve para caracterizar todos aqueles que vivem da agricultura e, sobretudo, moram fora do perímetro (numa distância aproximada de 15 a 30 km da “cidade”) que corresponde à “cidade”. Portanto, dentro dessa ótica, são considerados rurais os jovens que vivem no “interior” do próprio município.

objetivo geral: Analisar as trajetórias cotidianas dos jovens que vivem no contexto da agricultura familiar, tendo em vista apreender como estes atribuem significados a essas trajetórias. Entretanto é sabido, como bem afirma Berger & Luckmann (1997), que as interações sociais se dão no bojo da vida cotidiana e que, portanto, são nos espaços de socialização da escola e da família que os “outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como *lidamos* com eles nos encontros face a face” (op. cit.: 49). Tendo em vista esses elementos, os seguintes objetivos específicos foram traçados: Investigar os jovens em suas trajetórias e analisar as diferentes maneiras de significar esse “período” da vida; Investigar a trajetórias cotidianas desses jovens nos espaços de socialização, como a família e a escola.

Pode-se dizer que é nessas interações cotidianas que há, por um lado, possibilidade dos jovens compreenderem uns aos outros e, por outro, é nesses espaços cotidianos (família e escola) que os jovens também conferem significados as suas trajetórias e a seus próprios projetos pessoais: “a estrutura temporal da vida cotidiana coloca-se em face de uma facticidade que tenho de levar em conta, isto é com a qual tenho que sincronizar meus próprios projetos”(op. cit.: 45).

Ao investigar as trajetórias cotidianas dos jovens no contexto rural do Oeste Catarinense, optei pela identificação – como foi mencionado anteriormente – destas trajetórias no âmbito da família e da escola, haja a vista que a “condição juvenil¹⁴ se constrói sobre o pano de fundo da *crise* das instituições tradicionalmente consagradas à transmissão de uma cultura adulta hegemônica” (ABAD, 2003: 25).

¹⁴ Para Abramo (2005: 40), “a condição juvenil remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação (transição, diz a noção clássica) entre a infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, direitos que regulam a sociedade)”. Porém, é preciso fazer a distinção, como sugere Abad (2003) entre *condição juvenil* (o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento da vida) e *situação juvenil* (o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais).

O “Caminho” Metodológico

No intento de ver com nitidez e clareza o “objeto” de pesquisa, foi preciso qualificar o meu olhar, mediante o rigor metodológico e científico. Por essa razão, minha pesquisa foi orientada por uma abordagem epistemológica que procurou, de certa forma, rejeitar a noção de “verdade inabalável” como critério do fazer científico ou a posição dogmática em relação aos critérios e métodos de investigação. Essa posição é inspirada em Bachelard (1996), quando infere que toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva. O importante é colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer, enfim, à razão razões para evoluir.

Dentro dessa mesma ótica, Minayo (1994: 10) afirma que a ciência ainda “continua sem respostas e sem propostas para problemas essenciais, como a pobreza, a miséria, a fome, a violência”. Por esse fato, a metodologia é tão importante, pois orienta e auxilia o pesquisador no trabalho científico:

o método na realização de pesquisas não é algo determinante e, sobretudo, não deve ser confundido a uma receita. O que os métodos contêm e demonstram são um “olhar” diferente sobre a realidade. Os métodos do conhecimento auxiliam o pesquisador a pensar de determinada maneira e não de outra. (MEKSENAS, 2002: 105).

A opção metodológica é, portanto, o caminho que poderá ser escolhido pelo pesquisador na tentativa de compreender melhor o “objeto”/ problema.

O avanço de novas perspectivas metodológicas possibilitou, na percepção de Triviños (1987: 116), o confronto com a atitude positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos métodos das ciências naturais. Dentre as novas perspectivas, surgem os “programas de tendências qualitativas, para avaliar, por exemplo, o processo educativo, e a propor *alternativas metodológicas* (grifo meu) para a pesquisa em educação”.

Considera-se a abordagem qualitativa vinculada “diretamente” ao campo das ciências humanas, mais especificamente as ciências sociais, pois se reconhece que os aspectos sociais não podem ser totalmente quantificados. Ou melhor: “os significados das

ações, atitudes, aspirações e relações humanas não podem ser perceptíveis em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994: 21-22).

Uma pesquisa de cunho científico sobre os aspectos educacionais, nessa perspectiva, tem seu valor na medida que a compreensão empírica é “direcionada” e “orientada” por procedimentos metodológicos. Ao considerar a complexidade do espaço rural, mais precisamente os jovens no âmbito da agricultura familiar em Saudades, com as especificidades que envolvem esse contexto cultural, bem como as interações destes jovens com a escola e a família, tornou-se criterioso a adoção de *pesquisa qualitativa*. A complexidade e profundidade do tema fizeram emergir várias indagações que, de alguma forma, “solicitaram” como método empírico o *estudo de caso*.

O estudo de caso, conforme a descrição apontada por Lüdke e André (1986: 18), “ênfatisa a interpretação em contexto” e, sobretudo, “procura representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social”. Nessa perspectiva, as informações e registros coletados no *estudo de caso* foram analisados e avaliados de acordo com os princípios metodológicos da pesquisa qualitativa.

Apesar da pesquisa está orientada para uma descrição das trajetórias cotidianas dos jovens, não se trata, entretanto, de uma etnografia. Obviamente que alguns procedimentos metodológicos utilizados nesse método estiveram presentes, pois foi preciso estabelecer interações com a realidade investigada, como entrar na rotina dos sujeitos investigados; participar de seus ritos e de seu trabalho, conversar, rir etc. Todavia o estudo de caso permitiu, nesta pesquisa¹⁵, observar e descrever o cotidiano dos jovens, sem comprometer a exploração e a compreensão sociológica de como os jovens interpretam a realidade que os rodeia.

O método do estudo de caso possibilitou, nesse sentido, uma análise compreensiva da realidade social, uma vez que o conjunto de significados que os sujeitos atribuem a suas vidas e às relações sociais foram imprescindíveis para o objetivo desta pesquisa.

Segundo Triviños (1987), numa pesquisa qualitativa é preciso considerar a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, e apoiar em técnicas

¹⁵ A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas. A primeira, em julho 2005; a segunda, em setembro. Ao todo foram 30 dias de pesquisa de campo. O tempo utilizado para a transcrição e sistematização dos dados empíricos foi de dois meses, sendo os meses finais dedicados para a sua análise e para a redação final da dissertação.

e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações. Neste sentido, talvez sejam a *entrevista semi-estruturada*, a *entrevista aberta ou livre*, o *questionário aberto*, a *observação livre*, o *método clínico* e o método de *análise de conteúdo* os instrumentos mais decisivos para estudar os processos e produtos nos quais está interessado o “investigador qualitativo”.

Na percepção de Lüdeke e André (1986: 35) ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. “Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente”.

Dessa maneira, para obtenção de dados qualitativos, valorizei como estratégia à observação, o trabalho com grupos focais e, sobretudo, dei ênfase às informações obtidas a partir dos questionários aplicados, nos registros de conversas informais nas escolas e nas propriedades, nas anotações de diário de campo, nas gravações sonoras, sempre levando em conta a permissão dos sujeitos entrevistados, para o registro de conversas ou entrevistas e, principalmente, a entrevista semi-estruturada ou não-diretiva. De fato, além de estimular na descontração e espontaneidade entre entrevistador e entrevistado, esse tipo de entrevista, na visão de Thiollent (1982: 85),

“contrariamente à entrevista dirigida, não propõe ao entrevistado uma completa estruturação do campo de investigação: é o entrevistado que detém a atitude de exploração. A partir da instrução (*consigne*) transmitida pelo pesquisador, por exemplo: *Pode me dizer o que a escola e a família representam para você?*(exemplo alterado e vinculado ao projeto em questão), o entrevistado define como quiser o *campo a explorar* sem se submeter a uma estruturação pré-determinada”.

Ainda, segundo Thiollent (1982), o entrevistado é considerado, nesse ponto de vista, como portador de cultura que a entrevista não-diretiva pode explorar a partir das verbalizações, inclusive as de conteúdo afetivo. Porém, o mesmo autor (idem: 90), enfatiza o perigo de haver total liberdade do entrevistado nesse tipo de entrevista. Para dar conta disso, sugere uma “relação entrevistador/entrevistado, com liberdade do segundo e *atenção flutuante* do primeiro”.

É inegável reconhecer, entretanto, que o pesquisador aparece inevitavelmente situado, orientado pela sua história de vida, “movido por interesses, paixões, capacidades, papéis institucionais que não podem ser esquecidos nem vistos como impedimento ao conhecimento, mas sim considerados como elementos constitutivos do campo que torna possível a reflexão e a pesquisa” (MELUCCI, A. 2001: 19). Essa compreensão foi de grande valia para a pesquisa, pois quando eu estava em “campo” várias foram as circunstâncias que solicitaram esse entendimento.

Esses foram, com efeito, os principais “instrumentos” utilizados na pesquisa empírica ou de campo, enfocando os jovens – sem adoção de critérios etários rígidos, pois entendo que a categoria juventude é uma construção social, porém sempre em busca de apreender o que significa ser jovem no contexto da pesquisa – inseridos no contexto rural, mais especificamente no âmbito da agricultura familiar do município de Saudades.

Tomei como partida para a realização desta pesquisa, os jovens com idade entre 14 e 24 anos¹⁶ que estão cursando a 8ª série do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio. Para tanto, estabeleci inicialmente contato com as instituições públicas de ensino existentes no município de Saudades, no qual foram aplicados 153 questionários na primeira etapa da pesquisa de campo, com questões abertas e fechadas em três instituições de ensino básico do Estado, conforme o levantamento realizado a partir do questionário sócio-econômico cultural, aplicado aos jovens (estudantes) do município de Saudades/SC¹⁷.

Após a análise minuciosa do questionário aplicado¹⁸, selecionei na segunda etapa da pesquisa de campo, 53 jovens dos 153 entrevistados¹⁹, 06 professores e 09 pais para a realização de entrevistas semi-estruturadas que, segundo minha avaliação, se constituíram

¹⁶ Para Durston (1997: 06), não é tão importante definir os limites etários para a juventude rural, mas é fundamental: “tener presente estas fases para poder ver los procesos que son más relevantes para cualquier tema específico de investigación o acción. (...) los fenómenos, procesos, y problemas que caracterizan la etapa juvenil empiezan a manifestarse, gradualmente, a diferentes edades em diferentes contextos, pero tienden universalmente em América Latina a cobrar maior fuerza em la etapa de edad de 15 a 24”. Para esta pesquisa, não adotamos critérios rígidos de idade; trabalhamos a juventude enquanto construção social. A juventude no campo, por exemplo, pode prolongar-se além dos 30 anos quando não se resolve de maneira adequada “a transição aos papéis e direitos adultos” (CEPAL, 1996: 24).

¹⁷ Ver anexo II – Tabelas

¹⁸ Os questionários foram aplicados aos jovens (estudantes) nos dias 28, 29, 30 e 01 de junho de 2005

¹⁹ Não houve um critério rígido de seleção, porém dado a grande quantidade de jovens entrevistados, foi necessário delimitar esse número utilizando como critério principal: jovens que vivem no “interior” e trabalham na agricultura familiar. Todavia, destes 53 jovens, selecionamos 6 que viviam no perímetro urbano e 45 que viviam nas “linhas do interior”. Além destes, optamos por 2 jovens (não estudantes) que conhecemos nas propriedades.

em “peças” importantes para o levantamento de algumas informações substâncias para a temática de pesquisa em questão.

Cumpru ressaltar, entretanto, que não elaborei questões distintas para o pai e para a mãe²⁰, as perguntas foram às mesmas e a ênfase recaiu sobre aquele que esteve disponível no momento em que fui entrevistar os jovens em suas propriedades. Observei também no decorrer da entrevista, se havia jovens originários destas famílias que deixaram o campo para “trabalhar” nas áreas urbanas, com a finalidade de obter informações pertinentes para os requisitos desta pesquisa.

Visando dar consistência ao trabalho analítico optei, ao longo do caminho, em levantar algumas hipóteses que pudessem nortear a pesquisa. Nesse sentido, coube levantar essas hipóteses, submetendo-os, sem cessar, ao crivo da crítica, seguindo a orientação de Becker (1998): no exame das coisas (problemas) que despertam atenção, os cientistas lançam hipóteses que possam facilitar uma compreensão mais sistemática do problema. Hipóteses que podem ser construídas, na própria pesquisa empírica. Entretanto, não há evidências completas na formulação de hipóteses, “porque se houvesse teríamos certezas e não hipóteses”. Com base nisso, formulei os seguintes pressupostos de trabalho: 1 – as trajetórias cotidianas dos jovens são marcadas pelas transformações na agricultura familiar nos últimos anos, sobretudo, no que diz respeito aos projetos individuais e coletivos (projetos que envolvem a família como um todo); 2 – os jovens tem vivenciado uma ambigüidade de valores dentro e fora da família, reflexo da proximidade entre uma cultura “urbana” e moderna, com a cultura “rural”. Esse aspecto, por sua vez, tem influenciado o universo de significação dos jovens e “abrindo” a possibilidade de combinar os dois “mundos”; 3 – a educação formal e a inserção no mercado de trabalho urbano têm sido assimilados – tanto pelos pais, quanto pelos filhos – como “alternativas de renda e sobrevivência” para a unidade familiar.

Com a pretensão de dar “luz” as questões principais do trabalho e as hipóteses “lançadas”, procurei me apoiar em alguns pressupostos teóricos que auxiliaram e serviram de sustentação para a problemática de pesquisa em questão. No que diz respeito à conceituação de juventude – importante para os propósitos deste trabalho – recorri a alguns autores que possibilitaram uma compreensão mais ampla da condição juvenil, ou seja, para

²⁰ Ver Anexo I – Questionário.

além da visão que enxerga a juventude como fase de vida ou a partir de critérios etários, entre eles destaco: Pais (1993); Margulis (1996); Melucci (2001) e Durston (1997).

Para uma caracterização mais precisa da agricultura familiar e juventude rural, bem como para uma discussão mais fértil sobre a realidade agrária, em especial no Oeste Catarinense utilizei, entre outros, os seguintes autores: Tedesco (1999, 2001); Wanderley (1997, 2000, 2000a); Lamarche (1997); Carneiro (1997, 1998, 2004); Schmidt (2003).

Na discussão sobre as instituições socializadoras (como a família e a escola), vários foram os autores que nos auxiliaram: Romanelli (2003) que trabalha a relação entre família e escola; Abad (2003: 25): que discute a crise das instituições tradicionais de socialização, afirmando que estas não “criam” possibilidades de vivenciar a juventude. Da mesma forma, em autores como: Charlot (2001); Gómez (2000); estes sustentam que a escola, enquanto instituição socializadora, e apesar de ser um espaço ambíguo e, sobretudo, de condicionar os jovens a continuarem reproduzindo o *status quo* – assumido como natural pela ideologia dominante – esta acaba sendo um dos poucos lugares de relativa autonomia e de sociabilidade.

Para efeitos de investigação e propósito desta pesquisa, entretanto, coube outras perguntas – além das duas questões norteadoras – que serviram como “ferramentas” de investigação, a saber: O que significa ser jovem? Ou o que significa ser jovem do “interior” e jovem da “cidade”? É possível falar de “moratória social” no campo? Como é a trajetória desses jovens nos espaços de socialização, como a família e a escola? Que jovens são²¹ esses que procuram os centros urbanos? Quais os significados que eles atribuem a agricultura familiar?

Organizando o Caminho

No intento de sistematizar o arcabouço teórico da pesquisa em questão, bem como os dados empíricos de minha caminhada, optei por organizar da mesma forma os “cruzamentos” que se fizeram no decorrer da pesquisa, da seguinte maneira: no início desta dissertação optei por fazer uma grande introdução que respondesse os anseios iniciais de

²¹ Utilizo essa indagação para facilitar a compreensão, pois esta pergunta (quem são), como bem afirma Vieira (2004: 17), pode nos conduzir a uma única resposta, simplista e unilateral (somos isto), como se tudo o que somos fosse plenamente definível e imediatamente identificável.

minha caminhada, os pressupostos metodológicos de orientação, a justificativa e objetivos, da mesma forma as dúvidas, as hipóteses e as perguntas e, sobretudo, que possibilitasse a organização dessa longa caminhada de pesquisa. Tudo isso foi esclarecido aqui na introdução, antes mesmo da inserção, propriamente dita, nos pressupostos teóricos e nos dados empíricos da pesquisa.

No primeiro capítulo, faço uma discussão em torno das noções de “rural” e “urbano” visando dá suporte para o trabalho em questão e, acima de tudo, superar a “lógica dualista” que permeia o debate sobre este assunto. Além disso, falo sobre as transformações econômicas e sociais ocorridas na agricultura familiar no Oeste Catarinense e, sobretudo, procuro compreender a realidade sócio-cultural do Município de Saudades, tendo o cuidado de avaliar a perspectiva da agricultura familiar nesse contexto.

No segundo capítulo desta dissertação, procurei discutir e tecer alguns diálogos entre teoria e dados empíricos, tendo em vista aprofundar a compreensão acerca das trajetórias cotidianas dos sujeitos pesquisados: “jovens rurais”. Por conta disso, foi preciso toma como base alguns pressupostos teóricos para discutir a categoria juventude, tendo como propósito entender algumas das especificidades culturais que fazem parte das trajetórias dos sujeitos desta pesquisa.

No terceiro capítulo, analiso os espaço de socialização, tendo a família e a escola como foco desta análise e, sobretudo, procuro acompanhar as trajetórias de socialização dos jovens nesses espaços e apreender os significados que emergem dessas trajetórias.

No quinto e último capítulo, procuro fazer algumas “amarrações” entre juventude, família e escola, com o objetivo de melhor compreender as trajetórias cotidianas dos jovens investigados. Tento neste capítulo, mostrar que os projetos individuais ou os planos de vida dos jovens do “meio rural” estão cada vez mais caracterizados pelo intenso contato com o “mundo rural” e “mundo urbano” e pela relação desses jovens com os espaços de socialização.

Penso que todas as questões mencionadas até o momento podem ser “melhor compreendidas” ou talvez “clareadas”, na medida em que os textos forem sendo decifrados nestes capítulos construídos ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO I

CAMINHOS DO OESTE CATARINENSE

1.1 Uma incursão preliminar sobre a noção de “rural”

As primeiras inserções no campo de pesquisa foram marcadas por uma questão: como fazer algumas aproximações sobre conceito de juventude do meio rural? Essa sem dúvida, tornou-se uma questão importante para os propósitos do trabalho, porém extremamente delicada e complexa. Eu sabia, entretanto, da invisibilidade e dos estereótipos que cercam esta categoria. Por conta disso o meu desafio seria, então, torná-la visível mediante a compreensão do universo sócio-cultural dos jovens e, sobretudo, por meio da observação minuciosa de suas trajetórias cotidianas.

No decorrer do estudo, percebi que a conceituação de juventude tinha um recorte predominantemente urbano. Assim considerei equivocado, a priori, definir os sujeitos da pesquisa a partir desse recorte, mas era preciso investigar a pertinência ou não de utilizar essa categoria. Ao buscar a literatura sobre juventude, verifiquei que não se tratava de um conceito unívoco e homogêneo, pois diferentes áreas do conhecimento produzem diferentes formas de compreendê-la.

Na perspectiva de Carneiro (2004), a grande dificuldade na delimitação do que costuma se designar como “juventude rural” – categoria socialmente construída, caracterizada pela transitoriedade – reside também nas imprecisões quanto ao entendimento sobre a noção de “rural”, questão que se acentua com a intensa comunicação entre universos culturais e sociais do campo e cidade.

Um intenso debate tem ocupado o meio acadêmico em diferentes áreas disciplinares no esforço de construir parâmetros mais adequados à definição do “rural” na sociedade contemporânea. Apesar de o consenso não ter ainda se estabelecido, é possível falar de uma tendência à concordância quanto à necessidade de ampliar a definição do rural para além do setor agrícola. Este “rural” ampliado, que inclui um número cada vez mais diversificado de ocupações – o que lhe mereceu o rótulo de “novo rural” –, é resultado de processos recentes que têm transformado o mundo rural em um espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado (CARNEIRO, op. cit.: 245).

Para efeito deste estudo, considereei plausível discutir inicialmente a “noção de rural”, haja a vista o contexto no qual estão inseridos os jovens. A discussão sobre a noção de “rural” adquire uma importância crucial para as intenções deste trabalho, pois permite se aproximar de uma conceituação mais “precisa” e pertinente sobre os sujeitos desta pesquisa. Todavia, vale o alerta de Carneiro (2004):

(...) a noção de “juventude rural” além de conter esses grandes fatores de diversidade, guarda também diferenças internas em uma mesma localidade segundo as condições econômicas, as identidades de gênero, o grau de escolaridade, entre outras variáveis. (...) Este alerta é importante para termos em mente a impossibilidade de traçar um perfil da “juventude rural” brasileira ou de construir um padrão, um tipo ideal, do “jovem rural”.

Segundo Abramovay (1999: 06), não há um critério universalmente válido para a delimitação das fronteiras entre o rural e o urbano. Por exemplo: “na Espanha, Portugal, Itália e Grécia, são rurais os habitantes que vivem em assentamentos humanos com menos de 10 mil habitantes – e que guardem, bem entendido, uma certa distância dos centros metropolitanos”²². Já no Brasil o critério tem natureza mais administrativa que geográfica ou econômica. O que vale, portanto, não é a intensidade, “mas o fato de serem considerados administrativamente como urbanos ou não pelos poderes públicos ou por legislações municipais” (op. cit.: 06). Isso fica claro na própria definição utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1997) onde, por força do decreto lei 311, de 02 de março de 1938, consideram-se urbanas:

Todas as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora dos limites urbanos, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, o povoados e os núcleos.

²² Na França este limite é estabelecido em 2 mil habitantes. Vários países latino-americanos (Argentina, Bolívia, México, Venezuela, Honduras, Nicarágua, Panamá) adotam igualmente um limite populacional que varia entre mil e 2,5 mil habitantes na definição de população rural. Na Costa Rica, no Haiti, Uruguai e em Cuba são rurais as localidades com “características não-urbanas”. No Chile, além do patamar populacional a localidade rural deve ter menos de 50% de sua população ativa ocupada em atividades secundárias (DIRVEN, 1997: 79, apud ABRAMOVAY, 1999: 06).

Ora, se as sedes municipais e mesmo as distritais com algumas poucas centenas de residências são consideradas urbanas, então pode-se inferir que este critério contribui para uma certa subestimação da população rural e, sobretudo, acaba tornando-as um conglomerado disperso de pessoas, carentes da grande maioria dos bens e serviços que estão concentrados na área urbana, como afirma Wanderley (1997: 41):

O meio rural consiste assim no espaço de precariedade social. Seu habitante deve sempre deslocar-se para a cidade, se quer ter acesso ao posto médico, ao banco, ao poder judiciário e até mesmo à igreja paroquial. Se a pequena aglomeração cresce e multiplica suas atividades, o meio rural não se fortalece em conseqüência, pois o que resulta desse processo é freqüentemente a sua ascensão à condição de cidade, brevemente sede do poder municipal. Neste contexto, a única alternativa que existe para a população rural se resume em permanecer periférica ou se tornar urbana, através da expansão do próprio espaço rural, ou através do êxodo rural.

Valendo-se de uma noção completamente diferente da adotada pelo IBGE para definir o que é rural e urbano, Veiga (2002) entende que apenas 57% da população brasileira é, inequivocadamente, urbana. Sua tipologia combinou três critérios: o do tamanho populacional do município; sua densidade demográfica e sua localização (dentro ou fora de áreas metropolitanas) definindo assim uma “teia urbana formada pelos 455 municípios dos três tipos de concentração” (VEIGA, 2002a: 33). Os demais cinco mil municípios são enquadrados como relativamente urbanos, ou ambivalentes (567 municípios abrigando 13% dos habitantes); e essencialmente rurais (4.485 municípios onde residem 30% da população brasileira).

Na acepção de Sarraceno (1998, apud NEUMANN, 2003: 39), os elementos que definem o rural estão ancorados na idéia de não desenvolvimento. Para autora, o rural é definido em termos negativos, ou seja, só pode permanecer rural se não sofrer mudança ou se declinar. É impossível, nesta visão, para uma área rural desenvolver-se sem automaticamente tornar-se não rural. Nesta perspectiva, ainda segundo a autora (1996), os dois extremos do continuum urbano-rural são concebidos como vasos comunicantes em que, quase por definição, um só – o urbano – se enche, enquanto o outro – o rural – só pode, conseqüentemente, esvair-se.

A distinção dicotômica simplista entre núcleos de população urbana e rural, resulta pouco esclarecedora. Porém, isso sugere a existência de um *continuum* entre um ou outro lado, no qual o propósito é a modernização do campo e, concomitantemente, a exclusão do elemento tradicional. Na visão de Wanderley (2000) as teorias da urbanização do campo – levada às últimas conseqüências – e do *continuum* rural-urbano apontaria para um processo de homogeneização espacial e social e, sobretudo, colocaria fim a própria realidade rural, espacial e socialmente distinta da realidade urbana.

Na perspectiva de Mathieu (1990, apud STROPASOLAS, 2002) o conceito de *continuum* seria um modelo dialético, pois esta concepção não considera a dimensão espacial como um recorte próprio para a compreensão da vida social. Baseia-se, portanto, na percepção de que não é mais possível distinguir o rural do urbano e, ao mesmo tempo, não se pode mais falar em descontinuidade espacial entre cidades e campo. Para Wanderley (2001, apud op. cit.:58) as relações entre rural (campo) e o urbano (cidade) não eliminam as particularidades dos dois pólos e, sobretudo, não representam o fim do rural. Estes dois pólos são distintos entre si e encontram-se em intenso processo de mudança em suas relações.

É preciso, ao meu ver, sustentar a permanência do rural enquanto um espaço que possui uma certa integração, no entanto com diferenças e especificidades próprias. Da mesma forma é preciso superar a idéia de rural como um espaço homogêneo. De fato, “podem ser encontrados espaços agrários com características bem diferentes, com distintas participações de estilos urbanos no rural, constituindo regiões, no sentido genérico, com características particulares” (OREA, 1991, apud NEUMANN, 2003: 42).

Carneiro (1997) ao recusar operar com as oposições binárias: “rural” versus “urbano”, propõe pensar em espaços socialmente definidos, ocupados por grupos sociais diversos que mantêm relações distintas entre si e com os “outros”. É importante centrar a análise sobre os agentes sociais desse processo, e não mais sobre um espaço geográfico reificado. Assim será possível observar, por exemplo, que a distinção entre “cidade” e “aldeia” ou “urbano” e “rural” desaparece ou torna-se inútil como questão sociológica.

É plausível afirmar que os “laços” de comunicação entre os sujeitos do “campo” e da “cidade”, tornam-se cada vez mais intensos. Dito de outra forma, não é possível falar mais

na homogeneidade de padrões culturais, mas na diversidade de ações e práticas de universos sócio-culturais distintos:

Nesse processo de intensificação da comunicação entre universos culturais distintos, as fronteiras entre o “rural” e o “urbano” tornam-se cada vez mais imprecisas no que concerne às diferentes idealizações e projetos dos jovens. Contudo é certo que o resultado não aponta para a conformação de um todo homogêneo. Nesse sentido, seria temerário e simplista falarmos da urbanização do campo como expressão que qualificaria a perda da especificidade de um desses dois pólos (CARNEIRO, 1998: 20).

Isso muda, portanto, de forma substancial – em se tratando dos sujeitos desta pesquisa – o universo de *significações* dos jovens que vivem no “meio rural de Saudades”, pois este universo cultural, ainda segundo Carneira (op. cit.), não é mais sustentado única e exclusivamente na atividade agrícola”.

O entendimento da condição juvenil no espaço rural se constrói sobre o pano de fundo desse debate, ou seja, importa saber que os jovens são atores de uma nova reconstrução ou releitura cultural e social. Para Carneiro (1998: 19) o fato é que não se pode negar que hoje os jovens vivenciam cotidianamente uma “diversidade de sistemas simbólicos coexistentes e nem sempre concorrentes, do que resulta uma reelaboração e *resignificação* (grifo meu) de valores local. É necessário, segundo Maksud (1996, apud Carneiro, 1998) que se investigue como se organiza e se estrutura essa síntese que aproxima valores “urbanos” e “rurais”, tomando-se o cuidado de levar em conta a heterogeneidade da chamada “juventude rural”.

Essa discussão em torno da noção de rural torna-se importante na medida que possibilita entender a adoção aqui, neste trabalho, da categoria “juventude rural”. Além do conceito de “rural”, um breve apanhado sobre outra categoria: “agricultura familiar”, também é imprescindível para situar e contextualizar os sujeitos da pesquisa. Esse apanhado, portanto, será feito a seguir.

1.2 A Agricultura Familiar em foco

A utilização da categoria “agricultura familiar” nesta problemática de estudo está relacionada ao fato de que o conceito abrange características importantes para entender a

rede de significações que envolvem o *jovem agricultor*, uma vez que esse universo empírico, que caracteriza os agricultores familiares a partir de suas relações sociais de produção, possibilita à apreensão da diversidade existente no contexto da agricultura familiar.

O uso dessa categoria é importante na medida em que delimita sujeitos, famílias de agricultores e também espaços de “significação”, bem como universos onde se estabelecem relações pautadas por aspectos sócio-culturais específicos e, sobretudo, compartilham como base “comum” espaços sociais de socialização.

Existem alguns aspectos comuns que, segundo Tedesco (1999: 33), caracterizam a categoria “agricultura familiar”. Pode-se destacar: “1º- a diversidade de manifestações e particularidades; 2º- a ótica da continuidade-redefinição de formas, valores e tradições; 3º- a família como proprietária, trabalhadora e produtora”. Estes elementos, de certa forma, dão a especificidade da agricultura familiar; “porém esta particularidade não a isenta de seu grau de generalidade, pois reflete profundamente a dinâmica da sociedade moderna, que não apresenta tanta linearidade, nem tanta homogeneidade”.

Neste trabalho, a preocupação não centra-se somente nos modos de produção e nos aspectos que caracterizam a organização interna das unidades familiares, mas nos seus modos de vidas e, sobretudo, na diversidade de situações que envolvem os *sujeitos* (principalmente os jovens) no âmbito da agricultura familiar. A agricultura familiar, de acordo com Wanderley (apud BADALOTTI 2003: 39), passou a ser pensada em diferentes contextos que envolvem questões referentes aos movimentos de migração, ao crescimento do êxodo rural, a significação das fronteiras agrícolas, a ampliação das atividades rurais em sua relação com a produção, às motivações dos sujeitos, famílias e grupos sociais envolvidos com a luta pela terra e a reprodução social camponesa.

A agricultura familiar sempre ocupou, conforme destaca Wanderley (1996), um lugar secundário e subalterno em nossa sociedade, constituindo-se num setor historicamente bloqueado, impossibilitado de desenvolver suas potencialidades enquanto forma social específica de produção.

As mudanças ocorridas na agricultura familiar no Brasil, principalmente com o modelo produtivista que inicia-se na década de 1950 e intensifica-se na década de 1960, têm “ocasionado grandes desigualdades no meio rural, pois acelerou o êxodo rural, a

industrialização da agricultura e a sua tecnificação, sem, no entanto, proporcionar a distribuição equitativa do conhecimento e de oportunidades” (BLUM, 2001: 82). Esses fatores têm exigido, de acordo com a posição de Pereira (2001: 19), da sociedade e de instituições governamentais, intervenções como: o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF²³, que assegurem à agricultura uma viabilidade socioeconômica, envolvendo educação rural, desenvolvimento sustentável e organização da família rural.

Apesar da implantação de políticas públicas para o meio rural, mais especificamente a partir da década de 90 e do alcance social dessas políticas, o fato é que grande parte dos agricultores familiares do oeste catarinense continuam descapitalizados e com dificuldades para retomar seu crescimento. Esse aspecto afeta, sobremaneira, a juventude rural que aparece, de acordo com a percepção de Carneiro (1998), como grupo social mais prejudicado por essas transformações – principalmente do ponto de vista econômico – que afetam à agricultura de base familiar:

A juventude rural surge como faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática pela dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura familiar (op cit.: 97).

Essas transformações econômicas e sociais presentes no universo da agricultura familiar e, acima de tudo, a diversidade de elementos que caracterizam o contexto familiar, se constitui peças importantes de investigação. Por este fato, procurei observar, neste universo de socialização, os valores e os costumes com os quais os jovens aprendem a conviver, “pois é na convivência cotidiana que os mesmos vão reelaborando valores, normas que lhes são passadas pelo grupo familiar-social” (SILVA, 2002: 111).

²³ O PRONAF foi elaborado no ano de 1996 pelo Ministério de Agricultura e Abastecimento, por intermédio da Secretaria Nacional de Desenvolvimento Rural e se propõe a promover “o fortalecimento e a melhoria de vida dos agricultores mediante a criação de oportunidades de ocupações produtivas, possibilitando a reconversão, geração de renda de forma desconcentrada, uso sustentado dos fatores ambientais, redução da migração campo-cidade, ampliação do acesso aos serviços públicos, modernização do processo produtivo e redução das desigualdades sociais” (Silva, 1998).

1.3 Caracterização da Região Oeste de Santa Catarina

Com o objetivo de compreender melhor os aspectos socioeconômicos da agricultura familiar no contexto da pesquisa empírica, procurarei discorrer um pouco sobre a região escolhida como “*locus*” de pesquisa, buscando caracteriza os aspectos sociais e econômicos desta região e, sobretudo, tentar identificar algumas das características que fazem dessa região a maior concentração de pequenas propriedades de economia familiar do Estado de Santa Catarina.

No caso específico da Região Oeste Catarinense, a maior parte dos agricultores familiares são identificados como os “outros”, como “colonos”²⁴, ou seja, como um universo onde haveria a predominância de descendentes europeus, principalmente italianos e alemães, que se contrapõem à categoria dos chamados *caboclos* e *brasileiros*. Esse fato se consolida a partir dos primeiros anos do século XX, uma vez que a região oeste do Estado de Santa Catarina começa a ser ocupada por famílias de agricultores (italianos e alemães) procedentes, principalmente, do Estado do Rio Grande do Sul. Estas, por sua vez, começaram a gerar produtos em pequenas propriedades agrícolas de economia familiar (MELLO; SCHMIDT, 2003).

Nessa região o processo de modernização da agricultura – enquanto lógica de mercado “organizada de uma maneira capitalista” (STÉDILE, 2002: 318) – tornou-se uma realidade, “enxugando” com isso a extensão de terra destinada a cada unidade familiar de produção. Além disso, esse fator “acelerou, na percepção de Flores (apud. ABRAMOVAY, 1998: 09), o processo de marginalização dos agricultores familiares, contribuindo para aumentar o êxodo rural e o esvaziamento das pequenas cidades do oeste catarinense”.

O processo de desenvolvimento do capitalismo no campo, mais especificamente na agricultura de base familiar, entre outras coisas, gerou e vem gerando um processo de exclusão social sem precedentes. Esse processo que, de acordo com Silva (2002: 139), se desenvolveu com maior intensidade a partir da década 1980,

²⁴ *Colono* significa viver numa colônia, de preferência possuir um pedaço de terra suficiente para a sobrevivência, comumente o mínimo equivalente a uma colônia (25 há); é uma designação mais presente no Sul do Brasil, espaço de maior influência do colono/imigrante europeu (TEDESCO, 2001).

foi profundamente excludente de modo também que a modernização foi um processo brutal de concentração da produção, de concentração de renda e de geração, de outro lado, de sua face de miséria. O desenvolvimento do capitalismo se fez gerando profundas riquezas, concentrando riquezas e concentrando, acima de tudo, miséria.

Outra conseqüência deste desenvolvimento para a população do campo é a subordinação da produção familiar ao capital e, sobretudo, ao modelo de modernização²⁵ que têm “empurrado” os agricultores familiares a se integrarem aos complexos agroindustriais. Os maiores grupos industriais detêm as maiores propriedades de terras rurais por estados e são também os maiores proprietários rurais desses complexos:

Suas estratégias de concentração e intensificação da atividade têm provocado exclusão de agricultores, degradação dos recursos naturais, especialmente da água e do solo, e esvaziamento de comunidades rurais. O chamado processo de “expansão vertical” pressupõe a intensificação mais rápida da produção, aumentando a pressão sobre as unidades agrícolas familiares e, no limite, levando ao seu desaparecimento (SCHMIDT, 2003: 267).

Embora se discute, conforme aponta Schmidt (2003: 265), o papel da agroindústria de pequeno porte gerida pelos agricultores familiares, diante das novas propostas de desenvolvimento sustentável, apresentando seu potencial como instrumento capaz de proporcionar uma nova forma de gestão de território e ampliação de oportunidades de trabalho e renda principalmente para os jovens, quem continua perdendo com a concentração da produção ainda são os pequenos produtores rurais, ou seja, os agricultores familiares que utilizam a atividade agrícola tendo em vista a busca da auto-suficiência na produção de alimentos para a unidade familiar.

O modelo de agricultura brasileira é “medularmente capitalista” (GERMER, 2002). Esse modelo, por sua vez, é constituído em grande parte pela presença de grandes latifundiários, ou seja, da burguesia agrária que tem seus interesses implantados na

²⁵ Esse processo se consolidou com os discursos de modernização da agricultura a partir das décadas de 1960 e 1970 – no auge da revolução verde –, implantados principalmente pelas Missões Rurais no Rio Grande do Sul e Extensão Rural no oeste de Santa Catarina, no qual trouxe sérias implicações sociais e econômicas para a agricultura familiar no oeste catarinense e, conseqüentemente, para atual “estado” de exclusão da juventude rural agrícola. (WESCHENFELDER, 2003) e (SILVA, 2002).

exploração do trabalho rural. O Brasil há trinta anos atrás tinha 60% da população rural; hoje não tem 30%. Segundo Germer (2002: 149),

“isso quer dizer, por mais que a gente levante essas histórias do capitalismo destruindo aqui, recriando ali, o líquido é sempre negativo. A população rural está desaparecendo, os pequenos agricultores estão sendo dizimados, o futuro da pequena produção agrícola no capitalismo é ser destruída e o pequeno agricultor ser proletarizado”.

Vivencia-se na realidade agrária brasileira, um sistema de produção baseado na exploração do trabalho alheio, algo diferente do trabalho de base familiar, onde a família trabalha, em tese, para ela. No âmago do atual desenvolvimento do capitalismo na agricultura, é fácil entender os mecanismos de controle utilizados, principalmente, a partir das décadas de 1950 e 1960. Nesse período ressaltava-se um discurso muito forte de modernização do campo e dos rurícolas, assumido pelas Missões Rurais no Rio Grande do Sul²⁶ e pelos programas de Clubes 4-S²⁷.

Tal discurso, segundo Weschenfelder (2003), tinha como imperativo fortalecer a aliança entre escola e família, tendo em vista o desenvolvimento de campanhas contra a doença, a preguiça, a ignorância e a improdutividade. Todo aparato político e tecnicista que visava educar, mais especificamente, os sujeitos do campo; tinha, por assim dizer, como objetivo intensificar o processo de desenvolvimento do capitalismo no campo, através – como se observa hoje – da industrialização da agricultura.

A agricultura passou, principalmente a partir da década de 1970, conforme destaca Tedesco (2001:116), a ser grande fornecedora de matérias primas e mercado consumidor de máquinas e insumos modernos, viabilizados pelo Estado, que procurou montar um sistema de crédito subsidiado com o intuito de acelerar esse processo, dando maiores possibilidades de capitalização e lucratividade a grande propriedade. Dentro desse espaço, a pequena produção que consegue sobreviver é obrigada a organizar-se em novas técnicas e a se

²⁶ Na década de 1950, foram criadas a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e o Serviço Social Rural (SSR), com a finalidade de desenvolver projetos para educação rural e programas de melhoria de vida das populações do campo. Um dos projetos da CNER, foi as “Missões Rurais de Educação” que tinha, entre outras coisas, a família como alvo da ação de controle e de ensinamento (WESCHENFELDER, 2003: 128).

²⁷ O significado da sigla 4-S pode ser expresso da seguinte maneira: “Saber, Sentir, Servir e Saúde”.

integra ao sistema, muitas vezes especializando-se numa cultura ditada pelo mercado ou pela agroindústria.

Ainda segundo Tedesco (2001: 142), “o modelo de modernização da agricultura, tem como foco fomentar a agroindústria e fazer com que a unidade familiar se insira na forma integrada de produção”. Os produtores familiares de Saudades, por sua vez, percebem a integração aos complexos industriais, como uma estratégia de reprodução social e sobrevivência da unidade de produção²⁸. O modelo produtivista busca fortalecer de forma sistêmica à integração do colono com a agroindústria e, em muitos casos, essa é a trajetória adotada e aceita por muitas famílias. Observa-se, entretanto, que grande parte das pequenas unidades familiares de Saudades, são excluídas das formas modernas de produzir²⁹. Outras, porém, apesar de estarem integradas, sofrem “constantes redefinições em virtude, muitas vezes, de problemas de insuficiência de terras em relação à força de trabalho disponível como à acumulação em termos mecânicos e técnicas de produção” (TEDESCO, 2001: 142)

O estudo da evolução histórica das políticas dirigidas ao setor agroalimentar em Santa Catarina, por exemplo, “mostra que as aplicações de crédito rural, os programas de extensão rural – apesar de ser aceitas as evidências do fracasso desse modelo sob o ponto de vista social e ambiental – continuam a privilegiar as ações de concentração e integração ao modelo agroindustrial” (SCHMIDT, 2003: 267).

É necessário ressaltar que a falta de incentivo às pequenas propriedades de economia familiar, se configura como um dos atuais problemas do oeste catarinense. No município de Saudades, é possível perceber as dificuldades de organização e funcionamento do conjunto do sistema família-unidade de produção. As estratégias voltadas para minimizar os riscos e investir na melhoria e ampliação das condições de trabalho e da produção familiar esbarram, quase sempre, em questões econômicas.

²⁸ Esse fato é perceptível, no seguinte depoimento: *nós temos bastante agricultores integrados que trabalham em parceria com as agroindústrias, então aquele agricultor que não tem condições de inovar e de acompanhar essa integração, não consegue reproduzir... se sustentar, então essa é uma das grandes dificuldades da permanência né, muitos jovens e muitas famílias estão deixando a atividade rural por isso* (fala de uma “mãe agricultora”);

²⁹ Observa-se isso, no seguinte depoimento: *a modernidade, a tecnologia, a inovação, ela tem que vir com um sistema de inclusão e não de exclusão né, então assim a própria realidade nossa de agricultura familiar ela não... ela muitas vezes não dá condições do agricultor acompanhar entendeu a modernidade* (fala de uma professora).

1.4 O Município de Saudades

A pesquisa de campo foi realizada no município de Saudades (SC), situada na Microrregião geográfica do Entre Rios, Oeste de Santa Catarina. O município em questão é marcado pela forte presença de índios e caboclos e, posteriormente, pela presença de “colonos” europeus. O processo de colonização, nesse município, se deu em 1930 quando vieram os primeiros agrimensores para fazer a demarcação da terra para a Companhia Territorial Sul Brasil e, em 1931 instalaram-se as primeiras famílias de origem germânica, oriundas também do sul do País.

Na década de 30 o processo de colonização na região expandiu-se, e os primeiros colonizadores vindos do Rio Grande do Sul instalaram-se às margens do rio Saudades, transformando suas vidas e a região com base na agricultura de subsistência.

Em 1950, Saudades foi considerado Distrito de Chapecó, em 1954 fez parte de São Carlos e no dia 30 de dezembro de 1961 foi Emancipado.

Situado à 65 km de Chapecó e 630 km da capital Florianópolis, o município tem na Agropecuária o cultivo e a comercialização do milho, soja, feijão, fumo e mandioca, além da criação de suínos, bovinos, aves e gado leiteiro. No pólo industrial destaca-se o setor de eletrificação, moveleiro e confecções.

Atualmente o município de Saudades conta, conforme Censo Demográfico de 2000, com 8.175 habitantes, sendo que 34,8% - 2.845 habitantes residem em área considerada urbana e 65,2% - 5.330 habitantes no espaço considerado rural. De acordo com o relatório de 2005 – primeira fase do Plano Diretor do Município de Saudades³⁰ – a população caracteriza-se como jovem, sendo 43,66% com idade entre 0 a 19 anos e, 34,7% com idade entre 20 a 39 anos. Segundo o levantamento realizado em 2005 pelo Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Saudades – SINTRF³¹, no município o número de jovens com vínculo na agricultura familiar chega a 500, e a média de membros nas famílias rurais é de 04 pessoas, já o número de domicílios rurais é 1200 e o número de famílias que possuem área própria é 950.

³⁰ Esses dados foram obtidos após a leitura da Primeira Fase do Relatório do Plano Diretor do Município de Saudades/SC-2005. Eu fui uma das poucas pessoas que tive acesso ao relatório, já que este não tinha sido – até o momento – divulgado publicamente.

³¹ Esses dados foram levantados aleatoriamente – já que não havia nenhuma pesquisa sistematizada – por dois funcionários do sindicato, no ano (2005) em que estive fazendo a pesquisa de campo.

De acordo com os dados apresentados pelo Plano Diretor 2004/2005, houve no município nos últimos anos, um crescimento de atividades não-agrícolas, como as indústrias de confecção e móveis. Ainda segundo esses dados, há demanda de mão de obra qualificada nas áreas de confecção³² e fabricação de móveis, sendo o setor secundário e posterior o terciário³³ que mais geram empregos.

No que se refere ao setor primário – parte que nos interessa para os propósitos desta pesquisa – é formado predominantemente por pequenas propriedades com topografia acidentada. Saudades conta com 1439 propriedades rurais, onde 40% possuem menos de 10 hectares e 42,6% possuem entre 10 a 20 hectares, caracterizando-se como pequenas propriedades com declividades acentuadas limitando as áreas aptas para as culturas³⁴. Na economia do município, a agropecuária representa 26% com o cultivo e comercialização principalmente do milho, fumo, feijão e soja, além da criação de suínos, bovinos, aves e gados leiteiros. A estrutura fundiária é um dos aspectos mais marcantes da realidade sócio-econômica do município de Saudades e Região. Saudades apresenta uma concentração de mini-fundiários, tendo uma topografia altamente acidentada, com solos inclinados e cobertos por alta pedregosidade.

Segundo os dados do Plano Diretor (2004/2005) do município de Saudades, os agricultores familiares do município dedicam-se a culturas anuais, sem “utilização de tecnologia reduzindo – de acordo com a posição da prefeitura – a produtividade”. Esses dados, ao meu ver, demonstram as intenções do poder público local. Ou seja: o fato de associarem tecnologia com produtividade permite afirmar o grande apreço – das políticas agrícolas locais – pelo processo de modernização da agricultura e pela lógica da produtividade.

É preciso considerar que nessa região de predomínio da agricultura familiar, o processo de modernização da agricultura e a questão da migração para as cidades nunca

³² Conforme os dados que obtive na fábrica da UMBRO, são 600 empregos diretos, sendo que destes: 57 são jovens entre 16 a 18 anos e 100 jovens entre 18 a 25 anos. Cumpre mencionar, conforme levantamento feito junto ao RH da Empresa, que a opção nesse caso é pela contratação de jovens do interior.

³³ O setor secundário é formado pelas indústrias de confecção, calçados e móveis; estas se destacam na geração de empregos e movimentação econômica para o município. Destacam-se as empresas multinacionais UMBRO e KAPPA e a empresa nacional DRAY e, ramo moveleiro, a FINESTRA; já o setor terciário conta com a cooperativa agrícola de eletrificação rural-ceraçá, investindo no comércio local, ou seja, na venda de eletrodoméstico, artefatos de cimento e supermercado, além da distribuição de energia na área rural .

³⁴ Dados obtidos do Plano Diretor – 2004/2005.

deixaram de ser uma realidade, atingindo com muito mais ênfase a parcela jovem da população. Nesta pesquisa, os jovens do “interior” de Saudades que foram entrevistados, falaram das dificuldades em permanecer na agricultura familiar³⁵. A migração para outras cidades da região oeste catarinense, seja a trabalho ou a estudo, e a opção de trabalhar nas empresas na própria “cidade” sede do município, é a alternativa e, acima de tudo, o desejo de boa parte dos jovens de Saudades. Esse fato já tinha sido apontado, por sua vez, por uma pesquisa realizada no município de Saudades em 1998 (ABRAMOVAY, et al, 1998: 21)³⁶: “a associação de vários fatores adversos gerou um quadro de descapitalização de significativa parcela dos estabelecimentos agrícolas, intensificando o êxodo rural e regional, especialmente dos jovens”.

O êxodo rural está intimamente relacionado com o processo de industrialização da agricultura e a perda de “importância do pequeno produtor, uma vez que esta é correlata à perda de importância da própria agricultura *familiar* (grifo meu) e a sua substituição pelo complexo agroindustrial” (ABRAMOVAY, 2002: 99).

Além desses fatores, com efeito, outros aspectos são importantes para tentar compreender a problemática da juventude no âmbito rural – essa é uma das hipóteses do relatório elaborado pela UNESCO em 1998³⁷ – no que se refere aos temas ligados ao processo sucessório, pois este é um elemento importante na compreensão da imbricada rede de relações que envolvem agricultura familiar e juventude. A sucessão, portanto, torna-se uma categoria importante para compreender a evasão rural e a “condição” da juventude rural, conforme aponta outra pesquisa realizada no oeste de Santa Catarina:

os padrões sucessórios dominantes na agricultura familiar do oeste catarinense são hoje uma ameaça ao seu próprio desenvolvimento e, conseqüentemente, à integridade do tecido social do meio rural. Até 20 e 30 anos atrás, os jovens do meio rural seguiam as regras que formavam os destinos de seus pais e permaneciam no campo. (...) O atual processo sucessório deixa claro que acaba a naturalidade que existia entre o destino da

³⁵ Ver capítulos III e IV desta dissertação.

³⁶ Conforme os dados levantados pela pesquisa, somente no ano de 1997 mais de 80 famílias deixaram o campo. Inicialmente, o fluxo migratório, principalmente dos jovens agricultores, dirigiu-se para as indústrias de calçados do Vale do Rio dos Sinos no Rio Grande do Sul. Mais recentemente, com a crise no setor, os jovens estão emigrando para as grandes cidades para trabalhar no setor de serviços, mais especificamente em restaurantes e lanchonetes (ABRAMOVAY, 1998:21).

³⁷ Esse relatório se encontra disponível no trabalho coordenado por Abramovay, intitulado: **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

unidade de produção e o destino dos membros da família. (MELLO, et al, 2003b: 23).

Discussões em torno da agricultura familiar, na acepção de Flores (1998: 10), poderiam ser permeadas por projetos sociais – como tentativa de superar a invisibilidade social que sofrem os jovens – que abrangessem, acima de tudo, a problemática em torno da juventude rural. Tais medidas precisariam contemplar “ações que permitissem aos jovens encontrarem perspectivas de satisfação das suas expectativas”, criando no contexto local, alternativas para suprir as necessidades juvenis.

Penso que a compreensão das transformações da dinâmica no interior da agricultura familiar, tanto por influência de agentes externos quanto na sua própria capacidade de manter, se reproduzir e se adaptar aos movimentos da conjuntura socioeconômica, pode servir para entender a trajetória dos jovens no âmbito da agricultura familiar no Oeste de Santa Catarina, mais especificamente no município de Saudades.

É importante salientar que no caso específico da zona rural, por exemplo, as trajetórias cotidianas de socialização dos jovens, além do vínculo direto com os adultos da própria comunidade, passa pela sua vivência e integração gradual nas rotinas da produção rural familiar, interferindo de alguma forma nas suas maneiras de ser ou no modo de significar o “mundo”. Desde cedo, os jovens são incluídos nos afazeres mais leves do trabalho na roça, se for menino, ou nas tarefas domésticas, se for menina. Nesse sentido, para a família camponesa,

(...) como se reconhece que o pai é o principal socializador de um filho, também se reconhece que em hipótese alguma existe situação mais adequada do que o trabalho precoce para uma aprendizagem essencial, realizada como um ensino, mas fora do estudo. O trabalho é tanto o horizonte social e econômico para o qual se ensina, quanto o valor simbólico e afetivo da vida camponesa. A socialização de crianças e adolescentes é um lento aprendizado do repertório e da lógica das regras da vida cotidiana do lugar. E o desejo do trabalho (como sentido para a vida) é a matriz simbólica e afetiva das normas e da lógica camponesa. Mesmo quando no imaginário de um número grande de pais camponeses cresce a convicção de que o futuro dos filhos será cumprido na cidade como emprego ou negócio, eles entendem que é para e através do trabalho na roça, submetido aos adultos do grupo doméstico, que todos devem aprender e participar das atividades produtivas diárias. (BRANDÃO, 1990: 44-45).

Nesse processo, torna-se importante compreender os significados que os jovens atribuem a esse universo de socialização, levando em conta suas trajetórias de escolhas, conflitos e dilemas que fazem parte da condição juvenil.

Torna-se necessário analisar – levando em conta a problemática acerca das escolhas, conflitos, dilemas que fazem parte desse “período” da vida – o fato dos jovens na zona rural terem o desejo de ir às cidades exercidas pelo fascínio da vida urbana, que não diz respeito apenas à busca de alternativas de sobrevivência, mas também a outros fatores que terão que ser analisados cuidadosamente. Dentre os fatores, destaca-se fator relacionado a gênero³⁸, levantado por Abramovay (1998); entre os jovens da zona rural, é a juventude feminina, principalmente, que se encontra numa situação de conflito e questionamento, pois a tradição da agricultura, em que ser mulher é ter, por assim dizer, uma função regulada pela condição materna, vem gerando nestas o desejo e a vontade de vir para os centros urbanos:

As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este aspecto no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidade particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores. Diferentemente do que ocorria até o final dos anos 60, o horizonte que consistia em reproduzir quase automaticamente – em um quadro social marcado pela força dos laços comunitários – os papéis tradicionais de mãe e esposa é cada vez mais longínquo. Por um lado, são mais escassas as possibilidades objetivas de formação de novas unidades familiares de produção. Por outro, são maiores as alternativas de que dispõem as jovens àquele que foi o destino secular de suas antepassadas (op. Cit.: 16).

Outro fator que pode estar relacionado ao desinteresse das moças pela gestão da “propriedade” (MELLO, et al, 2003b: 23) e intensificando, sobretudo, o êxodo juvenil feminino é:

a penosidade do trabalho e a expressão da maneira como o poder se distribui no interior da família. A possibilidade de serem sucessoras, as responsabilidades, o planejamento, a participação, a apresentação social na qualidade de agricultores são, de certa forma, vedadas às jovens, contribuindo para que se afastem das atividades agrícolas e do espaço rural.

³⁸ Embora o trabalho encontra-se imbricado com outro tema, a problemática da “relação de gênero” se apresenta como um aspecto importante no tratamento das interações familiares, muito embora este não seja o foco central.

Face às essas questões, é necessário considerar que esses casos expostos acima são alguns dos fatores analisados – nesta pesquisa – entre os jovens “rurais” de Saudades. De maneira que estas questões exigiram a necessidade de aprofundar as análises acerca das trajetórias cotidianas desses jovens nesse município e, sobretudo, uma análise das instituições de socialização que estão presentes na vida desses jovens. Essas são, portanto, questões que serão melhor analisadas nos próximos capítulos.

CAPÍTULO II

JUVENTUDES: Trajetórias e Significações

2.1 Sobre Trajetórias Cotidianas e Significações

A expressão “caminho”, utilizada no início deste trabalho, também faz alusão aqui à idéia de “trajetórias” cotidianas. Por esse fato considerei pertinente a utilização dessa expressão e, sobretudo, do termo trajetórias porque traduz a “imagem” dos aspectos sociais e culturais presentes na realidade dos jovens investigados.

O acercamento dessa realidade, então, depende da compreensão das situações que compõem a vida cotidiana de nossos sujeitos. Depende, acima de tudo, do acompanhamento dos jovens e de “suas relações mais imediatas e regulares, de seus contextos individuais, de seus percursos e trajetórias, enfim, de seus próprios caminhos cotidianos”(PAIS, 1993: 15).

Além da importância de compreender as trajetórias dos jovens de Saudades, tornou-se primordial entender em suas falas, os significados atribuídos a esses caminhos percorridos no cotidiano. Mas, para ir por este caminho de análise, necessário é discutir conceitualmente o uso das categorias: “trajetórias cotidianas e significação”.

Mencionei no início que estas categorias estariam respaldadas no trabalho de Pais (1993), no qual o autor discute e esclarece seu entendimento sobre o assunto. Entretanto, é preciso adentrar neste debate recorrendo a outros autores, a fim de aprimorar ainda mais a análise. Desse modo, considero importante neste trabalho, discutir por um lado alguns pressupostos teóricos que dêem suporte ao debate em torno da problemática que envolve “trajetórias cotidianas e significação” e, por outro, estabelecer uma “plataforma” de compreensão que facilite a apreensão destes conceitos, a fim de mediar a nossa inserção no universo cultural dos jovens.

Cabe a princípio esclarecer o termo trajetórias procurando, como sugere (DÁVILA, GHIARDO e MEDRANO, 2005: 56), distinguir “trajetória” de “transição”. A transição seria um processo inevitável, “común a todo individuo y presente en todo momento histórico. Siempre y en todo lugar los niños crecen, se convierten en adultos”. Já a trajetória estaria posta em outro plano, no plano social, das posições que vão ocupando os sujeitos na

estrutura social. Portanto, “no es la secuencia que producen las distintas *fases* de geración de nuevos *individuos adultos* lo que importa al análisis de trayectorias”.

Todavía, cumple ressaltar, que as trajetórias são fatores que marcam as estruturas de transição, pois são nos percursos cotidianos que os jovens elaboram e planejam seus planos de vida. Conforme apontam Dávila, Ghiardo e Medrano (2005: 57):

“se en la actualidad los jóvenes estudien más años que en épocas anteriores constituye un fenómeno que ha cambiado la estructura de las transiciones y que sólo se entiende como expresión práctica de una estrategia, de una disposición orientada a asegurar el futuro”.

Ainda segundo esses autores (op. cit.: 63), as trajetórias descrevem – se forem expressas de uma maneira gráfica – os diferentes pontos ou coordenadas que ocupam um indivíduo ao longo de sua vida. Toda trajetória supõe, com efeito, uma biografia, uma história de vida protagonizada por um ator individual. Porém, “el análisis de trayectorias no se agota, sin embargo, em el relato secuencial, en la narración pormenorizada de esa historia”.

Neste trabalho, a concepção de trajetórias diz respeito à dimensão da vida cotidiana dos jovens rurais de Saudades. Isso quer dizer, que o importante é a compreensão do uso que os jovens fazem do presente e, sobretudo, traduzem em significados essas experiências.

A dimensão da vida cotidiana dos jovens e os significados que emergem a partir do uso que estes fazem de seu tempo cotidiano é, pois, uma relação que tentarei pôr em evidência ao longo deste trabalho. Entender como os jovens atribuem significados a realidade que os rodeia e o modo como vivenciam e objetivam suas experiências, passa pela compreensão de suas práticas e trajetórias cotidianas.

Para Luckmann e Berger (1997: 43), a linguagem comum de que os sujeitos dispõem para a objetivação e significação das experiências, funda-se na vida cotidiana e conserva-se sempre apontado para ela mesmo quando é empregado par interpretar experiências em campos delimitados de significação.

As objetivações que os homens fazem da vida cotidiana são “mantidas primordialmente pela significação lingüística. A vida cotidiana é, sobretudo, a vida como a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes” (Luckmann e Berger,

1997: 57). Por isso a compreensão da “linguagem juvenil”³⁹ é tão importante e essencial para entender a realidade da vida cotidiana dos jovens rurais.

Essa linguagem, de acordo com Luckmann e Berger (op. cit.: 58), tem origem e encontra sua referência na vida cotidiana. O cotidiano é a realidade que o jovem experimenta e que é “dominado por motivos pragmáticos (isto é, o aglomerado de significados diretamente referentes às ações presentes ou futuras) e que ele partilha com outros de uma maneira suposta evidente”.

Partilhar experiências faz parte dos percursos e trajetos da vida cotidiana dos jovens. É nesses trajetos que os jovens constantemente produzem e atribuem significados às experiências cotidianas. Os sujeitos inseridos na cotidianidade são atuantes e receptivos. Para Heller (1972: 17), o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “*em funcionamento* todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”.

O compartilhamento de significados entre os sujeitos se faz presente nas práticas e trajetórias cotidianas, pois é nestas que os sujeitos expressam certos significados. Porém, ao falar de significados compartilhados, não pode-se deixar de mencionar, segundo Pais (1993: 55, 56), no conceito de cultura:

(...) este deve ser entendido como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido. Esses *significados compartilhados* fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, cotidiano.

Para Geertz (1978: 15), o conceito de cultura⁴⁰ é entendido como sendo as teias de significados que os homens tecem cotidianamente e que, portanto, estão amarrados a elas. Assim, é possível afirmar que esse conceito de significado emerge de um determinado contexto cultural e que, por sua vez, é criado com o uso de símbolos. Os símbolos podem ser definidos como princípios cognitivos, tácitos ou explícitos, que os indivíduos utilizam

³⁹ Essa linguagem pode ser traduzida como as “próprias falas” cotidianas dos jovens.

⁴⁰ Penso que a categoria cultura é importante quando se trabalha num determinado contexto social e, principalmente, quando se utiliza à idéia de “significados”. Cumpre ressaltar, porém, que ela não será uma categoria norteadora deste trabalho, pois esta demandaria ferramentas e metodologias etnográficas.

no seu dia-a-dia e que dão sentido à sua vida cotidiana. Os jovens, na acepção de Pais (op. cit.: 61), utilizam “universos simbólicos” – quais nortes de orientação ou bússolas cognitivas – para desenvolverem as suas ações cotidianas:

A descoberta dos significados dos símbolos passa pela compreensão dos significados que esses símbolos têm para os indivíduos, mas vai mais longe do que isso: passa também pela compreensão do uso que os indivíduos fazem desses símbolos.

Ainda segundo Pais (op. cit.), a via escolhida para a compreensão das práticas simbólicas que dão força às práticas cotidianas dos jovens requer uma aproximação aos modos de vida a partir dos quais essas práticas simbólicas e respectivos significados emergem. Corroborando essa proposição proponho, então, como objetivo deste trabalho, analisar os jovens rurais de Saudades, tentando compreender os significados produzidos a partir de suas trajetórias cotidianas. Assim, tentarei falar do cotidiano observando as várias dimensões que perfazem a trajetória desses jovens. Antes disso, porém, farei uma discussão teórica sobre o conceito de “juventude”. Conforme será visto.

2.2 Considerações sobre o Conceito de Juventude

“La juventud no es un *don* que se pierde con el tiempo, sino una condición social con cualidade específicas que se manifiestan de diferente manera según las características histórico sociales de cada individuo”

Roberto Brito Lemus

Um olhar mais atento sobre a problemática da juventude, percebe o quão é complexa e ambígua esta categoria. Não há uma conceituação unívoca que possa categorizar “juventude”, uma vez que as discussões em torno dessa categoria estão imersas em determinadas questões sociológicas que demandam uma investigação criteriosa. Nota-se tais ambigüidades, por exemplo, na própria legislação brasileira⁴¹, onde os jovens são

⁴¹ Conforme o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que define como adolescência o período de 12 a 18 anos.

definidos em termos de limites etários. Da mesma forma a Organização das Nações Unidas – ONU⁴², considera jovens todos aqueles que estão na faixa etária de 15 a 24 anos. Contudo, tais definições são limitadas e não abrangem a problemática que envolve as suas experiências cotidianas e concretas. De fato, esse emblemático “período” não pode ficar simplesmente delimitado a critérios normativos. De maneira que, nesse tipo de compreensão, “prevalece à busca de aspectos mais uniformes e homogêneos que supostamente caracterizam essa fase da vida” (PAIS, 1993: 23), o qual restringi em muito a compreensão do jovem enquanto sujeito de direitos e, sobretudo, limita uma abordagem mais “sistêmica”⁴³ em relação aos fatores ou condicionantes histórico-sociais de construção da juventude. Portanto, uma vez compreendida a juventude na perspectiva da construção social, é possível situá-la além dos limites impostos pela divisão etária.

“A divisão etária é algo socialmente manipulado e manipulável; o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses comuns a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente”. (BORDIEU, 1983: 113).

O critério etário para agrupar sujeitos tende a condicionar uma idéia de agrupamento homogêneo com características comuns a uma determinada idade. Com efeito, Pais (1993) no intento de superar este viés homogêneo, propõe uma abordagem histórico-social que apreenda a categoria “juventudes” pela ótica da diversidade, pois acredita ser importante assinalar os limites das representações correntes sobre a juventude, ou seja, estabelecer rupturas com as visões paradigmáticas ou dominantes, fundadas em meras opiniões consuetudinárias. O que, na verdade, é um grande passo para superar as ambigüidades e contradições que aparecem na visão unitária e homogênea acerca da juventude. Esse exercício de olhar a juventude para além dos condicionantes meramente biológicos e homogêneos, também é apontado por Melucci (2001: 138), quando este afirma que: *la juventud no es una condición enteramente biológica, sino que también es cultural. Los*

⁴² Resoluções 40/14 (1985) e 50/81 (1995) da Assembléia Geral das Nações Unidas.

⁴³ Essa abordagem deve ser entendida para além da concepção mecanicista de interpretação da realidade. Nesse tipo de abordagem, há necessidade de um pensamento que “ligue o que está separado e compartimentado e, sobretudo, que conceba a relação do todo com as partes” (MORIN, 1995: 167).

individuos no son jóvenes porque (o solo porque) tengan una cierta edad, sino porque siguen unos ciertos estilos de consumo o ciertos códigos de comportamiento y vestimenta.

Nessa mesma perspectiva, Margulis (1996) enfatiza que em todas as sociedades o condicionante etário acaba sendo um dos eixos ordenadores da atividade social e assinala, sobre este mesmo ângulo, as limitações que carrega a palavra juventude:

esa palabra, cargada de evocaciones y significados, que parece autoevidente, puede conducir a laberintos de sentido si no se tiene en cuenta la heterogeneidad social y las diversas modalidades como se presenta la condición de joven. *Juventud* es un concepto esquivo, construcción histórica y social y no mera condición de edad. (MARGULIS, 1996: 11).

Ainda segundo Margulis (op cit.: 13), a classificação etária – enquanto “prescrição” biológica – não oferece uma compreensão histórico-social da condição juvenil, uma vez que os critérios utilizados repousam em grandes contradições:

Sin embargo, es evidente que en nuestra sociedad los conceptos generalmente utilizados como clasificatorios de la edad son cricientemente ambiguos y difíciles de definir. Infancia, juventud o vejez son categorías imprecisas, con límites borrosos, lo que remite, en parte, al debilitamiento de viejos rituales de pasaje relacionados con lugares prescritos en las instituciones tradicionales y, sobre todo, en los planos económico, social e cultural. (MARGULIS, 1996: 13).

Para Lemus (1996) a adoção da idade como critério para interpretar a condição juvenil é insuficiente e confuso, pois dentro dessa lógica o critério etário é tomado como ponto de partida para interpretação da mesma, deixando de lado outros fatores importantes. “La juventud tiene diversas formas de manifestarse y sólo una de ellas en su duración. Se debe agragar a ellas diversas variables como la clase social, el género, la región y desde luego, el momento histórico” (op. cit: 03)

Não deve-se confundir, segundo Lemus (op. cit.), critério etário (a idade) com o fenômeno sociológico (a juventude). A idade serve somente para delimitar um espaço etário com um fenômeno sociológico: a juventude.

La juventud no tiene la misma duración en el campo que en la ciudad, en las clases altas que en los sectores marginados, en las sociedades modernas que en la tracionales, incluso en ambos géneros. No podemos establecer, por

ello, un critério de edad universal, que se aplique al conjunto de la juventud, que sea válido para todos los sectores y en todas las épocas (op. Cit: 03).

Compartilhando desta mesma idéia, Pais (1993) propõe como desafio a desconstrução da juventude como representação social homogênea e ideológica e, em contrapartida, afirma que essa representação precisa dar lugar a uma interpretação sociológica dos problemas sociais que perceba “a juventude como uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. (PAIS, op cit.: 29).

Se analisar, por um lado, a juventude sob o viés da heterogeneidade como afirma Pais (1993), será possível entendê-la como diversidade ou como um conjunto social com atributos particulares que diferenciam os jovens uns dos outros. Por outro lado, se examinar apenas como uma “fase de vida” ou como aparente “unidade” pode-se “cair” em generalizações arbitrárias e, sobretudo, em modelos *paradigmáticos* (grifo meu) que não consideram a mudança social como elemento importante:

Quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma *fase de vida*. (...) os modos de existência juvenil são caracterizados por uma série de rupturas e percursos bastante diferentes uns dos outros. Parti, pois, da hipótese de que não há uma forma de transição para a vida adulta: haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (segundo a origem social, o sexo, o *habitat*, etc.) ou de ser *adulto*. (PAIS, op cit.: 33-35).

Trabalhar a problemática da juventude privilegiando, principalmente, o modo de ser, o contexto social na qual estão inseridos e, acima de tudo, as suas diferenças são elementos decisivos para compreender a construção social das *identidades*⁴⁴. Múltiplas e dinâmicas

⁴⁴ Embora o processo de investigação deste trabalho não seja sobre “identidades”, achamos importante para compreensão maior dos sujeitos desta pesquisa, mencionar nossa compreensão a respeito desse tema. Nesse caso, o conceito de identidade é aqui compreendido no sentido utilizado por Stuart Hall (1999: 13): “a identidade é definida historicamente, e não biologicamente. o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a

são as maneiras de ser jovem, bem como inacabadas são as formas de identificação (HALL, 1999). “Assim, em vez de falar da identidade dos jovens (grifo meu) como algo acabado (homogêneo), deve-se vê-la como um processo em andamento. (...) ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada” (op cit.: 38).

Dessa forma, um outro olhar sobre a juventude – levando em conta a dinamicidade de suas experiências cotidianas – servirá como base na compreensão das tramas de relações complexas a partir das quais os jovens se constituem. Sobre outro aspecto, é preciso considerá-la como um “período” de múltiplos conflitos, pois está em jogo, também, os papéis sociais que serão assumidos na fase adulta. “A juventude deve ser considerada uma fase crucial para a formação de cada um, quer se trate da maturação do corpo e do espírito, quer no que diz respeito às escolhas decisivas que preludiam a inserção na vida da comunidade” (LEVI e SCHMITT, 1996: 11).

É a partir desse viés de compreensão que tentarei elaborar uma discussão acerca da condição juvenil no contexto rural, dando ênfase aos aspectos cotidianos que foram observados e que perfazem a vida de muitos jovens que vivem nas “linhas do interior”⁴⁵ do município de Saudades.

2.3 Juventudes do meio rural: algumas aproximações teóricas

Um dos aspectos de extrema relevância para a problemática em questão é tentar traçar, inicialmente, alguns parâmetros teóricos que possam contribuir para a compreensão do complexo mundo no qual estão inseridos os jovens rurais, tendo em vista a superação dos estereótipos que cercam a “juventude rural”. Dessa maneira procuro realizar, no

morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

⁴⁵ As “linhas do interior” são todas as comunidades ou bairros do Município de Saudades. O Município é composto por 23 “linhas” e o Distrito de Juvêncio.

decorrer deste estudo, uma descrição dos problemas, expectativas e significados que esses jovens atribuem as condições de vida no espaço social e cultural que estão inseridos.

Quando se trabalha com a problemática da juventude de uma maneira geral, é necessário reconhecer que essa não é só uma etapa de transição da infância para a vida adulta. Da mesma forma, seria igualmente incorreto e incompleto procurar definir a vida adulta como uma etapa de preparação para a velhice.

La juventud rural, como la urbana, tiene necesidades a satisfacer, roles que desempeñar, y aportes que hacer a la sociedad, en el presente, en la etapa juvenil misma. La identidad sicosocial del o de la joven se logra en el distanciamiento de las figuras infantiles de identificación, en el cuestionamiento del mundo, en el desarrollo de un sistema de valores propios, en la búsqueda de autonomía personal frente a las figuras parentales, en la individuación dentro del mundo social en que vive, y (como tarea evolutiva central de la juventud) en la búsqueda constante de una respuesta a la pregunta “¿Quién soy yo?”. La elaboración de un proyecto vital futuro es, entonces, sólo uno entre estos diversos desafíos propios de la etapa juvenil (DURSTON, 1997: 08).

Dentro dessa ótica, Durston (op cit) sustenta que os processos característicos da etapa juvenil, ou seja, os projetos de vida dos jovens rurais estão no centro da reprodução social dos lugares, do futuro da agricultura familiar, da economia e sociedade rurais.

Na percepção de John Durston (op cit.), um dos aspectos mais graves que afetam a juventude rural na América Latina é, indubitavelmente, a sua *invisibilidade* social. Isso se deve, a falta de conceitos claros e de conhecimentos empíricos sobre a realidade sócio-cultural dos jovens no universo rural; criando-se, por conta disso, apenas estereótipos que contribuem para perpetuar a exclusão.

Boa parte dos programas nacionais de juventude, os quais possuem um forte recorte urbano, não são adequados as realidades específicas dos jovens rurais, o que de certa forma contribui ainda mais para a *invisibilidade*. Além disso, há uma “certa linha de pensamento que sustenta que o conceito de juventude rural é uma invenção relativamente recente e urbana” (DURSTON, op cit.: 02), sendo portanto insuficiente para compreender a complexa realidade juvenil em suas diversas manifestações concretas.

Essa invisibilidade é reforçada pela afirmação de Carneiro (1998: 01) quando essa afirma que os estudos sobre organização social do campo referem-se ao jovem rural apenas

na “condição de aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar, o que os tornam adultos precoces já que passam a ser enxergados unicamente pela ótica do trabalho”.

Nota-se que os pressupostos teóricos, os quais tentam dar conta da juventude rural, são permeados por um recorte unilateral, fruto da sociedade capitalista, da industrialização, da urbanização, da modernização e, portanto, “de la superación de la sociedad comunal, *tradicional, simple, rural*” (CANGAS, 2004: 04). No âmbito deste quadro ocidental, a juventude emerge como filha bastarda desta sociedade míope e *homogeneizadora* (grifo meu) e, sobretudo,

descansa en el meollo de la modernidad-urbana, es el fruto y motor de su expansión. (...) La carga semántico-teórica de “lo rural”, elaborada clásicamente desde la ideología de la modernidad industrial, es la arcadia atrasada, reactiva, conservadora, homogénea, con un sólo actor protagónico: el campesino, hombre y adulto. Por tanto, la juventud rural aparece como un interregno, una categoría sitiada en intersticios oscuros, casi invisibles (CANGAS, 2004: 04).

Os caminhos possíveis para a superação, segundo Durston (op cit.: 03), da *invisibilidad* e dos estereótipos acerca da juventude rural, são a combinação de “un marco conceptual adecuado a esta tarea, y datos empíricos desagregados que contribuyam a dar cuenta de la gran variedad de maneras de vivir la juventud em distintos contextos rurales”.

No intento de demarcar adequadamente os fatores da “condição juvenil” no âmbito rural, John Durston (1997) afirma que a etapa de vida juvenil não ocorre no mesmo momento em todas as sociedades, mas varia fortemente de um contexto sócio-cultural a outro. Da mesma forma, o mesmo autor (op cit.: 05) procura esboçar algumas fazes da etapa juvenil de vida, que podem melhor explicar os fatores que influenciam o modo de viver a etapa vida da juventude rural juvenil:

1. La adolescência y la fase escolar y de ayudante del padre o de la madre em sus labores (dividido entre la pre-adolescencia y la adolescencia post-uberal; 2. La fase juvenil plena, de parcial independización y de desarrollo de capacidades propias (“adolescência tardía”); 3. La fase de jovem semiadulto, incluida la condición de recién casado; y 4. La fase de paternidad/maternidad, pero sin independizarse en un hogar propio.

Nota-se, nestas etapas de vida, similaridades com as vivências de jovens urbanos, embora no campo os mesmos processos começam antes, e às vezes terminam antes (porém outras depois) que na cidade. Não é tão importante definir os limites da juventude rural em anos cronológicos, mas, acima de tudo, “tener presente estas fases para poder ver los procesos que són más relevantes para cualquier tema específico de investigación o acción” (DURSTON, 1997: 06).

Ainda segundo o mesmo autor (op cit.: 07) não basta apenas falar de juventude rural como se fosse uma população homogênea, temos que dar conta da “condição” do jovem rural, “situando-o em uma ampla gama ou espaços multidimensional de situações e perspectivas”. “(...) es necesario ter em cuenta la gran heterogeneidad de juventudes rurales, no solo entre países en la región sino también dentro de cada país”.

Nessa perspectiva, foi preciso tomar como referência no trabalho com os sujeitos da pesquisa, as idéias de Abad (2003, 2003a) acerca da distinção entre condição e situação juvenis. Para ele não se pode negar que “os jovens, inclusive os do meio rural, têm-se convertido numa categoria social, interclassista e comum a ambos os sexos, definida por uma *condição* específica que demarca interesses e necessidades próprias”(ABAD, 2003: 23). Spósito e Carrano (2003: 266) – com base em Miguel Abad – também fazem esta distinção: (...) una distinción importante entre la condición, modo como una sociedad constituye y significa ese momento del ciclo de vida y la situación juvenil que traduce los diferentes caminos que la condición juvenil experimenta a partir de los más diversos recortes: clase, género y raza.

Entender os diferentes caminhos e trajetórias dos jovens rurais, as diferentes maneiras de vê o “mundo” ou de atribuir significado a suas experiências concretas de vida, são as principais tarefas dos próximos itens.

2.4 O que significa ser jovem? As respostas dos jovens das “linhas” de Saudades

É uma fase legal, mas é puxada. Nesse período se prepara a terra para colher bons frutos no futuro;

(Luiz Augusto Wagner, jovem do “interior” – 2º série, turma 202)

: a juventude hoje em dia é muito divertida, mas não para mim, tenho 18 anos e quase só trabalhei.

(Marcelo Kroth, jovem do “interior” – 2º série, turma 202)

A discussão teórica apresentada até o momento almeja alcançar, de certa forma, uma conceituação plausível acerca da juventude rural que procure ter em conta a heterogeneidade de juventudes. Nesse sentido, qualquer trabalho de investigação sobre esse tema, requer uma análise minuciosa das situações, do contexto social e das trajetórias cotidianas que fazem parte da vida dos jovens. Em outras palavras, pode-se dizer que a compreensão desse fenômeno sociológico exigiu – para fins metodológicos – um acompanhamento das situações cotidianas dos jovens de Saudades, principalmente quando sugeri alguns encontros e desenvolvi trabalhos em grupo⁴⁶, propondo (a partir do levantamento de algumas questões) que estes falassem de suas vidas cotidianas nas “linhas do interior”. O meu propósito era saber o que *significa* ser jovem no meio rural, pois considerei importante para compreender a condição juvenil no meio rural.

A compreensão do que significa ser jovem no espaço rural de Saudades é um dos propósitos desta pesquisa. Por esse fato, elaborei quando fui pela segunda vez à campo, a seguinte questão de trabalho: O que significa ser jovem? A pergunta em questão torna-se, por sua vez, elemento importante na análise da condição juvenil no contexto local, pois possibilita a observação dos vários “olhares” (dos jovens sobre eles mesmos) e os estereótipos que permeiam as suas falas.

⁴⁶ Esses trabalhos foram realizados nas três escolas situadas no município de Saudades, assim que terminei a aplicação dos questionários, nos dias 01, 04, 05, 06 e 07 de julho de 2005. Para o segundo momento da pesquisa, iniciei desenvolvendo a dinâmica da caixinha, propondo que os jovens formassem equipes de discussão; cada equipe tinha que responder a seguinte questão: o que significa ser jovem? Após isso, os jovens depositavam suas respostas sem se identificar, o que possibilitou uma certa liberdade nas respostas.

Identifiquei algumas categorias ao analisar as respostas dos jovens, que são avaliadas por eles a partir de suas ações ou de suas trajetórias cotidianas em sociedade, que nem sempre coadunam com as posturas “normais” do mundo adulto. Mesmo que suas posturas não se enquadrem nos padrões “normais” de comportamento, penso que os jovens de Saudades acabam por reproduzir alguns discursos normativos que são incorporados, por assim dizer, nos espaços de socialização. Todavia, é preciso mencionar também o momento lúdico vivenciado pelos jovens em suas trajetórias, ou seja, suas falas apontam para o fato de que o lazer e a sociabilidade fazem parte de suas vidas cotidianas e, portanto, da condição juvenil de Saudades.

Antes, porém, de analisar seus depoimentos é necessário explicitar algumas categorias que, ao meu ver, estavam presentes em suas falas. Destaco, então, essas categorias: “o jovem sob a ótica negativa dos problemas”, “a instabilidade da fase juvenil”, “os jovens sob o ângulo da imortalidade”, “o fator responsabilidade nas ações juvenis” e “a questão da sociabilidade”. Dentre essas categorias, com efeito, começo pela seguinte:

2.4.1 O jovem visto como problema

Eis como estes jovens significam este “momento”:

A juventude está boa, mas o que deixa a gente triste é as drogas que muitos jovens usam;

são uns traidores, desmiolados, sem vergonha. Só envolvem com gente que não prestam;

o jovem de hoje não respeitam mais os pais, saem quando querem fazem “folia” na cidade, entram na violência... começam si drogar;

penso que os jovens de hoje são diferente daqueles de antigamente. (jovens do interior - da 8ª Série da Escola João Batista Fleck)⁴⁷

Nota-se, nestas falas, que os significados sobre *juventude* elaborados pelos jovens de Saudades são geralmente marcados ou permeados por ambigüidades, ou seja, estes

⁴⁷ Importa mencionar que estas foram respostas coletivas. Quando a resposta for individual, identificarei as falas da seguinte maneira: se for do sexo feminino – “F” e se for do sexo masculino – “M”.

reproduzem as imagens estereotipadas e estigmatizadas produzidas pela sociedade. Na enunciação acima, os jovens são percebidos ou vistos pela ótica negativa dos problemas, seja como protagonistas de “posturas desviantes”, assim como de uma crise de valores e de um conflito de gerações”, tal como meados dos anos 1960, seja, ou atrelada aos problemas de emprego e de entrada na vida ativa”, a partir dos anos 1970 (SPÓSITO e CARRANO, 2003: 270).

Ser jovem nestas falas, portanto, significa estar associado às noções de descontinuidade social e, sobretudo, estar centrado na reivindicação do prazer e independência. Esse fato, por sua vez, gera inúmeros conflitos com as instituições que classicamente vem cumprido o papel de agentes socializadores, isto é, a família e a escola. Tais posturas, muitas vezes, estão relacionadas com a recusa em entrar numa ordem social massacrante e sem sentido, que rejeita todas as aspirações de intensidade. (ABRAMO,1994: 34).

Enfocados como “problema social”, ora de quem a sociedade tem de se proteger ora a quem ela deve acolher, como observa Rua (1998), os jovens têm sido vistos pela ótica do negativismo, validando as políticas freqüentes de controle por parte do Estado (CAMARANO et al, 2004).

2.4.2 Juventude e o caráter de “instabilidade”

Na acepção de Spósito e Carrano (2003: 269) é preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude vem sendo considerada como etapa de vida marcada por certa instabilidade vinculada a certos problemas sociais. Além desse aspecto, temos a outra dimensão que considera os jovens apenas como sujeitos em transição, onde a vida adulta aparece como a condição por excelência a que se quer alcançar, caracterizada pela estabilidade plena, conforme apontam as próprias falas dos jovens entrevistados:

é uma fase boa, onde nos divertimos, mas é uma idade onde se deve tomar cuidado, pois a gente pode se perder nas drogas, nas más companhias, mas no interior é difícil acontecer isso. Enfim é uma idade muito boa, uma fase exemplar onde devemos nos divertir; os jovens de hoje em dia só querem pensar em arrumar namorada, mas não... os jovens devem pensar o que vão

fazer quando adulto; (jovens do interior - 8º série da Escola João Batista Fleck).

Nestas falas, os jovens se pronunciam associando a vida do “interior” com tranqüilidade, segurança e uma certa estabilidade proporcionada pela forte integração ao universo de valores sociais da comunidade local. O rompimento “acontece” – conforme se nota nas falas – pela vivência direta com “más companhias”, possivelmente com “outros jovens” – e neste caso são os jovens do perímetro urbano de Saudades – que cotidianamente convivem e “procuram, via de regra, no bando ou *grupo* (grifo meu) calor humano, coesão social e autoridade que não lhes trazem a família, nem o trabalho, tanto no colégio como na fábrica” (GUIGOU, 1968: 80).

É possível afirmar que o significado de “estabilidade” da vida adulta decorre – como se percebe na fala da jovem – da idéia de responsabilidade. Só irá conquistar essa “segurança” proporcionada pela vida adulta, o jovem que planejar a sua vida de forma responsável:

Muito jovens hoje em dia não pensam antes de agir, agem por impulso, às vezes não seguem os conselhos dos pais, acham que são os donos da verdade. Fazem coisas que futuramente podem prejudicar suas própria vida; mas assim é uma fase muito boa, mas deve ser aproveitada com responsabilidade; (jovem, “F”, do interior - 2º série da Escola Rodrigues Alves)

A fragilidade da visão que atribuir o caráter de instabilidade à juventude em oposição à estabilidade da vida adulta, segundo Vianna (1997), não consegue perceber que a sociedade está sempre em processo de transformação. É preciso indagar, porém, que a fala da jovem acima simplesmente reproduz aquilo que é incorporado no âmbito da família, da escola e a partir dos meios de comunicação de massa, qual seja: o discurso de uma sociedade “adultocêntrica”⁴⁸ que pretende integrar os jovens num determinado sistema de relações e valores sociais, o “processo segundo a qual a sociedade produz a juventude”na visão de Pais (1993).

Essas condutas dos jovens tendem a ser homogeneizada e são, indubitavelmente, afetadas pela forma como a cultura é socialmente definida:

⁴⁸ Afirmer que uma sociedade é “adultocêntrica”, equivale a dizer que os jovens são vistos apenas, segundo Quapper (2001: 63), como: “aquellos e aquellas que más adelante asumiram los papeles adultos que la sociedad necesita para continuar sua reproducción sin fin.

“condutas que acabam sendo heterônimas, na exata medida em que são sugeridas pelos *mass-media*, pelo discurso político. A própria sociologia participa, por vezes, nesta construção heterônima ao enfatizar as representações de senso-comum que predomina sobre a juventude”(op. cit.:).

2.4.3 Os jovens sob o ângulo da “imortalidade”

É preciso ter claro que o fator da “instabilidade” da juventude está, de certa forma, associada ao conceito de “moratória vital e social”, sem a presença dessa noção não é possível aqui entender o significado que os jovens de Saudades atribuem a suas vidas.

Pode-se dizer que a juventude seja ela “urbana” ou “rural”, depende de uma espécie de espaço legítimo proporcionado pela família e sociedade (moratória social) e de um “crédito temporal” (moratória vital)⁴⁹ para que suas trajetórias cotidianas sejam vivenciadas com relativa despreocupação e isenção de responsabilidades. Portanto, a concessão desse “espaço” bio-político, possibilita compreender, conforme aponta Abad (2003) a forte autonomia individual (especialmente no uso do tempo livre), pela avidez em multiplicar experiências vitais, pela ausência de grandes responsabilidades, como nota-se nas enunciações:

É uma fase muito boa, mas muito irresponsável, não pensamos muito no que fazemos, não escutamos os conselhos dos mais velhos e às vezes alguns jovens deixam de viver a juventude por alguma atitude irresponsável; (jovem, “F”, do interior - turma 204 da Escola Rodrigues Alves).

é uma fase ótima que acontece na vida de todos, pena que hoje em dia eles são irresponsáveis, agem e fazem o que querem, não dão mais ouvidos aos conselhos dos pais, acham simplesmente que são donos do próprio nariz, e por causa disso as vezes fazem coisas que mais tarde podem prejudicar eles próprios; (jovem, “F”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves).

⁴⁹ Para Margulis (1998: 20) “la moratoria vital se identifica con esa sensación de inmortalidad tan propia de los jóvenes. Esa sensación, esta manera de encontrarse en el mundo (objetiva y subjetivamente) se asocia con la temeridad de algunos actos gratuitos, conductas autodestructivas que juegan con la salud (que se vive como inagotable), la audacia y el arrojo en desafíos, la recurrente exposición a accidentes, excesos, sobredosis. Sobre esta condición se ha encarnado una cierta mitología de la cultura juvenil, que valoriza el “morir joven”, morir antes que envejecer, tragicamente, para permanecer siempre joven, inmortal.

A idéia de crédito temporal – conceito empregado como complemento ao conceito de moratória social – “permite” também compreender o motivo pela qual os jovens agem sem se preocupar com as conseqüências de seus atos. É o futuro diluído no presente: eu (jovem) posso fazer tudo sem se preocupara com os projetos futuros.

Essa moratória também se identifica, segundo Margulis (1996: 20) com a sensação de imortalidade tão própria dos jovens⁵⁰. E isso é, de fato, perceptível nas falas dos próprios jovens, como pode-se notar:

hoje em dia, muitos jovens não tem consciência do que estão fazendo, eles estão se perdendo no mundo das drogas, da prostituição, da violência, mas tudo isso. (jovem, “F”, do interior – turma 204 da Escola Rodrigues Alves)

é triste escrever isso, mas o jovem na maioria não tem consciência do que muitas vezes faz. Não é à toa que hoje em dia têm muitas drogas, prostituição, mas por sorte temos jovens que sabem aproveitar sua juventude respeitando e lutando pra ser alguém na vida. Penso que a juventude deve ser vivida somente com coisas boas e certas; podemos se divertir, mas sem passar dos limites; (jovem, “F”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves)

2.4.4 O fator “responsabilidade” na fala dos jovens do “interior”

Essa isenção ou adiamento das responsabilidades inerente a vida do jovem, segundo Carneiro (2004), é baseado em uma visão urbana da noção de juventude, pois a existência de um espaço legítimo ou de moratória é mais comum entre os jovens urbanos. “No campo o jovem normalmente precisa trabalhar para sobreviver ao alcançar 15 anos e às vezes assume o papel de chefe de família, é casado, têm filhos e não estuda (op. cit.: 244). Podemos supor, diante disso, que “sua juventude terminou antes mesmo de começar” (DURSTON, 1998). O jovem rural assume, então, responsabilidades que outrora não tinha, diferente de muitos jovens urbanos, como podemos perceber:

os pais educam os filhos de uma maneira incorreta, ou seja, deixam os filhos “liberados” muito cedo ou de uma forma errada, fazendo isso os

⁵⁰ É preciso reconhecer que a noção de moratória vital não é tão operante, por exemplo, no caso de jovens de classes populares que vivem num cenário de violência. De fato, estes presenciam cotidianamente a morte e sentem, por sua vez, medo dela. Portanto, a compreensão de suas limitações, favorece a diluição da idéia de imortalidade para esse caso.

filhos “jovens” entram em drogas, se transforma em “pais” sem estarem preparados, mas não é sempre que isso acontece, pois alguns jovens são responsáveis e sendo responsável eles preservam (respeitam a si próprio); (jovem, “F”, do interior – turma 101 da E. B. Rodrigues Alves).

ser jovem é uma etapa mais bonita de nossa vida, pena que alguns não sabem aproveitar e aí pensam que para ser feliz é preciso se drogar, se prostituir e sendo assim acabam tirando sua própria vida, por isso acho que devemos aproveitar bem cada etapa de nossa vida mais moderadamente, não tirando sua própria vida, e nem vendendo seu corpo; (jovem, “F”, do interior – turma 101 da E. B. Rodrigues Alves).

pra mim a juventude é uma coisa linda, uma fase da vida que é impar em vários sentidos, mas o ruim disso que muitos jovens estão deixando essa fase de lado e estão pensando somente nas drogas e nas festas, esquecendo assim de viver e amar. Sem esquecer daqueles que têm a consciência no lugar e ainda pensam antes de fazer as coisas; (jovem, “F”, do interior – turma 101 da E. B. Rodrigues Alves).

para a juventude hoje tudo é fácil como ter um bom futuro, mas também é fácil se envolver nas drogas ou ser um alcoólatra; mas como eu penso em meu futuro, eu sou uma simples pessoa que estuda e têm amigos para depois ter um bom futuro; (jovem, “M”, do interior – turma 202 da E. B. Rodrigues Alves).

a juventude é a fase que devemos buscar novos caminhos, conhecer coisas novas e ampliar nossos conhecimentos, estando certos do que estamos fazendo; (jovem, “F”, do interior – turma 101 da E. B. Rodrigues Alves).

Apesar desse caráter de responsabilidade “inerente” a condição juvenil no “campo”, conforme vimos nas enunciações dos jovens de Saudades, é possível falar de similaridades e de algumas semelhanças entre jovens “rurais” e “urbanos”⁵¹ e, sobretudo, afirmar que há mudanças nos padrões morais e culturais de exigência e de responsabilidades, assim como há um “espaço de tempo” legitimado socialmente no contexto rural de Saudades. Dito de outro modo pode-se dizer que os filhos de agricultores de Saudades estruturam seus projetos pessoais atrelados à família, porém predomina a autonomia individual no processo decisório e, acima de tudo, os mesmos têm recebido apoio dos próprios pais:

⁵¹ Quando falamos de similaridades entre jovens rurais e urbanos, não estamos só nos referindo aos jovens do perímetro urbano de Saudades, esse fato vale também, por exemplo, para os jovens que vivem no espaço urbano de todas as regiões catarinenses.

Eu penso que ser jovem é curtir entre meio, imaginar o futuro, criar planos, superar métodos para em prol de nosso futuro. Eu penso nesta questão, meus pais me apóiam muito e torcem por mim; (jovem, “M” do interior – turma 101 da Escola Rodrigues Alves).

Não obstante a heterogeneidade das maneiras de viver a juventude em diferentes contextos, estas falas revelam semelhanças com os jovens urbanos nas maneiras de ver e significar o mundo. *É uma juventude modernizada*, como afirmou um jovem que vive no interior de Saudades e trabalha na agricultura (3º série – turma 302 – E. B Rodrigues Alves). De fato, essa idéia de moderno significa, nesse universo simbólico,

construir a sua individualidade, descobrir e realizar seus desejos e projetos muitas vezes acessíveis somente aos jovens “urbanos” como, por exemplo, ter acesso a serviços e bens de consumo inexistentes ou raros no campo (basicamente relacionados ao lazer: cinema, shoppings, restaurantes....., além de aparelhos de som, de vídeo-cassete, etc.) (CARNEIRO, 1998: 17).

Entende-se, ainda segundo a Autora (op. cit.), que a semelhança entre alguns valores dos jovens da cidade e do campo, podem ser resultado ou expressão da diluição das fronteiras culturais, tornando-se cada vez mais imprecisas as fronteiras concernentes às idealizações e projetos dos jovens.

2.4.5 Os jovens e as relações de sociabilidade

Outra noção importante que aparece nos depoimentos dos jovens é o de “sociabilidade”, na medida em que ela expressa as relações sociais entre os jovens. Sobretudo, quando a “diversão” e o “lazer” emergem de suas falas e estão vinculadas as suas trajetórias cotidianas. Assim, ser jovem também é: (...) *uma idade muito boa, uma fase exemplar onde devemos nos divertir; onde se deve: ir em baile e festas com os amigos, jogar bola finais de semana; se reunir com “grupos de jovens” para debater vários assuntos, falar bobagem, namorar.* (jovens do interior - 8º série da Escola João Batista Fleck)

O lazer segundo, Simmel (1983, apud DURAND, 2000: 49) comporta um elemento lúdico, em primeiro lugar, porque não são interesses objetivos a serem atingidos, nem

assuntos determinados com antecedência. A sociabilidade não busca resultados exteriores concretos e seu alvo imediato é o sucesso da interação, o fascinante jogo de relações que se cria entre os participantes. Nesse sentido, pode-se dizer que a sociabilidade proporciona aos jovens um sentimento de alívio e liberação em relação às pressões cotidianas da vida como, por exemplo, obrigações com o trabalho na agricultura e na fábrica, atividades a serem realizadas na escola. Portanto, o lazer é a expressão do tempo livre em que “os indivíduos buscam formas de excitação agradável, de expressão e realização individual e que permitem uma fuga temporária à rotina que comanda as atividades cotidianas de trabalho e obrigações sociais” (ELIAS & DUNNING, 1992: 178, apud DURAND, 2000).

É nas trajetórias de lazer, que as relações afetivas de amizade, respeito e solidariedade são fortalecidas, com os jovens dando ênfase às atividades que são realizadas coletivamente na relação com o outro, do que as obrigações morais e sociais que estão presentes nos espaços tradicionais de socialização, como a família e a escola.

Na sociabilidade dos momentos de lazer, os jovens são permanentemente levados a fazer escolhas que se ajustem a determinadas práticas sociais. Pelo lazer possibilita constituir um momento de autonomia que dificilmente se encontra em outros contextos da vida social, tais como os escolares, os familiares e os do trabalho profissional (DURAND, 2002: 51)

As trajetórias de lazer dos jovens de Saudades são compartilhadas nas ruas do interior e da cidade, na igreja, no campo de futebol, nos bailes, nos centros comunitários e, sobretudo, consideram que a escola é também um espaço importante em suas trajetórias de sociabilidade, como será visto no terceiro capítulo deste trabalho.

Essas trajetórias lúdicas, entretanto, nem sempre são possíveis, pois as opções de lazer no município de Saudades são limitadas⁵², conforme aponta as falas:

eu acho que nós temos muitas opções para aproveitar a nossa juventude, mas muito pouco lazer em nossa cidade que dificulta muito para muitos

⁵² As opções de lazer no campo são bastante limitadas, o que tem sido “alvo de críticas e de insatisfação por parte dos jovens. A ausência de espaços de lazer é responsável, entre outros fatores, pela avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração. Essa carência de lazer (possibilidade de viajar, de ir a festas, passear etc.) é observada em uma das amostras da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” quando o lazer é apontado como um desejo idealizado por grande parte dos jovens rurais (e urbanos), no caso de não estarem sob limites de dinheiro, de tempo ou de repressão familiar” (CARNEIRO, 2005: 257)

jovens que não têm como se locomover para outras cidades em busca de lazer;(jovem, “M”, do interior – turma 101 da Escola Rodrigues Alves)

Na ocasião da pesquisa, dialoguei com duas jovens que me chamaram a atenção. Em ambos os depoimentos, estavam presentes a “falta de lazer”, de “grupos de amizades” e de “oportunidades de vivenciar a juventude”. Percebi de imediato que suas trajetórias eram marcadas por dúvidas e anseios, pois demonstraram a vontade de mudar de cidade. Pode-se até argumentar que isso é um caso particular, todavia serve de base para compreender a carência de espaços de lazer juvenil no município de Saudades: *faltam áreas de festas, promoções, áreas de lazer; É um bom lugar, pois não existe a violência das cidades grandes, mas em compensação não existe muita diversão de lazer;* (jovens do interior e da cidade – turma 101 da Escola Rodrigues Alves). Penso que a especificidade e a complexidade dessas questões chamam a atenção e sugerem estudos futuros que possibilitem o entendimento cultural e social sobre as formas de lazer e sociabilidade das “juventudes” de Saudades.

2.5 Jovens do “Interior” e Jovens da “Cidade”: relações possíveis

Quando cheguei no município de Saudades, o primeiro contato foi com a Escola de Educação Básica Rodrigues Alves. Este contato foi marcado por uma pergunta elaborada por alguns professores que estavam presentes na ocasião, a saber: “Você irá pesquisar os jovens do interior ou da cidade”? Esta pergunta em específico, acompanhou minha trajetória de pesquisa e me fez compreender que todos os adultos e jovens de Saudades se identificam dessa forma, ou seja, conforme a posição geográfica: uns eram do interior, outros da cidade.

Dentro da especificidade social e cultural do município de Saudades é possível identificar as múltiplas maneiras de ser jovem e de fazer, sobretudo, uma possível distinção entre jovens do interior e jovens da cidade. Por esse fato, formulei outra pergunta de trabalho: O que significa ser jovem do interior e ser jovem da cidade? Procuo com essa questão, portanto, entender o fato de que as trajetórias cotidianas de um jovem rural e de um jovem urbano são marcadas por significados que atribuem ao conjunto das experiências

que vivenciam em um determinado contexto, seja ele urbano ou rural. Porém, falo aqui de um “urbano” e “rural” situados num mesmo município, nos quais muitos jovens têm suas trajetórias vivenciadas hora no “urbano” como, por exemplo, nos espaços das fábricas, na praça, na igreja e na escola da cidade, hora no “rural” com os campeonatos de futebol e com as festas e bailes comunitários.

O meu propósito com isso não é tentar traçar um “modelo sociológico” do jovem de Saudades e muito menos fazer recortes homogeneizadores, porém torna-se coerente metodologicamente estabelecer alguns parâmetros que permitam falar dos jovens rurais e urbanos de Saudades, tomando com base alguns pressupostos teóricos e, sobretudo, os dados coletados na pesquisa empírica.

A idéia de “lugar” permite situar melhor as várias maneiras de expressões dos jovens. É a partir de um “lugar” bem situado que o jovem encontra elementos para organizar e significar suas trajetórias e experiências. Em outras palavras, é nesse “lugar” que ele adquire um sentido orientador para suas trajetórias cotidianas. Portanto, utilizar alguns parâmetros para “identificar” as falas de jovens “rurais” e “urbanos” – tendo em vista apreender as similaridades e diferenças – torna-se importante para entender os “campos de significações que são geradas *dentro* da vida cotidiana”(BERGER; LUCKMANN, 1997: 43).

A minha intenção não é estabelecer uma “linha divisória” entre os jovens rurais e urbanos, uma vez que se “assiste” hoje, conforme aponta Carneiro (1998), um “esmaecimento das fronteiras entre rural e urbano”. Entretanto, apesar da imprecisão dessas fronteiras, cabe inicialmente apresentar as possíveis diferenças entre esses dois universos culturais.

Tomo, então, o esquema adotado por Jacques Guigou (1968: 80, 81) que de forma simplificada, demonstra algumas diferenças entre esses dois tipos de “agrupamentos” juvenis:

TABELA

	Jovens Urbanos	Jovens Rurais
1	Coloca o jovem à margem do seu universo social cotidiano; não possui nenhum <i>status</i>	Faz parte dos grupos sociais da aldeia e assim integra o jovem na comunidade rural,

	social reconhecido pelos adultos;	permitindo-lhe ser reconhecido pelos adultos;
2	Substitui-se á família, servindo à necessidade de segurança individual da adolescência;	Deixa intacta a vida familiar do jovem, em particular do jovem agricultor rural;
3	Recruta membros segundo uma severa seleção que tem por critérios essenciais a virilidade e a coragem, diante de certos ritos de iniciação, “troles” físicos e psicológicos;	Adota tradicional e espontaneamente todos os jovens rurais da mesma classe de idade;
4	Tende, freqüentemente, á delinqüência, em razão da oposição e da hostilidade do mundo adulto que o cerca.	Facilita em larga medida o diálogo entre as gerações, operando em comunas numerosas atividades da aldeia (organização dos lazeres e das festas, principalmente).

Cumpre ressaltar que esse esquema foi elaborado levando em conta a realidade européia da década de 1960. Além disso, sabe-se que qualquer tentativa de esquematizar “universos culturais” tende a tornar-se simplista e ambíguo. O rural e o urbano comportam – na atual realidade brasileira – “jovens com identidades e projetos distintos, o que vem reiterar a heterogeneidade cultural, (...) e o que nos impede de traçar recortes homogeneizadores e fronteiras rígidas entre, não somente, o rural x o urbano, mas também dentro de cada um desses pólos” (CARNEIRO, 1998: 19).

Isso não significa, porém, que essa distinção feita por Guigou não esteja presente entre os jovens pesquisados. Afinal, as localidades rurais possuem especificidades culturais bem marcadas que precisam ser consideradas na análise sociológica. E, de fato, esse é o caso do município de Saudades. Ou melhor, apesar das semelhanças com os jovens “urbanos”, algumas especificidades tornam o jovem rural de Saudades diferente. As semelhanças com o quadro apresentado por Guigou podem ser perceptíveis nas falas de alguns jovens, como se pode averiguar nas falas abaixo.

2.5.1 O mundo da casa: o véis da união

O fator união e solidariedade são elementos que estão presentes nas comunidades do interior. Tais elementos permitem diferenciar algumas expressões e maneiras de ser dos jovens “rurais” em relação aos jovens “urbanos”. As redes de sociabilidades que são

construídas pelos jovens rurais são, quase sempre, pautadas por laços fortes de amizades e por um conjunto de valores sociais específicos, que orientam a maneira pela qual estes jovens atribuem significados a suas trajetórias:

Os da cidade vão mais pro seu canto, os do interior já se envolvem mais um com o outro; (jovem, “M”, do interior – turma 204 da Escola Rodrigues Alves).

O jovem da cidade tem alguns né que se acham mais que são né, ficam falando mal e dando risada, os do interior não tipo eles são amigos, tipo os grupos de jovens que têm né, eles não assim... agem diferente tipo... são unidos, eu acho diferente; da cidade não, tipo se envolvem nas drogas; (jovem, “F”, do interior - turma 204 da Escola Rodrigues Alves)

Tem uma diferença sim, por que tipo...o jovem da cidade são tipo...eles... os jovens da cidade sempre vem pro centro conversar com os amigos, escutar música; pelo que eu percebo assim os jovens do interior eles sempre vão mais com a comunidade, tipo nos jogos de futebol, buscam uma coisa mais de casa assim. (jovem, “M”, da cidade – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

Pode-se associar essas falas com o quadro: 04 (jovens urbanos), bem como com o quadro: 01 (jovens rurais). Nestas falas percebe-se que os próprios jovens atribuem significados aos jovens do “interior” pelo viés da “união”, pelas redes de amizades que são tecidas nas comunidades de origem, bem como pela integração que é estabelecida com a família.

2.5.2 O mundo da rua: os perigos sociais

Já os jovens “urbanos” são quase sempre associados à delinquência, pois estes estariam sem a presença e proteção de seus pais e, portanto, à mercê de um mundo urbano que os é hostil:

Também é por causa dos pais trabalharem, muitas vezes os pais trabalham o dia inteiro fora e eles não sabem o que os filhos vão fazer, e já do interior se tu tá em casa os pais já entram e... podem fazer isso e aquilo (jovem, “F”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck);

(...), o jovem do interior tipo... o da cidade entra na droga mais do que do interior, porque o do interior ele não conhece tanta coisa dentro da cidade;(jovem, “M”, da cidade - turma 204 da Escola Rodrigues Alves).

muitos jovens de hoje levam tudo a brincadeira, muitos querem receber tudo de bandeja. Tem muita liberdade e saem de casa muito cedo, não tem respeito pelos outros, e não dão ouvidos para os pais... e com 10 anos em diante muitos acham que são adultos e soa donos do seu próprio nariz; (jovem, “F”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves)

Estas falas remetem, com efeito, a idéia de *desinstitucionalização* sugerida por Abad (2003:25) para explicar a nova condição juvenil, ou seja, é desse processo que “têm surgido às possibilidades de viver a etapa da juventude de uma forma distinta da que foi experimentada por gerações anteriores”.

Além disso, as falas em questão revelam que os jovens da “cidade ou urbanos” – em suas trajetórias cotidianas – estão mais suscetíveis às drogas e a outros “perigos” sociais, pois estão expostos freqüentemente ao mundo da rua. Todavia, em oposição aos jovens “urbanos”, pode-se inferir que as falas apontam para a visão mais tradicional acerca dos jovens do “interior”. Digo isso, pois os jovens do interior vislumbram uma espécie de proteção por permanecerem em suas casas. Para DaMatta (1991), a relação casa x rua está presente na própria formação da cultura brasileira. O mundo da “rua” é tudo aquilo que é associado à violência, perigo, imoralidade, instabilidade; já o mundo da “casa” está sempre associado a segurança, ao que é bom, belo, a união, decência, moralidade, estabilidade.

2.5.3 Aproximações entre as “fronteiras”

Penso que os jovens “urbanos” estariam, conforme aponta Featherstone (1995), em modos de significação “modernos” com ênfase na estetização da vida cotidiana: sentimento de admiração ante a estética das mercadorias em exposição e predominância de atitudes individualistas: “(...) Eu acho que da cidade se preocupa muito com aparência, com roupas... enfim, o do interior é... já é mais simples mesmo”(jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

Porém, não posso deixar de reconhecer que no espaço rural há também a persistência do domínio das indústrias culturais como produtoras de uma cultura de massa homogênea.

Isso quer dizer que os jovens “rurais”, assim como os “urbanos”, exercem suas escolhas cotidianas relacionadas também ao mundo “moderno”.

Essas escolhas podem revelar tanto uma proximidade entre as “fronteiras” de valores “urbanos” e “rurais”, como podem estar relacionadas às alternativas de distanciamento de uma imagem rural “atrasada” que se construiu ao longo dos anos pela contraposição dos espaços rural e urbano, como se vê em uma das falas:

Tem uma certeza diferença, , mas hoje em dia não é mais tanto, porque o jovem do interior não é mais atrasado como antigamente era né, o pai sempre conta que antigamente quando tinha a “piaçada” da cidade fica numa rodinha só, o pessoal do interior separado né, bem longe; hoje não... é tudo amigo né. (jovem, “M”, do interior - turma 302 da Escola Rodrigues Alves).

No contexto da pesquisa, é possível falar de uma certa integração entre valores tradicionais presente na família rural e valores de uma sociedade urbana-industrial. Tal integração tem estimulado o desenvolvimento de projetos de vida mais individualizados e ampliado, acima de tudo, a campo de significação dos jovens rurais. Quando perguntada sobre a diferença entre jovens do interior e jovens da cidade, uma jovem do interior (turma 101 da Escola Rodrigues Alves) respondeu: *Depende, aqui nesse colégio já ta integrado, você convive com as pessoas, então não tem muita diferença.*

Penso que do contato com jovens de origem urbana, novos valores são incorporados, mudando substancialmente a maneira de significar a realidade, uma vez que esses passam a incluir em seus projetos de vida aspirações quanto ao trabalho e ao estilo de vida típicos da juventude urbana.

Nessa perspectiva, a interação dos jovens da cidade e do campo amplia a rede de sociabilidade para além dos grupos de parentela. A família não é mais único núcleo, conforme a ponta Makusud (apud CARNEIRO, 1998:12), privilegiado ao alcance das possibilidades desses jovens. A vida do jovem rural passa cada vez mais a ser realizada fora do grupo doméstico, que perde, gradualmente, a hegemonia do processo socializador.

Carneiro (1998: 03) menciona, ainda, o fato de os jovens rurais oscilarem entre o desejo de terem vidas mais individualizadas e o compromisso com a família, e tudo isso se

confunde com o sentimento de pertencimento à localidade de origem. Mesmo que os jovens⁵³ possuem ainda vínculos com a cultura de origem e, ao mesmo tempo,

vêm sua auto-imagem refletidas no espelho da cultura “urbana”, “moderna”, que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem (CARNEIRO, op. cit.: 03).

Esta inserção da qual fala a autora, se dá – no universo desta pesquisa – no momento em que os jovens de Saudade vivenciam uma crise, fruto do processo de modernização da agricultura familiar e das transformações que decorrem a partir daí. Nesse contexto, a manutenção da produção familiar não se configura mais como uma necessidade do grupo familiar, pois o padrão de reprodução anterior é substituído por novas estratégias de sobrevivência. Entre essas estratégias, então, adotada-se a migração para as cidades com o objetivo de trabalharem em atividades não-agrícolas ou, em muitos casos, para continuarem os seus estudos.

⁵³ Principalmente aqueles jovens que vivem no interior, mas trabalham nas indústrias da cidade, como é o caso de muitos jovens de Saudades.

CAPÍTULO III

ESPAÇOS DO COTIDIANO: Os Jovens e as Trajetórias de Socialização

3.1 O processo de socialização

Conforme o enunciado, neste capítulo centrarei meu olhar nos sujeitos da pesquisa, buscando compreender como estes elaboram e estabelecem relações em suas trajetórias cotidianas de socialização. Para tanto, busquei me referenciar em autores que tem tratado dos processos de socialização com o objetivo de encontrar subsídios para uma análise mais criteriosa sobre os significados que os jovens atribuem a suas trajetórias cotidianas nos espaços tradicionais de socialização, como a família e a escola.

Começo, então, a discorrer sobre a concepção clássica de socialização – presente em Durkheim (1978) – na qual é entendida como uma das mediações da integração coletiva. Em sua visão, o indivíduo é concebido de instintos naturais, portanto estes precisam estar subordinados a uma ordem social normativa, cabendo ao processo de socialização “transferir” a cada indivíduo, as regras morais de uma sociedade.

O desencadear de uma socialização apresenta-se, na acepção de Durkheim (op. cit.: 41), como uma das funções do processo educativo, este entendido como “socialização metódica e integradora da geração jovem, orientando-os para a vida inteira”. Nessa acepção a educação não é para sociedade, senão “o meio pelo qual, no íntimo das novas gerações que ainda não estão preparadas para a vida social, as condições essenciais da própria existência”. Nessa visão, a socialização é entendida como uma *educação moral*, uma transmissão do espírito de disciplina transmitida pelo constrangimento. Portanto, nessa “linha” de raciocínio, o respeito pelas regras morais é assegurado pela coerção ou pelas sanções. Conforme aponta Dubar (1997: 23):

Nesse sentido, a socialização contém em si uma dimensão repressiva: aqueles que transgridem abertamente as regras aceitas devem ser punidos. (...) Se as regras, tal como as crenças e os valores que as fundamentam, se

impõem, fundamentalmente, do exterior (tanto na criança como nas sociedades ditas “primitivas”), é também preciso que as sanções “recaiam” sobre aqueles que as transgridem, contribuindo assim para consolidar o respeito pelas regras e pelos outros”.

A socialização se estende, nessa concepção, como um processo que engloba todos os indivíduos como seres sociais, no qual estes “internalizam” regras, normas e valores que são produtos da história humana. Esse processo, bem-sucedido, conduz a aquisição de “bons” hábitos sociais, numa assimilação das crianças e dos jovens à família e a outros espaços aos quais eles vivenciam e devem pertencer na idade adulta. Indivíduo e sociedade são entidades específicas, situadas em oposição, mas com o predomínio da sociedade sobre o indivíduo, do coletivo sobre o individual (DAYRELL, 2005: 180).

O foco principal dessa abordagem concentra-se, portanto, na constituição de uma sociedade homogênea. Dentro dessa ótica, a educação assumi um papel importante, pois – enquanto fato social – teria a minuciosa função de perpetuar e reforçar o papel disciplinar instaurado pela moral social e, acima de tudo, formar nos indivíduos espíritos fortemente nacionalistas. Segue-se daí, que a “missão” primordial da educação “é constituir nos sujeitos todos os estados físicos e mentais, que a sociedade considere indispensáveis aos seus membros” (DURKHEIM, 1978: 40).

É a sociedade que, segundo Durkheim (op cit.: 45), nos lança fora de nós mesmos, que nos obriga a considerar outros interesses, que nos ensina a dominar as paixões, os instintos, ensinando-nos o sacrifício, a privação, a disciplina interna, a subordinação dos nossos fins individuais a outros mais elevados.

Na intenção de superar o dualismo: sociedade e indivíduo, Berger e Luckman (1985), ampliam a noção de socialização. Para esses autores, a sociedade deve ser também reconhecida como realidade subjetiva à medida que é interiorizada por meio da socialização, que consiste numa “ampla introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela”. É por meio da socialização que os homens aprendem os significados sociais e identificam-se com eles, transformando-os em seus próprios significados. Esse processo ocorre em dois momentos:

por meio da socialização primária que é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da

sociedade; e a socialização secundária, que são os processo posteriores que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de uma sociedade (op. cit.: 175).

Embora afirmem que não há uma perfeita simetria entre realidade objetiva e realidade subjetiva, os autores em questão (op. cit.) sugerem que a socialização dota os indivíduos de verdadeiros programas institucionalizados para a vida cotidiana. Apesar desse limite, Dayrell (2005: 180) afirma que é importante reter a idéia de que a socialização é um processo que vai se diferenciando e assumindo formas próprias na medida do desenvolvimento e amadurecimento dos indivíduos.

O processo de socialização, na visão da sociologia clássica, entende este processo apenas na perspectiva da reprodução social. No contexto de uma sociedade em mutação, diz Dubet (apud DAYRELL, 2005: 181),

os atores e as instituições não são mais redutíveis a uma lógica única, a um papel e a uma programação cultural de condutas. (...) há mutações nos quadros de referência, e nenhuma delas assume centralidade. Não há uma unidade do sistema e do ator. O ator não é totalmente socializado a partir das orientações das instituições.

As concepções clássicas de socialização, segundo Plaisance (2003: 01), “colocam em evidência os efeitos da imposição de normas e valores pela interiorização imposta”. Esse modelo de socialização, segundo Gómez (2000: 14), que emerge de uma tendência conservadora lógica, presente na comunidade social para reproduzir os comportamentos, os valores, as idéias, as instituições, “se mostra frágil e, choca-se inevitavelmente, com a tendência que busca modificar os caracteres desta formação que se mostram especialmente desfavoráveis para alguns dos indivíduos ou grupos que compõem o complexo e conflitante tecido social”.

Nessa perspectiva, penso que a problemática da socialização deve ser explorada e discutida para além da incorporação mecânica e reprodução de regras e normas sociais. Nesse sentido, Bernard Chalort (2001) supera o vício clássico ao enfatizar que a socialização pode ser compreendida como o processo por meio dos quais os sujeitos se apropriam do social, de seus valores, normas e papéis, a partir de uma determinada posição

social e de suas próprias necessidades e interesses, nos quais são mediados continuamente por diversos espaços de socialização que estão presentes em suas trajetórias cotidianas.

O que lhe é potencialmente oferecido é uma forma do mundo, que evidentemente pode ser ampliada. (...) O mundo em que o sujeito vive e aprende é aquele no qual ele tem uma atividade, no qual se produzem acontecimentos ligados à sua história pessoal. Por outro lado, o sujeito não interioriza passivamente o mundo que lhe é oferecido, ele constrói (ele organiza, categoriza, põe ordem, interpreta). (...) Ele constitui-se nessa co-construção (seletiva) do sujeito e de seu mundo (CHARLOT op. cit.: 27-28).

Cada jovem pesquisado em Saudades encontra-se situado em um determinado espaço e grupo social, mas isso não significa que seu vínculo de socialização se reduza a esses contextos sociais. O jovem, como bem afirma Dayrell (2005: 183), tem acesso a múltiplas referências culturais de socialização; um conjunto heterogêneo de redes de significação são articulados e adquirem sentido em suas trajetórias cotidianas. Assim, os jovens interpretam suas posições sociais, dão sentido às experiências que vivenciam, fazem escolhas, agem em sua realidades e, sobretudo, a forma como atribuem significados a “fase” juvenil é fruto desses múltiplos processos.

As trajetórias dos jovens de Saudades mostram que é por meio das mediações realizadas nos espaços de socialização que os mesmos vivenciam processos riquíssimos de construção de valores, significados e se constituem como sujeitos⁵⁴.

3.2 A família no contexto da agricultura familiar

A família rural constitui aqui um elemento significativo nas trajetórias cotidianas dos jovens, sendo este um espaço de socialização que exerce um papel importante “na transmissão cultural intergeracional, que inclui não apenas a memória da família, mas a linguagem, a posição social, a religiosidade, os valores e aspirações sociais, a alimentação, os cultivos na roça, o modo de vida” (STROPASOLAS, 2002: 119).

⁵⁴ O sujeito aqui é entendido na perspectiva de Charlot (2000: 33), no qual está aberto a um mundo que possui uma historicidade, portador de desejos e movido por esses desejos, em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é também um ser social, com determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais.

As trajetórias cotidianas dos jovens são compostas por vários espaços, pelas quais estabelecem relações com os indivíduos com os quais convivem e cumprem papéis sociais. Entre esses espaços, destaco aqueles que são referências e que fazem parte do cotidiano dos jovens de Saudades: a família, a comunidade, a escola e a igreja.

Importa mencionar, contudo, o fato de que outros espaços são percorridos cotidianamente pelos jovens – como o trabalho nas empresas de Saudades –, os quais fazem parte de suas experiências de vida. Com efeito, dentre os espaços que estão presentes na vida dos jovens, opto nesta dissertação, por analisar aqueles considerados espaços tradicionais de socialização, como a família e a escola.

3.2.1 A família como espaço de afetividade e “cuidado”

A família rural de Saudades é um espaço privilegiado para a sedimentação de valores e, sobretudo, continua exercendo uma forte influência formativa, muito embora os jovens do interior vivenciam cotidianamente um contexto de transformações nos padrões normativos. A família continua exercendo um papel fundamental na formação dos jovens e é, sobretudo, reconhecida por eles, como um espaço importante de cuidado, de solidariedade, carinho e união. Quando perguntados sobre o significado que a família tem em suas trajetórias de vida, eis suas respostas:

Família, uma coisa muito importante, fundamental eu acho assim, o amor, o carinho, o afeto... tipo os ensinamentos... tudo, eu acho fundamental;(jovem, “F”, do interior – turma 204 da Escola Rodrigues Alves);

Eu considero minha família muito importante por que é uma família bastante unida, não tem aquela coisa pai e mãe separados, uma família... somos entre quatro irmãos, nós convivemos juntos é... tem meu irmão mais velho, tem eu, o que um não sabe o outro sabe, então a família pra mim é muito importante por que aprende a conviver assim juntos, compartilhar com a família assim; (jovem, “F”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves);

A base pra vida, a base... acho que é o chão pra você ser alguém, se você não tem família, ai você não vai saber o que é o sentido do amor, o sentido

da amizade, as vezes você têm ceder, você as vezes têm que se impor, é isso; (jovem, “F”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck);

Numa sociedade em pleno processo de mutação, cujas agências clássicas de socialização, conforme aponta Charlot (2001), se mostram frágeis, não sendo uma referência de valores e normas, a família ainda continua sendo uma forte referência nas questões morais e éticas, conforme depoimentos acima. De fato, para muitos jovens de Saudades, esse é um espaço de referência para as suas escolhas subjetivas e que, a partir das interações que vão se constituindo no âmbito da família, é possível atribuir significados as trajetórias vivenciadas cotidianamente.

Nestas falas, os jovens reconhecem que as lições morais e éticas – aprendidas no espaço familiar e que foram incorporados como deveres – são valores importantes para vida. Tais valores significam regras ou obrigações que lhes foram ensinadas pelos mais velhos e, com isso, revelam a moral a que estão “submetidos”, isto é, as normas a que obedecem, pois às vezes é preciso *ceder*. Referem-se a esses valores como se fossem uma aspiração, um ideal, pois os consideram corretos e bons e, por julga-los dessa maneira, almejam desenvolvê-lo em sua vida. Isso prova, por sua vez, que a família exerce um papel importante na formação dos jovens de Saudades, influenciando muitas vezes em suas escolhas e nas suas estratégias de vida.

3.2.2 A família como espaço importante na formação dos jovens

A unidade familiar é, ainda, segundo Romanelli (2003: 250), o principal espaço de socialização e o grupo mais importante na transmissão da herança cultural e para orientar a ação dos filhos na aquisição de capital escolar. A família é, portanto, a base nas estratégias de reprodução social, nas estratégias de herança e nas estratégias de educação. O importante, aqui neste trabalho, é identificar como os jovens assimilam essas estratégias familiares e como atribuem significados a elas em suas trajetórias individuais ou projetos de vida.

As estratégias educativas dos pais direcionam-se para oferecer condições a que os filhos adquiram uma formação no âmbito da família que é intransferível (SINGLY, 2000, apud ROMANELLI, 2003: 251). A percepção por parte dos jovens da importância da

incorporação dessa formação é comum em famílias rurais do município de Saudades, como nota-se nas falas:

A família... acho que é o lugar onde a gente é educado né, porque educação vem de casa, não se ganha na escola educação; família, se o cara não tem a família, não se cria;(jovem, “M”, do interior – turma 302 da Escola Rodrigues Alves);

Neste depoimento a família é reconhecida como espaço privilegiado de transmissão da educação, sendo mais importante que a própria educação escolar. Penso que as estratégias familiares são conscientes quanto à importância da educação para um bom convívio social. Todavia, é importante ter claro que a reprodução da unidade familiar depende das estratégias de sobrevivência adotada pela família. Essas estratégias vão desde a incorporação de valores como: filantropia, amor, solidariedade, até a permanência na agricultura familiar, a inserção no mercado de trabalho em atividades não-agrícolas e projetos de escolarização dos filhos. O respeito pela família e a aceitação de seus ensinamentos, faz parte de um *ethos* que, segundo Gaiger (1994), é produzido na realidade social na qual o indivíduo está inserido, socializado e que define seu comportamento social e, sobretudo, orienta-o não apenas a gestão da vida cotidiana, mas igualmente a relação frente aos acontecimentos incomuns, as perturbações da rotina que deixam os indivíduos frente à incerteza e a insegurança. Esse *ethos* presente no âmbito da família rural, permite aos jovens encontrarem *um sentido muito maior* para suas trajetórias:

Acho que a mesma importância, até mais porque sei lá, a família... tem aquela importância por que tu sabe que ela sempre vai ta te apoiando, sempre vai ta do seu lado, acho que ela tem um sentido muito maior; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

A família rural de Saudades reconhece que há dificuldades econômicas e sociais em permanecer na agricultura familiar e, sobretudo, sabe que em muitos casos não haverá herdeiros. Diante desse fato, os pais procuram incentivar os seus filhos a buscarem a educação escolar como alternativa, pois sua aquisição poderá acarretar melhoria nas condições de trabalho e na possibilidade de mobilidade social, e isso é reconhecido pelos jovens, como a falas abaixo demonstram:

A família, se não fosse ela eu não estaria aqui, ela me ajuda, se não fosse os meus pais eu não ia ta estudando, eu não ia ta aqui, o meu pai sempre me incentivou a estudar, meu pai sempre fala pra mim fazer a lição e sair bem na provas, “colegarizar” com os colegas, professores, sempre estudar bem pra futuramente ser alguém, ele investe em educação minha; (jovem, “M”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck);

A família pra mim é importante, eles apóiam, eles me incentivam... incentivam a minha permanencia na agricultura, dizem que é bem melhor; os meus pais me deixaram ficar aqui, por que aqui é melhor, aqui eu aprendo mais, fico trabalhando, estudando; (jovem, “M”, do interior -8º série da Escola João Batista Fleck).

Considerando-se as trajetórias individuais, segundo Romanelli (2003), torna-se claro que a família não é um grupo todo poderoso que, como sujeito coletivo, teria o condão de impor integralmente e linearmente qualquer projeto para os filhos. Os projetos familiares direcionados aos filhos, nem sempre são aceitos e, em muitos casos, são alterados em função de projetos individuais de cada um de seus componentes, decorrentes de suas trajetórias específicas e que, muitas vezes, acarretam tensões e conflitos. De fato, é preciso que os jovens estejam dispostos a herdar as orientações familiares. Trata-se, portanto, de uma relação dinâmica, cujas raízes estão dentro, e também fora, da família, e que se encontra radicada também na trajetória individual de cada filho.

Se antes a colaboração de todos os membros do grupo familiar era exigida para a organização do lar. Agora, porém, como não há uma subordinação total dos indivíduos – como nos modelos patriarcais –, o acento deslocou-se da família para o indivíduo, de modo que a família como tal se torna relativamente menos influente. Menor também é o controle da família sobre seus membros; percebe-se que muitos jovens do interior de Saudades conquistaram uma espécie de “tempo e espaço” em suas vidas, que abrem possibilidades de escolherem por si mesmos suas trajetórias, suas moradias, seus companheiros e decidem, por assim dizer, se querem continuar estudando.

3.3 A agricultura familiar como “espaço” de significação

Na agricultura sim, na cidade nem pensar; eu acho que... que nem meu pai sempre disse: “na agricultura é o último lugar que tu passa fome”; eu acho que é um lugar onde... eu pelo menos sempre gostei de trabalhar, sei lá eu cresci na agricultura, acho que é o lugar que eu pretendo morrer (fala de uma jovem que vive no “interior”)

Para compreender o universo de significações dos jovens é preciso, de certa maneira, recorrer à idéia de moratória social. Esse tempo livre dentro de sua vida cotidiana ou o espaço ocioso necessário para usufruir a condição de “ser jovem”, é o que se entende por moratória social. É preciso compreender, conforme aponta Camacho (2004: 332), “que a juventude depende desse tempo para viver um período mais ou menos longo com relativa despreocupação e isenção de responsabilidades”.

Sob esse véis de compreensão, a juventude dependeria de uma moratória, um espaço de possibilidades aberto a certos setores sociais.

a partir de mediados Del siglo XIX y e em el siglo XX, ciertos sectores sociales logran ofrecer a sus jóvenes la posibilidad de postergar exigencias – sobre todo las que provienen de la propia familia y del trabajo –, tiempo legítimo para que se dediquen al estudio y la capacitación postergando el matrimonio, lo que les permite gozar de un cierto período durante el cual la sociedad les brinda una especial tolerancia (MARGULIS, 1996:15).

Para Margulis (op. cit) a moratória social possibilita uma compreensão das questões sociais que envolvem a juventude e nos permite apreender as diferenças de classes, distinguindo por um lado os integrantes dos setores populares e por outro aqueles dos setores médios e altos que usufruem a oportunidade de estudar e adiar seu ingresso nas responsabilidades da vida adulta. Assim para o mesmo autor (op. cit.: 17) “La juventude de sectores medios e altos se casan e tiene hijos más tardíamente, gozan de un período de menor exigencia”. Porém os jovens das classes populares carecem de moratória social, pois Estes

deben ingresar tempranamente al mundo del trabajo – a trabajos más duros y menos atractivos –, suelen contraer a menor edad obligaciones familiares (casamiento o unión temprana, consolidada por los hijos). Caracem del tiempo y del dinero – moratória social para vivir un período prolongado con relativa despreocupación (MARGULIS, op. cit.: 17).

Cecilia Díaz (1985: 350-355), ao descrever a vida dos jovens mapuches do sul do Chile, onde a transição para a vida adulta ocorre de forma prematura, analisa o problema da moratória nesse meio campesino indígena da seguinte forma:

Si el período de moratória es lo que define a juventud, debemos decir que las mujeres mapuches no son nunca jóvenes, porque dentro de su cultura ese período ocioso no existe. (...) el período de juventud de la mujer mapuche comienza cuando la madre y los hermanos le presentan más exigencias preparándola para la vida adulta.

A interpretação dada por Cecilia Díaz, nessa pesquisa realizada no meio rural chileno na década de 1980, se aproxima da realidade brasileira, principalmente do oeste catarinense na década de 1960 a 1980. O que se sabe, porém, é que até o final dos anos 1960, a continuidade na profissão agrícola podia ainda revestir-se do caráter de uma obrigação moral (ABRAMOVAY, 2001: 28). Havia, portanto, uma fusão entre os objetivos da unidade produtiva e as aspirações subjetivas de seus membros (pais e filhos). É claro que nem sempre estes objetivos podiam ser atingidos e tampouco eram raras as ocasiões em que surgiam planos autônomos de realização profissional entre os filhos (ABRAMOVAY, 1998: 27). Pode-se dizer que o objetivo básico da unidade produtiva era fazer com que a maior quantidade possível de filhos pudesse reproduzir a condição social de agricultor. Não havia, portanto, uma espécie de tempo destinado à juventude, a obrigação do trabalho fazia desses jovens adultos precoces.

Hoje, entretanto, esta pressão no âmbito da família tornou-se um pouco mais flexível. Percebe-se uma mudança significativa nos padrões morais de exigências, ou seja, a família reconhece que os filhos necessitam de um tempo prolongado, de uma espécie de moratória, para se dedicarem aos estudos, para elaborarem seus planos autônomos de vida. Todavia, na pesquisa realizada em Saudades, constata-se que a agricultura continua sendo uma das perspectivas de reprodução social para as novas gerações, bem como a continuidade da profissão paterna é, ainda hoje, incorporada objetivamente por muitos jovens, influenciando diretamente em seus projetos de futuro. No entanto, a perspectiva de continuidade da atividade agrícola na unidade familiar, quase sempre vai de encontro aos projetos ou trajetórias pessoais, como bem afirma Carneiro (1998:03):

Os jovens oscilam entre o projeto de construir vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de *melhorarem o padrão de vida*, e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas *sociedades tradicionais*.

3.3.1 A percepção dos “pais de Saudades”

É plausível afirmar que nas décadas de 1950, 1960 e 1970 (Abramovay, et al. 1998, 2001) o rigor da reprodução dos valores familiares e a influência direta dos pais na vida coletiva, era um fator preponderante nos rumos da propriedade rural e nas decisões dos filhos. Todavia hoje, apesar dos pais influenciarem nessas decisões, a vontade individual, em detrimento dos interesses do grupo, é percebida nas falas dos pais e dos jovens – na pesquisa que fizemos em Saudades – como algo naturalizado. Quando perguntei aos pais se estes gostariam que os filhos permanecessem na agricultura, eis o que eles responderam:

Mas ele estuda, daí a pessoa que estuda... só que tem muito meio de viver hoje na agricultura não é, muito tipo de trabalhar, mas agora se ele continua a estudar... depende dele se ele quer voltar pra agricultura ou ficar na cidade né, mas eu acho pela idéia dele mais tarde é vim pra agricultura, lidar com criação assim, acho que ele falou veterinária, uma coisa ou outra ele vai (fala de uma mãe que reside na Linha Jacutinga Baixa);

Na fala em questão, percebe-se por um lado uma certa autonomia do filho na decisão, ou seja, “depende dele” escolher o caminho a seguir, por outro nota-se que o “estudo” seria uma opção a mais ou uma alternativa para crise econômica e social que assola a agricultura familiar. A dinâmica da mercantilização da agricultura familiar no Oeste Catarinense, segundo Stropasolas (2002), bem como o processo de seleção/exclusão de unidades produtivas impulsionadas, sobretudo, pela modernização da agricultura, tem colocado em relevo o mecanismo de desagregação sociocultural de um grande número de unidades produtivas familiares. Este fato impossibilita a continuidade, por parte dos jovens, da reprodução “horizontal” da pequena propriedade. Portanto, segundo a fala da mãe, o

jovem usufrui uma certa “moratória”⁵⁵ que lhe permite escolher, muito embora a esperança e a vontade desta mãe seja a da permanência do filho na agricultura.

É importante mencionar que o fator sócio-econômico é bastante decisivo neste caso, pois a escolha profissional do filho está estritamente ligada a essa questão. O “ficar” e o “sair” de casa, o permanecer e o abandonar a agricultura dependerá do “tamanho” da crise. Além disso, é preciso muita cautela ao falar de moratória neste caso específico, pois embora esse jovem estude e tenha “espaço para vivenciar a sua juventude” ou “liberdade de escolher” o que for “melhor” pra ele, as opções ou as alternativas de vida tornam-se limitadas, uma vez que se trata aqui do depoimento de uma mãe, que reside em uma das comunidades (Linha Jacutinga Baixa) de Saudades que mais sofrem com o processo de exclusão social. Portanto, neste caso em específico, seria mais adequado trabalhar com a noção de fatalidade, ao invés de opções.

Em outra fala fica exposto também essa relação:

Olha a gente de momento gostaria né, mas vai saber o quê que elas querem... as duas no caso, como eu disse tu não sabe hoje o quê que ela quer amanhã né, se ela estuda... adapta o quê que ela quer, ela tá pensando... ela já fez o SAEM, e daí vai correndo né, não sabe hoje o quê que vai ser amanhã, eles têm ido por enquanto até a medida que a gente pode ajudar, a mão de obra em casa é necessária também (fala de um pai da Comunidade Jacutinga Alta⁵⁶;

Novamente a fala mostra a importância da educação na vida dos jovens rurais e revela uma relação, no âmbito da família, bastante flexível quanto à tomada de decisão por parte das filhas, ficando a escolha no último caso com elas. Porém, o pai mostra-se preocupado quanto o futuro da propriedade familiar, enfatizando a importância da mão de obra dos filhos para a continuidade dos negócios familiares. Em outra fala, pode-se interpretar que as condições financeiras são alguns dos aspectos que dificultam a reprodução e manutenção da agricultura familiar no Município de Saudades, uma vez que desestimula a permanência do jovem, além de outros fatores que leva-os a saírem de suas propriedades. Na seguinte enunciação percebe-se isso:

⁵⁵ Reconheço as limitações e dificuldades que há ao se trabalhar com a noção de “moratória social” com jovens de classes populares. Todavia, utilizo essa categoria para demonstrar que hoje existe um “espaço legitimado” pela família rural (no universo desta pesquisa) e sociedade para que os jovens “vivenciem a juventude” com certa despreocupação, diferente da “rigidez moral” vivenciada pela geração de seus pais.

⁵⁶ O pai em questão fala de suas duas filhas que estudam no ensino médio.

Olha, eu gostaria, mas se a gente tivesse melhores condições financeiras, pra de repente colocar um aviário, “chiqueirão” de porco, mais alternativa de renda, mais fontes de renda, e não só depender de mim né, ai seria muito válido por que daí a gente teria uma mão de obra familiar mesmo em casa, não dependesse de outra gente pra mim ajudar a pagar (fala de um pai que reside na Comunidade: Linha Santo Antônio).

Na fala a seguir, um dos pais revela a importância dada pela família para que o filho permaneça na unidade produtiva, como uma opção para a reprodução social da pequena propriedade e, sobretudo, pelo papel fundamental que ela exerce na produção de alimentos em nível nacional. Hoje percebe-se a flexibilização concernente a questão da sucessão ou o padrão de herança. Se há um tempo atrás o filho mais novo era o sucessor⁵⁷ hoje, de acordo com Carneiro (1998:05), “não há mais uma regra a seguir, fica em casa aquele que tiver *mais aptidão* para a agricultura e *menor vocação para os estudos*”⁵⁸. A regra tradicional de que o mais novo é quem deve ficar, passa a não valer mais em função dos projetos individuais e das aptidões pessoais”, conforme se percebe na fala de um pai:

Olha, não só eu, acho que toda a família né, a mulher, e os próprios filhos até agora não deu pra ver a opção definida né, mas a gente sempre espera que eles fiquem, até pela continuidade né, por que eu vejo assim: num país onde não há assim um estímulo pra agricultura ou os jovens fossem abandonar todos a área rural, daí eu pergunto: com que nós viveríamos socialmente? O que alimentação nós iríamos sobreviver? E a pequena agricultura ela tem um papel fundamental até pela contribuição que ela ta tendo hoje a nível de alimentação é... 60% e até um pouco mais eu não sei, mais ou menos isso, a pequena agricultura é responsável pela produção, e a manutenção dos nossos filhos na agricultura, a gente espera que eles fiquem né pela continuidade, até por que é um processo, uma vez quando a gente veio faz uns 18 anos nós começamos a trabalhar do zero, então é penoso, é difícil, é um processo longo, e eu acho que os pais eles gostariam de ver os filhos continuarem esse processo pra melhoria e não pra degradação. (...)a

⁵⁷ Pode-se que entre os anos 1950 e 1970 a integração do domínio paterno por meio da sucessão e, sobretudo, a instalação de outros filhos se dava as seguinte maneira: a) pela instituição do *minorato* (também chamado de ultimogenitura) pela qual a terra paterna é transmitida ao filho mais novo que, em contrapartida, responsabiliza-se por cuidar dos pais durante a velhice; b) pelo esforço permanente de dotar os filhos mais velhos dos meios que permitam a reprodução de sua condição de agricultores; c) pela valorização da atividade agrícola como forma de realização na vida adulta e d) pela grande mobilidade espacial e um mercado de terras particularmente dinâmica entre os agricultores familiares (Abramovay, 1998: 28).

⁵⁸ Essa não é uma regra geral em Saudades, pois muitos jovens se dedicam aos estudos e pretendem ficar também na agricultura.

gente espera que os filhos, os nossos pelo menos, fique para gerenciar o processo adiante, dentro da condição de melhoria, embora que a gente ta limitado em muitos sentidos, têm fatores limitantes né, mas eu acho possível sim que eles fiquem, gostaríamos que ficassem;(fala de um pai da Comunidade: Linha Santa Catarina)

Na fala seguinte, a mãe se posiciona de forma flexível, deixando que a filha tome a decisão por conta própria. Isso demonstra, por sua vez, que entre as moças há uma rejeição majoritária da profissão agrícola e maior inserção urbana. Porém, é preciso ter claro que, independente de gênero, o acesso a terra está entre as maiores dificuldades para continuidade na agropecuária e que a aspiração por viver na cidade é tanto maior quanto menos promissor o horizonte de geração de renda no estabelecimento paterno. (ABRAMOVAY, 2001: 45 e 46):

Eu sempre to nessa posição de que a criança, o jovem tem que sentir realizado, então assim eu já deixaria a liberdade na profissão que ela escolhesse, por mais que a gente ficando na agricultura a gente dependeria na mão de obra das mesmas, mas eu sinto por mim mesmo que quando você não consegue se profissionalizar no que você gostaria, talvez você toda a vida terá dificuldade de ser uma pessoa feliz e contente né, então eu deixo essa liberdade pra elas, se elas querem escolher outra profissão a gente na medida do possível a gente vai ajudar, vai assumir com elas essa decisão;(fala de uma mãe da Comunidade: Linha Araçazinho)

Nesta fala fica claro, mesmo se tratando de uma jovem⁵⁹, que a *liberdade de escolha* (CARNEIRO, 1998) se constitui em um novo valor que orienta essa nova “opção” ou possibilidade estipulada pelos pais e assimilada pelos filhos jovens. Assim, percebe-se que os pais enfatizam a autonomia dos filhos, ainda que reconheçam a imposição de determinados limites. Este fato sugere, segundo Abramovay et. al. (2001: 68), que o padrão de rigidez hierárquico típico das famílias rurais está sendo substituído por um considerável grau de democratização das decisões. Na percepção de Giddens (1991), na sociedade pós-

⁵⁹ Atualmente há, segundo Abramovay et. al. (1998: 75), “um relaxamento nas normas que vinculam a menina ao núcleo familiar. De certa forma, os pais incentivam a partida das filhas em direção à casa de conhecidos, na qualidade de domésticas, por exemplo. Anteriormente, ela só sairia para a casa do marido, ele também um agricultor. Neste sentido, o processo de saída das moças do campo faz parte do declínio do próprio caráter patriarcal que caracteriza tradicionalmente a família camponesa. Porém, o enfraquecimento destas obrigações tradicionais não é acompanhado por mudança importante do papel das moças no interior da família. (...) a vida no campo continua sendo mais atraente para os rapazes que para as moças”.

tradicional, a “escolha tornou-se obrigatória”, mesmo que ela vá de encontro aos interesses familiares e engendre novas crises.

Olha é uma resposta difícil, não vou dizer que permanecesse trabalhando na agricultura, mas que ficasse né morando, só que trabalhar... até hoje eu pergunto se eu era pra voltar, difícil, muito difícil, hoje a sobrevivência da agricultura aqui nas pequenas propriedades é difícil, muito difícil, jamais eu vou querer um filho passando por isso que a gente tá participando que é uma bem complicada hoje; ou você dá um nível maior ou se não cai fora; (fala de uma mãe da Comunidade: Alto Solteiro)

Nesta enunciação fica clara a posição pessimista da mãe em relação ao futuro da agricultura familiar, mais especificamente da pequena propriedade rural. Evidentemente que os “filhos de família de maior renda encaram a permanência na agricultura como promissora e isso é nítido tanto entre rapazes como entre as moças” (ABRAMOVAY et. al., 2001: 48). Também é notório que nas propriedades de pequeno porte ou nos estabelecimentos *descapitalizados*⁶⁰ há uma apreciação negativa quanto à permanência dos filhos na agricultura. Porém – apesar de muitas unidades produtivas não conseguirem gerar renda suficiente à reprodução familiar – há ainda uma forte aspiração de continuidade na agricultura familiar por parte dos jovens e uma influência positiva por parte dos pais, conforme apontam as falas de pais e jovens:

Eu na verdade gostaria, até não só os filhos e filhas nossas aqui né, mas que muitos outros permaneça na agricultura até pra fortalecer hoje a mão de obra familiar, por que a carência da mão de obra, o êxodo que levou muita juventude pra cidade tornou tão carente o interior, a agricultura familiar em mão de obra que muitos acham que não têm como vencer mais uma lavoura sem usar aquele maldito veneno, os químicos no geral e com isso tão acabando sempre mais com agricultura, pra mim a agricultura convencional tá no limite máximo, não tem mais como alterar a agricultura química, ela pra mim acabou; e hoje se sabe que se você trabalha mais orgânico, ecológico você precisa de mais mão de obra; então seria pra mim muito importante; (fala de um pai da Comunidade: Linha Araçazinho)

Nesta fala fica clara a preocupação com relação ao esvaziamento demográfico das regiões do interior de Saudades. Essa parece ser também, a preocupação de algumas

⁶⁰ Estão incluídos aqueles estabelecimentos que proporcionam um valor agregado menor que um salário mínimo por mês por pessoa ocupada. E isso corresponde a 42% dos estabelecimentos agrícolas do oeste catarinense (ABRAMOVAY, 2001: 35).

regiões, sobretudo na Europa, com o esvaziamento demográfico, econômico, cultural e político das regiões rurais, por esse fato vários são os esforços no sentido de atrair empresas e famílias jovens com o objetivo de diminuir e reverter o envelhecimento da população autóctone (ABRAMOVAY, 2001: 23 citando DIRVEN, 2000, FARINELLI, 2001).

3.3.2 O Significado atribuído pelos “filhos de Saudades”

As transformações dos padrões da herança e sucessão na agricultura familiar, conforme observa Carneiro (1999), deve-se às mudanças nos padrões demográficos das famílias e da estrutura ocupacional nos últimos 30 anos e, acima de tudo, a fatores econômicos. Hoje em Saudades, por exemplo, percebe-se uma grande dificuldade na unidade de produção familiar para manter sua estrutura familiar e abrigar as novas gerações. Com a fragmentação da propriedade e com a precariedade no aspecto econômico, nem todos os filhos (jovens de Saudades) conseguem viver do trabalho da terra ou se sentem estimulados para tal função. Acabam, por assim dizer, abandonando a família para estudar ou arrumar trabalho na cidade mais próxima.

Diante dessas transformações socioeconômicas que vem acontecendo na agricultura de base familiar, percebe-se que os jovens optam por trajetórias que não mais seguem os padrões da família tradicional e, portanto, elaboram estratégias de vida e, sobretudo, formulam projetos individuais e familiares num contexto de valores em transição.

Esses aspectos me levaram a elaborar na pesquisa de campo o seguinte questionamento: quais os significados dos jovens do interior de Saudades em relação as suas trajetórias futuras? E o que eles esperam da agricultura familiar? Estas foram às principais questões referentes à agricultura familiar que discuti com os jovens do interior, quando estive visitando suas propriedades. Destas questões várias foram as respostas:

Hoje pra mim se eu permanecer na agricultura, daqui uns anos acho que vai valer a pena... pra mim; enquanto o meu pai me aceitar eu vou (risos); o meu pai faz favor né, ta querendo que eu e meu irmão ficasse em casa; (jovem, “M”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves);

. Eu acho que é... que é legal a agricultura, eu gosto da agricultura e se eu puder eu continuo na agricultura; (jovem, “M”, do interior – turma 302 da Escola Rodrigues Alves).

As falas acima, referem-se a perspectiva de permanência na atividade agrícola que vai, ao meu ver, desde a democratização dos espaços de participação dos jovens nas decisões sobre o destino das propriedades, até as condições econômicas que soa extremamente difíceis para os jovens cujo cotidiano é marcado pela imensa dificuldade de reproduzir a unidade produtiva e garantir a manutenção da família. Em muitos jovens do interior de Saudades é nítido o desejo de dar continuidade a profissão paterna. Além disso, a educação escolar é, destacadamente, reconhecida no universo da unidade familiar, como uma trajetória importante para os jovens, mesmo aqueles cujo “destino” seja a permanência na agricultura familiar, pois com o conhecimento proveniente dos estudos estariam auxiliando na construção de novas *idéias*:

(...) se não tem ninguém na agricultura como é que os da cidade vão viver, se virar tudo latifúndio, só um dois, e onde nós vamos ir parar? Na cidade não vai ter lugar pra todos, então se nós ficar aqui, nós até podemos melhorar a agricultura; (...) se nós ta estudando, nós podemos até vim aqui e ajudar nossos pais, da idéias pra nossos pais como eles podiam viver melhor na agricultura, até se eles investirem um pouco em conforto, nos vamos ta vivendo, eu acho te por mim, muito melhor do que na cidade se tu tem uma casa boa, uma casa confortável, tamo vivendo aqui no ar puro, não tem barulho, perto de árvores. (jovem, “M”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck).

Em algumas falas, o fator econômico aparece como decisivo na hora de escolher a permanência ou não na atividade agrícola. É clara a consciência dos jovens sobre as dificuldades de manter o estabelecimento agrícola e, por sua vez, reconhecem que hoje é insuficiente os desafios de gerar renda numa unidade produtiva rural:

É muito pouco jovem que vai ficar, muito, vai a maioria pra cidade; sei lá... a sustentação que nem ela falou, quem não tem o gado de leite, não tem um aviário, não tem um chiqueiro, vive só da roça, ou é seca... vem uma enchente ele já desanima: vamos vender, vamos pra cidade; (jovem, “F”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves);

eu penso que é super importante, só que as condições que a agricultura oferece, além dos preços dos produtos, ninguém tem mais vontade de ficar, por que realmente não é... comparando com a cidade então... é muita discriminação do jovem na agricultura, então não compensa, uns dizem que não compensa né, se tu não ta bem estruturado tu não... hoje em dia quem

que tem uma vaquinha, tem... só viver da roça, tem um ano de seca não consegue mais sobreviver, então o jovem na agricultura não ta mais querendo ficar, mas por que não tem mais condições, mas eu acho muito importante se os jovens ficasse na agricultura; (jovem, “F”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves).

À vontade de permanecer na atividade agrícola às vezes se confunde também com a vontade de dar continuidade aos estudos. Numa pesquisa realizada no Oeste Catarinense (ABRAMOVAY et. al., 2001), com jovens de dez municípios, revelou que entre as moças, a menor preferência por permanecer na profissão agropecuária, está associada ao melhor nível educacional. Em outras palavras, isso que dizer que a jovens que optam pelo “vies da educação”, raramente dão continuidade à profissão paterna e, dificilmente, retornam depois de completado os estudos. Da mesma forma, sabe-se que a dotação de conhecimento com que contam os jovens de melhor nível educacional, pouco tem auxiliado na permanência e reprodução da unidade familiar. No depoimento abaixo, uma das jovens relata que seu desejo é *conciliar os dois lados*: estudar e permanecer na agricultura, a outra porem descarta essa possibilidade, pois pretende dar continuidade aos estudos e *fazer faculdade*:

Eu acho, por que se não daí... a agricultura depende do jovem, acho muito importante ele permanecer, mas acho também que eu gostaria de pode estudar, me formar e daí talvez permanecer na agricultura sim, mas ter um lado profissional assim, tentar conciliar os dois lados assim; Eu gostaria de fazer uma faculdade ligada a animais, biologia alguma coisa assim, veterinária; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves);

É bom, mas eu sei que eu não vou ficar por que... eu pretendo fazer faculdade e tal, e acho que na agricultura eu não vou ficar; (jovem, “F”, do interior– turma: 101 da Escola Rodrigues Alves)

Percebe-se, também, que os planos sobre futuro são elaborados e planejados, no caso do depoimento desta jovem abaixo, com os “pés no chão”, ou seja, ela traça seus planos de vida com plena consciência da sua situação. A educação neste depoimento é visto como uma trajetória possível, todavia a perspectiva de dá continuidade à unidade familiar com seus irmãos está presente também em seus projetos. Para Pais (2003) são muitos os planos de vida elaborados pelos jovens, porém a vida cotidiana cria certas condições que não possibilitam a concretização desses planos. “Os planos de vida idealizados pelos jovens

abrem portas para um vacuum temporal, para ser ocupado em um ponto “adiado” no futuro. (...) as opções são muitas, mas elas são também revogáveis e nem sempre possíveis” (op. Cit.: 01)⁶¹.

Eu gostaria muito assim, eu gosto só que...assim... como lá em casa como nós estamos em três, quatro grande, então não compensa ficar mais uma lá (risos), principalmente estorvando né (risos), ou que nem meu irmão ele... nós temos lá tipo assim... um grupo de leite, então meu irmão tinha te pensado fazer uma cooperativa de leite pra empregar nossa mão de obra, pra nós não precisar vim, dela nós tirar nosso dinheiro pra nós conseguir futuramente estudar; só que isso é um processo lento, eu até ano que vem eu permaneço na agricultura, daí depois eu já não respondo mais, então tem que ver conforme vai o andamento lá em casa pra ver se eu preciso ir ou não pra cidade. (...) o meu sonho é assim: Fazer uma faculdade, minha faculdade seria agronomia ou zootecnia, pra depois voltar, ajudar, por que o meu pai eles têm lá um projeto... de pastagem tudo; então eu gostaria de ajudar eles, fazer meu estudo, só que aplicar meu estudo na agricultura; por isso que eu digo: eu faria minha faculdade, mas eu retornaria pra agricultura é claro; (jovem, “F”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves).

É preciso estar atento para o fato de que a ausência de perspectivas na unidade familiar de produção pode significar também o início do afastamento da atividade agrícola: (...) *da agricultura tu tira o lucro, se tu tem já tudo estruturado, mas se não o jeito é ir pra cidade;* (jovem, “M”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves). A falta, também, de perspectivas concretas de acesso à propriedade da terra⁶² e a vontade de *fazer uma faculdade* fora do município de Saudades, leva os jovens a escolherem outras trajetórias:

(...)assim eu pretendo trabalhar numa empresa, já guardando meu dinheiro pra conseguir fazer uma faculdade assim... até porque não vejo muito futuro na agricultura; (...) aqui em Saudades é difícil, até por que não tem como tu bota um trator aqui no morro; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves);

⁶¹ “The life plans idealized by Young people open doors to a temporal vacuum, to be occupied at a postponed point in the future. (...) The options are many, but they are also reversible and not always possible”.

⁶² O acesso à propriedade da terra é visto pelos agricultores do oeste catarinense como o único caminho para construir um trajetória ascendente na profissão agropecuária. O horizonte para chegar a condição de proprietário via arrendamento não é considerado, entre as possibilidades existentes, como uma alternativa concreta e também não faz parte da história da agricultura familiar na região (ABRAMOVAY, 2001: 90).

Não, por que não é o que eu quero pra mim, não é que eu não goste sabe... assim de morar é bom tu tem uma certa liberdade, você pode ouvir o som no volume que você quer sabe, na cidade já mora vizinho lá já vai reclamar, assim é bom as vezes tu quer soltar um berro sabe, pode soltar no interior, na cidade você não tem essa liberdade; você tem as coisas orgânicas, você não tem tanto gasto como na cidade, mas eu não quero... não é que eu quero assim sabe, não é que eu não goste, não é o que eu quero pra mim; e os teus pais lhe dão apoio nessa tua escolha, por exemplo, fazer uma faculdade fora? Dão, eu sei que até por meu irmão né, eles falam as vezes assim: “porque que tu não quer fazer...” daí as vezes a mãe fala: “tu depois não vem reclamar, se a Têia vai fazer faculdade”; (jovem, “F”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck).

Estudos têm mostrado que na América Latina um número substancial de jovens rurais não vê seu futuro ligado a atividades agrícolas (DIRVEN, 2002). Entre as jovens, a maior assistência escolar parece estar associada com expectativas migratórias superiores: “ser maestra, secretaria, enfermeira, vendedora, etc., ocupaciones de mayor ingreso y status, y que ofrecen mejores perspectivas de movilidad social” (DURSTON, 1996:71). Na fala acima, a jovem vislumbra a realização de um projeto próprio de vida, porém enfatiza a segurança e a tranquilidade oferecida pelos laços familiares. Entretanto, esses projetos individuais encontram-se subordinados a dinâmica do campo de possibilidade. As condições de realização dos projetos individuais dependem, entre outros fatores, da composição da unidade familiar e do capital material e cultural disponível para a negociação (CARNEIRO, 1998).

3.4 A socialização escolar

Neste momento da dissertação, pretendo discutir e analisar as trajetórias de socialização dos jovens nas escolas do município de Saudades, levando em conta nesta análise às experiências cotidianas que são construídas nestes espaços. O propósito, então, é compreender quais os significados que os jovens atribuem a trajetória escolar no contexto específico de uma região, que tem como reflexo, as transformações econômicas e sociais da agricultura familiar. Além disso, é importante compreender os reflexos da mudança de atitude – tanto dos pais como dos filhos – em relação à escola, pois se percebe hoje em Saudades, segundo dados da escola, que existe um maior número de filhos de agricultores

que freqüentam a escola. Ressalta-se, também, que a procura pelos estudos tem, como uma das causas, o desinteresse de boa parte dos jovens do interior pela lavoura e, acima de tudo, a possibilidade que o estudo “oferece” a possibilidade de ascensão social. Portanto, os jovens fazem uma avaliação positiva acerca do processo de socialização da escola – mesmo que de forma instrumental – em relação aos seus projetos de vida.

3.4.1 O viés crítico da socialização escolar

Apesar desse caso em particular, ou seja, da avaliação positiva dos jovens de Saudades concernente a escola, é preciso considerar que hoje se vivencia o enfraquecimento, segundo Spósito (2000: 89), da capacidade de ação socializadora da escola sobre a maioria dos jovens, uma vez que estes mantêm com ela uma relação de distanciamento construído no interior da condição de aluno.

Nesse viés crítico de compreensão, Sousa e Durand (2002), afirmam que as instituições modernas de educação, enquanto espaços tradicionais de socialização, tendem a não considerar dentro do processo educativo, a condição social juvenil em suas múltiplas dimensões. Dentro desta configuração, as escolas recebem como orientação à idéia de “abordagem dos conflitos e interesses juvenis como um problema sobre o qual se aplicam soluções integrativas de convívio consideradas suficientes para a orientação da passagem para o mundo adulto”(2002: 165).

É essa também a perspectiva crítica do Sociólogo Thomas Popkewitz (2001), quando afirma que as instituições de ensino sob o regime do controle e da normalização funcionam para incluir/excluir algumas maneiras de ser. (...) “a pedagogia funciona para controlar a alma, com as tecnologias das práticas pedagógicas produzindo um meio para moldar a conduta dos indivíduos”(op cit.: 37). Para o autor, o currículo torna-se, a partir desse ponto de vista, parte de um espaço discursivo no qual os sujeitos do ensino (o professor, a criança e o *jovem*) são diferencialmente construídos como indivíduos para se auto-regularem, autodisciplinarem e refletirem sobre si mesmos como membros de uma comunidade/sociedade. “O currículo, pois, pode ser visto como uma invenção da modernidade, a qual envolve formas de conhecimento cujas funções consistem em regular e disciplinar o indivíduo”. (POPKEWITZ, 1994: 186).

Os espaços de socialização como as escolas – enquanto modelos tradicionais de intervenção – tendem a agir sobre a vida dos jovens buscando vigiar, bem como conter as suas ações e energias desordenadas. Por esse fato, Sousa e Durand (2002: 165) enfatizam que “a escola hoje está sob suspeita na medida em que o ensino está referenciado num modelo em crise”. Apoiadas em modelos dogmáticos de transmissão de conhecimento, as escolas acabam não priorizando as relações geradoras da autonomia dos sujeitos que se encontram envolvidos nesse processo.

O espaço escolar se converteu “hoje”, segundo Charlot (2001: 47) como um lugar de pouco apoio e de fracas referências positivas para os jovens, a não ser quando considerado um “meio” para obter uma profissão. Para o autor, o que os jovens põem em foco não é a desobediência cega a valores:

A ênfase recai sobre as formas de reciprocidade que se manifestam das mais diferentes maneiras: “amar e ser amado”, “dar para receber”, “respeitar para ser respeitado”, e assim por diante. Aliás, eles não se referem ao respeito de forma unilateral, mas ao respeito fundado na reciprocidade, na igualdade, e não na obediência. (op cit.: 41).

Hoje é reconhecida, na percepção de Spósito (1994: 90), “uma profunda separação entre a cultura escolar e mundo dos jovens, pois muitos são os temas que articulam a insatisfação do jovem perante a escola”. Porém, esse reconhecimento revela a crise pela qual passa a instituição escolar e, sobretudo, a educação formal que tende a homogeneizar os sujeitos, com seus parâmetros de normatização. Essa percepção exige, com isso, novas formas de articular os espaços de socialização, ou seja, “trata-se de pensar a escola como mais um dentre os espaços propícios à constituição de sujeitos que tentam compreender sua presença no mundo e buscam construir projetos em condições desafiadoras e adversas impostas pela sociedade atual” (op cit.: 90).

Para Canário (2001), a idéia de crise remete a uma situação patológica que rompe, temporariamente, um equilíbrio, portanto não é adequado para descrever a situação atual da escola. Por esse fato, julga pertinente escolher o conceito de mutação que remete a idéia de mudanças, pois considera ilusório acreditar em qualquer imobilismo da escola hoje. A escola vem sofrendo mutações que engendram contradições e os paradoxos que hoje se move.

Para superar os conflitos gerados no âmbito das instituições educativas é preciso, segundo Pais (1993:56), “reconhecer os jovens a partir de seus contextos vivenciais e, sobretudo, a partir de suas trajetórias cotidianas; pois é no curso das interações que estes constroem formas sociais de compreensão”. De certa forma, o próprio espaço escolar aparece para os jovens – embora de forma ambígua, pois ele também se revela como lugar de conflitos – como um dos poucos lugares de interação onde podem conviver com os amigos (CHARLOT, 2001: 46).

3.4.2 A socialização escolar vista sob outro ângulo

Não se pode, ao meu ver, conceber o processo de socialização na escola, simplesmente como um processo de reprodução arbitrária da cultura dominante. Pelo contrário, deve-se entendê-la, acima de tudo, como um “processo complexo e sutil marcado por profundas contradições e inevitáveis resistências individuais e grupais” (GÓMEZ, 2000: 19).

Poder-se-ia dizer, que a escola “aparece” num cenário de constantes conflitos e, como em qualquer instituição social, esta é marcada por profundas contradições e confrontos de interesses:

existem espaços – no âmbito da escola – “de relativa autonomia que podem ser utilizados para desequilibrar a evidente tendência à reprodução conservadora do *status quo*. Assim, o processo de socialização acontece sempre através de um complicado e ativo movimento de negociação em que as reações e resistências de professores/as e alunos/as como indivíduos ou como grupos podem chegar a provocar a recusa e ineficiência das tendências reprodutoras da instituição escolar” (GÓMEZ, 2000: 19).

Ainda na acepção de Gómez (op cit: 21-22), pode-se argumentar que apesar da observação sociológica acerca do caráter reprodutor da instituição escolar, a relativa autonomia da ação na escola não provém exclusivamente das contradições, mas do próprio processo de reprodução da cultura dominante. Assim, o caráter educativo da escola ultrapassa a mera reprodução e – imersa na tensão dialética entre reprodução e mudança – oferece uma contribuição específica: “utilizar o conhecimento, social e historicamente construído, como ferramenta de análise para compreender, para além das aparências superficiais do *status quo* real. O verdadeiro sentido das influências da socialização”. Neste

sentido, a escola – na sua função educativa – poderá oferecer espaços de relativa autonomia “mediante a atenção e o respeito pela diversidade”.

A escola deve ser compreendida, ainda segundo Gómez (2001:12), “como um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrates na construção de significados” que emergem, sobretudo, das interações sociais que são construídas no espaço escolar.

E é em busca desses significados que analiso, nesta parte da minha pesquisa, as trajetórias dos jovens do interior no âmbito das escolas de Saudades.

3.5 A educação escolar no contexto da agricultura familiar

A pesquisa em questão foi realizada num cenário – Oeste de Santa Catarina – que, Segundo Renk (1997, apud STRAPOSALOS, 2002), até os anos setenta o máximo de escolaridade entre aqueles que permaneceram nas atividades agrícolas era o equivalente a quinta série do ensino fundamental. Hoje, porém, embora ainda persista uma defasagem do ensino no espaço rural, bem como dificuldades para a continuidade dos estudos além das primeiras séries, ampliou-se o número de jovens que adquirem uma formação que se estende até o segundo grau e, para alguns, até o nível superior⁶³.

Constata-se hoje no município de Saudades uma significativa ampliação da rede escolar nas comunidades rurais⁶⁴ – apesar de algumas dificuldades⁶⁵ –, com serviços de transporte oferecido pela municipalidade, possibilitando o acesso e a continuidade dos estudos aos jovens.

⁶³ Segundo Durston (1997:12) os jovens rurais da América Latina estudam cada vez mais. No Brasil, mais de um entre cinco jovens rurais do sexo masculino, entre 15 a 19 anos, seguem estudando; e mais de uma entre três moças do meio rural seguem estudando no Brasil. “El Brasil tiene la tasa más alta de la región de jóvenes que estudian a la vez que trabajan, en áreas rurales tanto como urbanas”.

⁶⁴ No município de Saudades existem atualmente duas escolas situadas no perímetro urbano: a Escola Estadual de Educação Básica Rodrigues Alves, na qual funciona o ensino fundamental e médio e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Saudades; já nas comunidades do interior funcionam quatro instituições de ensino: a Escola Estadual de Educação Básica Rodolfo Foss, a Escola Estadual de Educação Básica João Batista Fleck, a Escola Estadual de Educação Básica João Paulo Kremer e a Escola Estadual de Educação Básica Carlos Werlang. Para maiores informações ver Anexo IV – Mapa do Município de Saudades.

⁶⁵ Cumpre ressaltar que nas escolas do interior: Escola João Batista Fleck e Escola João Paulo Kremer, onde optei por fazer a pesquisa, são poucos os investimentos do Governo do Estado de Santa Catarina no espaço físico e na melhoria do ensino. Realidade um pouco diferente vive a Escola Rodrigues Alves situada no perímetro urbano. Além disso, as escolas do interior sofrem com a escassez de alunos – fruto, sobretudo, do fluxo migratório cada vez mais comum entre os jovens do interior –, correndo o sério risco de serem fechadas.

Segundo dados sobre os jovens entrevistados, pode-se perceber que estes ultrapassam o grau de escolarização de seus pais e tendem a considerar a escola como um espaço que pode contribuir para os seus projetos futuros. Dentre os jovens estudantes entrevistados nas Escolas: João Batista Fleck e João Paulo Kremer, 86,6% dos rapazes e 100% das moças consideram que a escola contribuirá para a concretização de seus projetos futuros; entre os estudantes da Escola Rodrigues Alves, 95,6% dos rapazes e 96,9% das moças afirmaram que a escola contribuirá de fato para elaboração de projetos futuros⁶⁶.

3.5.1 A escola: *caminho para conseguir ser alguém na vida*

Quando perguntados sobre o significado que o jovem atribui a sua trajetória escolar, as respostas foram na mesma direção dos dados, ou seja, esses jovens apontam os estudos como condição para *definir o futuro e conseguir ser alguém na vida*:

Eu acho que a escola é o lugar que o cara vem pra aprender né, pra se formar né, pra ter os conhecimentos que capacitam a gente pro mercado lá fora, pro cara conseguir um emprego bom, uma coisa lá fora né, conseguir ser alguém na vida; (jovem, “M”, do interior - turma 302 da Escola Rodrigues Alves).

A escola é, segundo o depoimento acima, vista como a principal trajetória para boa parte dos jovens de Saudades. Isso por que ela possibilita a abertura de novas alternativas de “emprego” e “renda”, diante das incertezas sobre o futuro da agricultura familiar. Esse fato é apontado, também, numa pesquisa realizada na região serrana do Rio de Janeiro (CARNEIRO, 2005: 248), no qual predomina o pessimismo dos agricultores na avaliação sobre o futuro da agricultura, que resulta no desejo dos pais de que seus filhos sigam outra profissão e, sobretudo, leva-os a vislumbrarem os estudos e não mais a agricultura, como uma alternativa desejável para os filhos.

A valorização da escola como condição para o jovem do interior *definir o futuro* ou *escolher* uma profissão, conforme pode-se ver nas falas abaixo, demonstra uma avaliação positiva da escola e, concomitantemente, uma apreciação negativa da agricultura familiar. É

⁶⁶ Ver - Anexo II - Tabela.

possível estabelecer, portanto, uma relação entre “escola” e a “promessa de um emprego futuro”, na qual “significa fundamentalmente não ser agricultor” no futuro (CARNEIRO, 2005).

Eu acho que ela tem um sentido muito importante, porque é nela que eu acho que vou definir minha profissão, vou escolher minha profissão através dela; acho que é muito importante o sentido que ela tem em minha assim, ela que vai definir quase que eu meu futuro, profissional pelo menos; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves);

É essencial assim, por que aqui você aprende a ler, a escrever e também você vai construindo idéias para seu futuro, vai pensando que profissão seguir, vai tendo novas experiências com a convivência com as pessoas, você vai adquirindo uma identidade aqui; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

A escola tem um lugar demarcado na trajetória cotidiana dos jovens de Saudades. Ela aparece em seus depoimentos como espaço de referência positiva para a formulação de projetos individuais como, por exemplo, a possibilidade de *fazer faculdade*, o que implica, conseqüentemente, sair da comunidade de origem e abandonar a agricultura familiar, tendo em vista dar continuidade aos estudos na cidade.

A escola pra mim tem algum sentido sim, pra mim... é importante por que contribui é... a pessoa como ela vai ser futuramente na sociedade ou se quiser passar no vestibular alguma coisa assim, fazer faculdade; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

Os depoimentos reiteram a importância que os jovens atribuem a escola para seu futuro e permitem delinear o modo como integram a experiência escola em suas trajetórias. A escola, na visão dos jovens de Saudades, possibilita dar continuidade aos estudos, se preparar para o vestibular e as oportunidades de inserção no mundo do trabalho: *ela nos prepara para o mundo, para quando terminarmos os estudos podermos tomar um rumo e conseguir um bom emprego* (jovem, “F”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves). Em outras falas está presente também esta visão:

Eu acho assim escola como, que nem ela falou, a segunda família, principalmente se tu pensar em relação ao futuro, pelo futuro que tu estuda, tu não têm oportunidades se não tiver estudo (jovem, “F”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves);

pois ninguém é nada nessa vida sem os estudos, se você quiser arranjar emprego precisa de escola, assim em todos os empregos, para cursar uma faculdade; (jovem, “F”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves).

É importante notar nestas falas, que a escola aparece como um espaço útil para a obtenção de um certificado e que facilita o ingresso no mundo do trabalho fora do meio rural ou da atividade agrícola. O significado que esses jovens atribui as suas trajetórias no âmbito da escola está atrelado ao discurso socializador de uma escola que oferece a *promessa* de um “bom” futuro, muito embora essa escola esteja inserida atualmente num contexto de *incertezas* (CANÁRIO, 2000: 14). Está idéia reforça a motivação para os estudos e é “apropriada pelos jovens no conjunto de uma tensão não resolvida entre as demandas do presente e as perspectivas incertas de um futuro” (SPOSITO e GALVÃO, 2004: 373).

um órgão criado pelo sistema para separar os alunos e “distribui-los” a sua vocação, ou seja, a escola analisa o que temos de melhor e nos ajuda a escolher o caminho que devemos seguir; (jovem, “M”, do interior – turma 204 da Escola Rodrigues Alves);

(Denise Tanel – vive no interior): como uma segunda casa, que irá me ajudar, ma dar conselhos, fazer com que eu seja alguém na vida, para que no futuro essa escola tenha orgulho do que eu faço e até aonde eu fui capaz de chegar; (jovem, “M”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves).

Como espaço privilegiado de socialização, a escola parece cumprir, de acordo com os depoimentos acima, parte da missão que está na sua origem: “ajudar os jovens a conviver uns com os outros e a passar do mundo infantil e juvenil para o adulto” (CHARLOT, 2001: 45). E essa transição para o mundo adulto, quase sempre aparece de forma linear: ela serve como um *caminho que devemos seguir* para conseguir um emprego futuramente. Percebe-se que parte dos jovens entrevistados vislumbram um futuro melhor para suas vidas, levando em conta o término da formação escolar e a possibilidade de virem

a trabalhar não mais na atividade agrícola⁶⁷. Raro são os casos em que a escola – como no depoimento abaixo de um jovem que estuda na Escola João Batista Fleck – aparece como referência positiva para a formulação de projetos voltados para atividade agrícola:

Pra mim ela é importante por que vai ser... é o começo de tudo né, sem o estudo eu futuramente acho que não vou conseguir o emprego, até pra ficar aqui na agricultura ela vai ser modernizada daqui uns anos, então quem ter alguém especializado; o estudo é muito bom; (jovem, “M”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck);

Além de considerarem a educação escolar como aspecto importante para as trajetórias futuras, os jovens do interior de Saudades valorizam a escola como espaço de sociabilidade, pois é o lugar *onde se faz bons amigos*:

Nela que eu vou ver qual vai ser o meu futuro, com isso é o segundo lugar que eu mais fico, sendo assim minha segunda casa;, ela nos passa o conhecimento através dos professores, e é ali que fizemos bons amigos; (jovem, “M”, do interior – 302 da Escola Rodrigues Alves);

Eu vejo a escola como um lugar ótimo de ver amigos, mas acima de tudo para me preparar para o futuro. E gosto muito desse lugar; vejo como minha segunda casa, meu local de trabalho, pois é aqui que passo tardes inteiras aprendendo e se comunicando com meus colegas e professores; (jovem, “F”, do interior – turma 204 da Escola Rodrigues Alves).

É necessário ressaltar que a sociabilidade dos jovens do interior de Saudades acontece nos encontros de familiares, entre amigos e nos jogos realizados nos finais de semana. Nesse sentido, a escola adquire um papel importante na medida em que oferece a eles, cotidianamente, a possibilidade de ampliarem a rede de sociabilidade e as alternativas de lazer. É preciso reconhecer que as formas de “sociabilidade presentes nascem no interior da instituição escolar e decorrem dessas interações cotidianas que a vida escolar possibilita,

⁶⁷ Carneiro (2005: 253) alerta para o fato de que apesar do “otimismo dos jovens e do aumento do grau de escolaridade em relação à geração de seus pais, a ida para a cidade nem sempre possibilita a realização de seus ideais (dar continuidade aos estudos e trabalhar). Considerando que o jovem do campo não conta com o mesmo capital cultural e social (o apoio familiar, sobretudo) dos jovens da cidade, a competição no mercado de trabalho urbano lhe é desfavorável, o que se expressa nas remunerações inferiores em relação aos jovens urbanos.

sendo necessário, com efeito, tratá-las como parte do projeto educativo da escola” (SPÓSITO e GALVÃO, 2004: 371).

É plausível afirmar que a profunda mudança estrutural, conforme aponta Spósito e Galvão(2004), pela qual vem passando a escola pública, principalmente com a expansão das oportunidades de acesso – em meio a uma situação de crise econômica e social – tem reduzido, fortemente, as possibilidades de ascensão e mobilidade social via escola, pondo em cheque sua eficácia enquanto agência socializadora.

Entretanto, diante dos depoimentos dos jovens entrevistados, percebe-se, ainda, que o discurso socializador de ascensão social e da esperança de empregos promovida pela escola continua a mobilizar os jovens de Saudades, o que contraria a afirmação de Abad (2003), de que a escola deixa de ser atraente e perde o seu sentido para aqueles que buscam a mobilidade social por esta via.

A valorização do estudo como uma promessa futura, segundo Spósito e Galvão (2004: 361), configura uma ambigüidade caracterizada pela falta de sentido que os jovens encontram no presente. “Isso indica que os jovens estabelecem, no presente, uma relação predominantemente instrumental com o conhecimento, ou seja, a escola seria apenas uma etapa necessária”. A trajetória presente no espaço da escola pode ser expressa, então, de duas maneiras: como meio para alcançar um emprego no futuro e como espaço importante de sociabilidade. Assim, pode-se dizer que a meta do futuro, sempre lembrada e reiterada, pode não ser o bastante para dar sentido a conteúdos que aparecem, no presente, sem sentido.

3.5.2 A trajetória escolar sem *sentido*: descontextualização do ensino

Nas discussões realizadas com os jovens em sala de aula sobre o significado de suas trajetórias escolares, percebi uma importância relativa na aquisição de saberes que consideram fundamentais para a vida. A importância da escola é vista apenas – como foi já foi discutido aqui – como uma espécie de “ponte” ou como um instrumento *para ser alguém na vida* ou simplesmente para *conseguir um emprego*. Para Charlot (2001) isso é resultado do pouco “sentido” que os conteúdos curriculares têm para os jovens no contexto das próprias vivências concretas.

Os próprios jovens pesquisados em Saudades levantam seus argumentos para explicar a distância dos conteúdos aprendidos na escola em relação as suas vidas cotidianas no universo da atividade agrícola. Seus argumentos apontam para o fato de que os conteúdos não refletem e não discutem a realidade local e, conseqüentemente, de nada contribuem para a permanência na agricultura. Isso é notório na seguinte fala:

(...) não tem nem na matéria assim... cursos digamos... profissionalizantes pra você permanecer na agricultura, incentivo... acho que não ta contribuindo assim; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

No depoimento acima, a jovem afirma que a escola – situada na parte urbana do município de Saudades – não oferece conteúdos curriculares que estejam vinculados a realidade vivenciada cotidianamente pelos jovens do interior⁶⁸. Conseqüentemente, a escola não *incentiva*, segundo a fala da jovem, a permanência na atividade agrícola.

A escola é um dos principais instrumentos, segundo Brandão (1984: 244), de preparação para a ida à cidade e ao trabalho urbano. É, já na cidade, o lugar essencial da ressocialização para uma vida urbana.

Por isso, aprender a ler-escrever-e-contar são o que o lavrador reconhece como quase todo o ensino que espera da escola para os filhos. Porque este é justamente o aprendizado instrumental a partir do qual o *roceiro* (o trabalhador e habitante rural) se transforma no *cidadão* (o habitante e trabalhador urbano).

O ensino público no meio rural é resultado, ao meu ver, da penetração de uma cultura urbana e laica. O modelo de escola publica no Brasil, esteja ela inserida no meio “rural” ou “urbana”, apresenta três características fundamentais, conforme aponta Whitaker e Antuniasi (1993: 13):

⁶⁸ No município de Saudades existe a Casa Familiar Rural que se diferencia completamente das outras instituições de ensino. É um modelo de “ensino que utiliza a Pedagogia da Alternância como método, ou seja, não afasta os jovens rurais da sua família, do seu meio e de sua realidade. Todo o conhecimento adquirido por estes jovens e suas famílias leva em consideração os interesses e necessidades desta família em relação à atividade agrícola” (Estavam, 2003).

a) é urbanocêntrica, isto é, voltada unicamente aos conteúdos formados e informados no processo de urbanização; b) é sociocêntrica, isto é, voltada para os interesses de certas classes sociais; e c) é etnocêntrica, isto é, privilegiadora dos conhecimentos relativos ao mundo ocidental – a chamada racionalidade do capitalismo atrelada ao avanço científico e tecnológico.

Ao apresentar isso, as autoras (op. cit.) não estão negando a importância do conhecimento científico acumulado historicamente e que é transmitido pela escola, pois esse continua sendo um instrumento necessário para que os jovens conquistem a cidadania na sociedade letrada. O problema, ainda segundo essas autoras, é que a nossa escola não cria condições para estabelecer as interfaces entre esses conteúdos científicos que pretende fornecer e os diferentes tipos de conhecimento característicos da nossa ruralidade e heterogeneidade.

Percebe-se esse entendimento no depoimento da jovem que afirma que o *colégio no centro* (de Saudades) está completamente desvinculado das formas de vida do campo, pois conforme seu depoimento a escola *já ta integrada ao mundo urbano*:

Não (risos), que nem aqui o caso o colégio no centro... você já ta integrado com esse mundo urbano, então você já tem idéia assim disso, por que não tem um incentivo da escola pra você ficar no interior, ao contrário ela meio que influencia pra você buscar o centro assim... pra arrumar um emprego; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

É essa idéia de *integração* de que fala a jovem acima, incorporada no processo de socialização da escola, que tem influenciado a maneira de pensar dos jovens, a forma de ver o mundo e, sobretudo, na assimilação de novos valores. A escola está, portanto, *no rumo de levar os jovens pra cidade*:

Eu acho que não, desde o modo de o filho já estão bastante assim no lado... já influenciando o jovem pra cidade, por que tu vai fazer um estudo... alguma coisa desde... desemprego né, o quê que gera desemprego? Por que que têm pessoas... então tu estuda a forma por que que tem desemprego, tu ta estudando o desemprego por que na agricultura não ta dando, tu já é influenciando por que que na agricultura na é bom, então própria as vezes assim... eu acho que a escola ta no rumo de levar o jovem pra cidade, por que ela não dá oportunidades pro jovem ficar né; (jovem, “F”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves).

A condições precárias sob o ponto de vista econômico e social das pequenas propriedades, a falta de *oportunidades* concretas para que o jovem do interior permaneça na agricultura e, acima de tudo, sistemas de ensino desvinculados da realidade local, têm alterado a maneira desses jovens significarem suas trajetórias nesse contexto.

O depoimento dos jovens que estudam numa escola do interior deixa margem para outra interpretação: a escolas do interior – apesar de estarem, ainda, presas as malhas burocráticas dos planos curriculares – procuram direcionar os seus “temas”⁶⁹ em função da realidade local, ou seja, a realidade da agricultura familiar vivenciada pelos jovens:

(...) os professores viviam na agricultura, eles falam... as vezes até têm alguns caso que se arrependem de vim pra cidade estudar, e nós estudamos a maioria das coisa, pesquisa que nós fizemos, nós fizemos aqui mesmo na agricultura, como nós vivemos aqui, como nós podemos melhorar; então nós estamos estudando pra ver os pontos negativos, mas também os pontos positivos que são mais que os negativos; (jovem, “M”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck);

(...) eu acho assim... nos participamos nas aulas de geografia, história, a gente lê sobre tudo essas coisas (a importância da agricultura) isso mostra os dois lados da história, acho que cada um tem que fazer o que quer. (...) os dois lados da história... como é que é viver no campo e viver na cidade, esse é os dois lados; (jovem, “F”, do interior – 8º série da Escola João Batista Fleck).

Nesta ultima fala, a jovem afirma que essa escola do interior enfatiza os conhecimentos científicos: *geografia, história* e, acima de tudo, trabalha as questões relativas à agricultura, porém deixa claro que a escolha sobre o caminho a seguir depende de cada individuo: *cada um tem que fazer o que quer.*

Alguns atores têm discutido (KOLLING, et ali 2002: 16-17)⁷⁰ e ressaltado a importância de se discutir nas escolas rurais, os aspectos culturais do povo do campo como algo distintos do mundo urbano, que inclui o respeito pelas “diferentes maneiras de ver e de relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente, bem como de viver e de organizar a

⁶⁹ Cumpre ressaltar que os jovens do interior e os professores reconhecem os conteúdos passados na escola, como “temas”.

⁷⁰ “A articulação nacional Por Uma Educação do Campo começou no processo de preparação da Conferência Nacional *Por Uma Educação Básica do Campo*, realizada em Luizânia, Goiás, de 27 a 31 de julho de 1998. A Conferência, promovida a nível nacional pelo MST, pela CNBB, UnB, UNESCO, e pelo UNICEF, foi preparada nos estados através de encontros que reuniram os principais sujeitos de práticas e de preocupações relacionadas à *educação do campo*” (KOLLING; et ali, 2002: 15).

família, a comunidade, o trabalho e a educação”. Esses autores, afirmam que é necessário “a produção de novos conhecimentos para permanecer no campo, pois há currículos deslocados das necessidades e das questões do campo e dos interesses dos seus sujeitos”. Os idealizadores desse projeto reafirmam que é preciso estudar para viver no campo. Contrapondo, dessa maneira, a lógica que condena os jovens ao círculo vicioso: sair do campo para continuar a estudar e estudar para sair do campo.

Numa pesquisa realizada no ano de 2000 no Chile, pela pesquisadora Sonia Zapata (apud DUHART, 2004: 125-126), com jovens rurais trabalhadores e dirigentes da VII Região, sobre o processo educativo na área rural, aponta que no Chile a partir da década de 90, houve um “crescimento significativo” da educação formal entre a juventude rural, porém *“existe una sensación general que el actual currículo de educación no responde a los intereses de los jóvenes rurales y sus proyectos de vida ligados al campo. La educación formal estaría basada em un paradigma de juventud urbana, y sus intereses y proyectos de vida”*. Estas questões foram apontadas pela própria pesquisa, revelando:

i) Los jóvenes perciben el proceso educativo del área rural con un corte urban y, en el fondo, el propósito concreto es orientar al joven a la educación superior. ii) No contribuye a que el joven pueda desenvolverse o desarrollarse mejor en el campo. iii) Existe una fuerte desconfianza y baja autoestima, reflejado en la idea que ellos poseen falencias educacionales en comparación con los jóvenes urbanos, desertando muchos de ellos por sentirse incapaces de aprender. iv) También se sienten seducidos por los medios de comunicación, que les presentan una ciudad atractiva donde quieren llegar lo antes posible. v) Muchos emigran a la ciudad y engrosan las filas de desocupados y marginados, ya que su nivel de educación no les permite obtener un trabajo.

Em outra pesquisa realizada no Vale do Jequitinhonha – Minas gerais (SILVA, 2002), procurou fornecer alguns elementos explicativos para entender as dificuldades socioeconômicas que afetam diretamente a juventude rural. A pesquisa destaca, principalmente, os fatores ligados a projetos educativos:

inserir projetos que não privilegiam o contexto da região, as dificuldades e problema por que passam os alunos, não poderá assegurar a cidadania para estes por meio do estudo, pois não devolverão aos jovens o sentimento de que pertencem a uma sociedade, com iguais direitos de obterem um ensino *inteiro e não pela metade*. Em outras palavras, projetos que não partam de

dentro para fora, que não avaliem a realidade dos alunos aos quais se destinam, poucas chances têm de atingir seus objetivos com sucesso (op cit.: 106).

Observações realizadas em vários países latino americanos, segundo os apontamentos levantados pela *Dvisión de Desarrollo Social – CEPAL* (1996: 27), tem revelado que a migração permanente dos jovens rurais diminui drasticamente “*cuando se crean condiciones para generar ingresos localmente por sobre la mera supervivencia*”. Entre estas condições, também se reconhece que as escolas – ligadas às peculiaridades de suas vidas – são necessárias a formação política, na medida em que são “*muy escasas las oportunidades y posibilidades para organizarse o para constituirse en actores sociales*”.(op cit.: 26).

Uma dimensão importante a ser pensada para os jovens rurais – contrapondo a idéia hegemônica que visa a integração de seus estilos de vida ao um único modelo: o urbano –, segundo Duhart (2004: 128), corresponde à busca de novos espaços de socialização ou de um “sistema educacional que se adapte as necessidades e condições do ciclo de vida rural, tomando como base à capacidade que estes jovens possuem para o futuro desenvolvimento de suas vidas, suas comunidades e suas regiões”.

Penso que estas questões possam ser utilizadas – em estudos futuros – como ferramentas importantes para discutir a atual situação social dos jovens no campo e, sobretudo, para auxiliar na compreensão da diversidade de elementos que influenciam as trajetórias de migração dos jovens e dos fatores que fazem com que a permanência na agricultura familiar seja uma realidade no meio rural.

CAPÍTULO IV

CAMINHOS POSSÍVEIS: Juventudes, Família e Escola

Nesta parte do trabalho, pretendo fazer algumas amarrações entre juventude, família e escola. Penso que ao fazer isso estarei contribuindo para uma melhor compreensão das trajetórias cotidianas dos jovens no contexto da agricultura familiar e dos significados que estes atribuem a essas trajetórias.

Compreender como esses jovens de Saudades atribuem significados a esse “período da vida” e, sobretudo, apreender em seus depoimentos como estes jovens se “auto-definem” e como “definem” os outros, é de suma importância para analisar as suas trajetórias cotidianas. Não é possível, ao meu ver, analisar suas trajetórias de socialização no âmbito da família e da escola, sem conhecer, anteriormente, a maneira como estes jovens estão pensando esta “fase” que é, de certa maneira, vivenciada no meio rural. Por este caminho é possível apresentar suas particularidades – enquanto jovens “rurais” –, as “semelhanças” e as “diferenças” com os jovens que vivem no perímetro urbano de Saudades e de outras regiões.

Por intermédio de seus depoimentos, foi possível observar no universo da pesquisa, a heterogeneidade de juventudes ou as várias maneiras de ser jovem, sejam eles “rurais” ou “urbanos”. Muitas das expressões ou valores pelas quais os jovens do “campo” e da “cidade” se identificam, acabam por revelar algumas diferenças e, ao mesmo tempo, semelhanças. De fato, entender as semelhanças e as diferenças entre valores e expressões que fazem parte desses jovens, exigiu que eu fizesse – como já foi visto – uma discussão em torno da noção de rural, tendo em vista compreender esse conceito para além da dicotomia: “rural” e “urbano”. O entendimento dessa questão permitiu concluir que não há fronteiras fixas entre esses “universos” sociais e, acima de tudo, possibilitou uma flexibilização metodológica na análise deste trabalho.

Nessa perspectiva foi possível inferir, como sugere Carneiro (2005:259), que o “rural” e o “urbano” se expressam em universos culturais distintos que podem se manifestar nos mesmos espaços geográficos:

A pouca distinção entre alguns valores dos jovens da cidade e do campo, pode ser expressão da diluição das fronteiras culturais entre esses *dois universos* (grifo meu), tornando cada vez mais imprecisas as fronteiras concernentes às idealizações e projetos dos jovens.

Poder-se-ia dizer, então, que as trajetórias cotidianas dos jovens investigados são caracterizadas pelo contato, cada vez mais próximo, entre “campo” e “cidade”, de tal modo que esses jovens em suas trajetórias “cultivam traços e assimilam, ao mesmo tempo, valores *urbanos e rurais*” (SILVA, 2000: 173). Porém, não significa que este contato esteja acontecendo num contexto isento de conflitos, ambigüidades e incertezas.

4.1 As estratégias de mobilidade social

O fato é que com a imprecisão dessas fronteiras e com as condições precárias de reprodução da agricultura familiar, os jovens percebem que as alternativas de inserção no mercado de trabalho e as opções de lazer e educação são “ampliadas” com a possibilidade de migração para as cidades.

É preciso ressaltar, ainda, que novas atividades – para além das atividades agrícolas – surgem como mecanismos de mobilidade e estratégia adotada pela unidade de produção familiar, visando complementar a renda e superar a crise na atividade agrícola que tem interferindo nas condições de reprodução da agricultura familiar, conforme aponta o seguinte depoimento:

(...) Aqui na nossa realidade eu acho que houve um longo período de desvalorização da atividade rural, então assim ficou um pouco tanto acessível à política agrícola por parte dos responsáveis, dos governantes, vamos dizer assim, e o nosso povo aqui do meio rural eles ficaram bastante desanimados nas suas atividades, visto que não eram valorizados né, trabalhavam o ano todo e no final do ano não viam lucros, não viam perspectivas de conseguir comprar ou adquirir algo a mais, inovar sua propriedade né, aí eles foram desistindo aos poucos né, então a mão de obra dos jovens principalmente não era valorizada né. (professora da Escola Rodrigues Alves);

Essas novas atividades complementares às atividades agrícolas podem ser definidas, segundo Carneiro (1996), como *pluriatividade*⁷¹, ou seja, atividades não exclusivamente agrícolas executadas no espaço rural, na qual no município de Saudades envolve: as indústrias de confecções, calçados e móveis, a prestação de serviços e comércio de mercadorias⁷².

No bojo dessas mudanças o que se sabe, porém, é que a criação de *novas necessidades* – já que o envolvimento do trabalhador rural em uma só ocupação não lhe traria o necessário ao seu sustento e de sua família – tem alterado o padrão de reprodução da agricultura familiar, ampliando o campo de possibilidades no que diz respeito aos projetos individuais com o objetivo de melhorar de vida (CARNEIRO, 1998:07).

Esse fator, portanto, interfere sobremaneira nas trajetórias cotidianas dos jovens. Em Saudades essas são marcadas pelas transformações ocorridas na agricultura de base familiar e pela possibilidade que os jovens “possuem” de escolher um caminho diferente, ou seja, uma oportunidade de escolher algo para além da atividade agrícola, quer seja no espaço rural ou no urbano. Com efeito, isso tem alterado a forma de atuarem na realidade e a maneira como atribuem significados a suas trajetórias. Cumpre ressaltar, entretanto, que as atividades não agrícolas no meio rural não fazem parte da trajetória cotidiana dos jovens que vivem no interior de Saudades e estudam na Escola Básica João Batista Fleck e na Escola Básica Paulo Kraemer. Porém, isso é algo mais presente, no cotidiano dos jovens do interior que estudam na Escola Básica Rodrigues Alves.

Pode-se dizer que o desejo do jovem de Saudades, por exemplo, em permanecer no meio rural, não pressupõe mais assumir a profissão de agricultor. Isso porque em Saudades as atividades não agrícolas realizadas no perímetro urbano, tornam-se atrativas para muitos

⁷¹ Esse conceito é empregado, no debate acadêmico sobre agricultura familiar, para descrever uma unidade produtiva que desempenham múltiplas atividades, “em que se apreendem atividades agrícolas e não agrícolas dentro e fora do estabelecimento, e pelas quais diferentes tipos de remuneração são recebidos (rendimentos, rendas em espécie e transferência)” (KAGEYAMA, 1998: 04). Na acepção de Wanderley (2001, apud STROPASOLAS, 2002: 62) a pluriatividade não constitui, necessariamente, um processo de abandono da agricultura e do meio rural. A pluriatividade expressa uma estratégia familiar adotada, quando as condições permitem, para garantir a permanência no meio rural e os vínculos mais estreitos com o patrimônio familiar.

⁷² Estabeleci contato com dois agricultores que desenvolviam também atividades não agrícolas, apesar de estarem vivendo com a família no interior. Ambos eram sócios numa empresa de confecções e calçados e afirmaram que esta atividade era responsável pela maior fonte de renda da unidade familiar. Todavia, embora um novo espaço rural vêm se configurando hoje, segundo Carneiro (1996), na realidade brasileira, proporcionando aos trabalhadores rurais – principalmente aos jovens – novas atividades econômicas às unidades de produção familiar, ainda é preciso muita cautela ao falar do desenvolvimento de atividades não agrícolas no interior das unidades de produção familiar de Saudades (ABRAMOVAY et. al. 1998, 2001).

jovens do interior que não vêem futuro e nem estímulo em permanecer nas propriedades agrícolas de seus pais:

Acho que é as condições, na cidade eles ganham o dinheirinho deles todo mesmo, têm certeza que vão ter dinheiro no fim do mês, na agricultura depende do tempo, clima tudo (jovem, “M”, do interior – turma 302 da Escola Rodrigues Alves);

Acho que assim, pro dinheiro garantido no final do mês, agricultura assim você trabalha, trabalha, trabalha, só que esse lucro é a longo prazo, esse lucro não é garantido, aqui você tem teu dinheiro no final do mês, você tem teus horários pra trabalhar, você tem teus horários livres, então acho que é mais fácil assim, por uma liberdade, por um “saber”... que você sabe que sempre vai ter dinheiro no final do mês; (jovem, “F”, do interior – turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).

Nesta pesquisa, muito são os jovens⁷³ que vivem no interior e trabalham na cidade⁷⁴, porém alguns ainda continuam vinculados à família e a comunidade de origem. Dos 69 rapazes entrevistados na escola Rodrigues Alves, 31, 8% trabalham na cidade. Já entre as moças: de 65 entrevistadas, 37, 8% trabalham na cidade⁷⁵.

Ainda que continuem vinculados a família, aqueles jovens que optaram pelo “perímetro urbano” do município de Saudades como trajetória ou projeto de vida, entendem que agricultura não lhes serve mais e que a migração do meio rural continua sendo a alternativa mais viável para realizar seus projetos individuais e, sobretudo, como alternativa de renda extra para a família: *Eles vem pra cidade em busca de melhorar a vida, nem sempre em casa eles conseguem o que querem, os pais moram longe; (...) eles buscam alternativa de ajudar a família em casa; (jovem, “M”, da cidade - turma: 101 da Escola Rodrigues Alves).*

Mesmo considerando que as atividades não agrícolas têm servido de alternativa e estimulado as famílias e os jovens a permanecerem e se fixarem no meio rural, penso que não se trata, como afirma Abramovay (1998), “de apostar em atividades ditas não-agrícolas” como forma de minimizar o êxodo rural e estimular a permanência das pessoas. Porém, esse fato serve para compreender melhor as trajetórias que os jovens assumem no

⁷³ No universo desta pesquisa são aqueles jovens que estudam no ensino médio da E.B. Rodrigues Alves.

⁷⁴ As empresas do município, em convênio com a Prefeitura, disponibilizam ônibus para recolher os jovens que vivem no interior.

⁷⁵ Ver Anexo II – Tabela.

meio rural e as suas escolhas por novas alternativas de inclusão social, num espaço marcado por significativas transformações sociais e econômicas.

4.2 As trajetórias de migração

A busca por novas alternativas tem levado, também, muitos jovens de Saudades a optarem por novas trajetórias, ou seja, a migrarem para as cidades. O fator da migração tem afetado diretamente a população jovem e ameaçado a continuidade da gestão e do trabalho na unidade familiar. Até o final dos anos 1960 havia no Oeste de Santa Catarina, de acordo com Abramovay et al. (2003), uma forte pressão moral no âmbito da família e comunidade, para a continuidade da atividade agrícola. De fato, eram raras as trajetórias autônomas de realização profissional entre os jovens, sendo a agricultura a perspectiva mais viável de reprodução social para as novas gerações.

Pode-se dizer, então, que o objetivo básico da unidade produtiva era, como destaca Abramovay et al. (1998:30), que a maior quantidade possível de filhos pudesse reproduzir a condição social de agricultor.

Quando essa fusão entre os objetivos e as aspirações dos membros que compõe a unidade econômica familiar desaparece, surge como estratégia à questão sucessória para dar continuidade aos projetos da família. Essa lógica da sucessão estava em transferir a propriedade paterna para o filho mais novo como forma de reproduzir a condição social de agricultor.

Nesse processo, a instituição do “minorato” era um recurso utilizado visando dar seqüência à reprodução da gestão familiar. O filho mais novo era escolhido como herdeiro e, em troca, permanecia na morada paterna, ficando responsável pelo cuidado dos pais na velhice. Com efeito, essa lógica de herança implica também um forte viés de gênero, pois as mulheres eram sistematicamente excluídas deste processo (STROPASOLAS, 2002; ABRAMOVAY, 1998, 2001, 2003).

Os conflitos gerados por essa lógica de reprodução da agricultura familiar alterou sensivelmente a maneira dos jovens rurais de Saudades significarem suas trajetórias no âmbito da família. Na pesquisa de campo realizada neste município, constatou-se um processo de diluição dos padrões e discursos normatizadores da família rural, uma vez que

se fazem presentes à configuração de novas formas de interação: flexíveis, heterogêneos e plurais.

Para muitos jovens de Saudades trabalhar fora significa, como enfatiza Stropasolas (2002), a possibilidade de construção de um outro imaginário, mesmo que não explicitado, sob a ótica da conquista, como estratégia frente a processos internos e externos que vão desde a modernização e mecanização da agricultura, às divisões sexual e social do trabalho na unidade familiar, passando por inúmeras outras implicações próprias da esfera da questão do patrimônio e do matrimônio, com seus deveres conjugais. Em decorrência da interação com novos valores e espaços, novas expectativas e projetos de vida podem surgir em suas trajetórias cotidianas, resignificando padrões aparentemente cristalizados.

Quando perguntados sobre “os motivos que estão levando os jovens rurais a deixarem suas propriedades e procurarem as cidades”, eis o que os jovens de Saudades responderam:

Penso que a juventude está saindo da zona rural para ir trabalhar na cidade ganhar R\$ 300,00 por que não tem oportunidades, no seu trabalho não é reconhecido pela sociedade, e trabalhando na empresa ele pelo menos tem os R\$ 300,00 garantido; na agricultura não é assim, tudo depende do clima etc. é assim que as favelas vão crescendo cada vez mais, as pessoas saem do interior para ir trabalhar na cidade, e na verdade é uma realidade bem diferente. Os jovens se acabam nas drogas, bebem, não tem projeto nenhum para sua vida, por isso eu acho que o trabalho rural deveria ter um reconhecimento maior, os jovens também da zona rural e da cidade ter condições de pagar uma faculdade, pra ter uma vida mais digna. (jovem, “F”, do interior – turma 101 da Escola Rodrigues Alves);

Eu não sei, eu acho porque eles querem ser, como é que eu posso te dizer, querem partir pro um lugar novo talvez, as vezes enjoam da agricultura por causa que não da muita renda, alguma coisa assim; (jovem, “M”, do interior – turma 302 da Escola Rodrigues Alves);

o serviço na agricultura é um serviço pesado, difícil de fazer e tem gente que não gosta né, é sofrido, sol todo dia, essas coisas, eu acho que é isso, mas por isso; (jovem, “M”, do interior - turma 302 da Escola Rodrigues Alves).

Estas falas revelam que as trajetórias cotidianas dos jovens do interior de Saudades são marcadas pela falta de perspectiva de renda, por isso a procura pelas cidades se resume na esperança de melhorar de vida e, sobretudo, em conseguir superar a crise financeira.

Portanto, os principais argumentos dados pelos jovens (tanto moças como rapazes) foram de ordem econômica e física; considera-se um trabalho pouco rentável, pois trabalha-se muito, exigindo um grande esforço físico, e ganha-se pouco. Soma-se a isso, a falta de incentivo à agricultura familiar que aparece como fator decisivo na hora do jovem escolher a cidade como trajetória. Além disso, a cidade oferece melhores opções de emprego e lazer: *(...) eu acho que na cidade é melhor e têm as firmas, na agricultura tu sabe é aquela coisa. (...) na cidade tem mais opções de serviço* (jovem, “F”, vive na cidade - turma 204 da Escola Rodrigues Alves); *Acho que até pra maior opção de lazer né, e até por uma falta de incentivo pra ele ficar na agricultura, então não tem nada na agricultura que atraia ele, então ele se vê atraído pela cidade. Opções de lazer, diversão, festa (risos)* (jovem, “F”, do interior - turma 101 da Escola Rodrigues Alves); *Porque na agricultura sabe assim, já é mais difícil trabalhar, o sol já é mais quente, assim na cidade nas firmas tu pode trabalhar. Você quer vir pra cidade? Sim. Então, não quer trabalhar na agricultura? Não por muito tempo* (jovem, “M”, do interior – turma 204 da Escola Rodrigues Alves).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a saída do jovem de Saudade para a cidade ou sua inserção em atividades não-agrícolas⁷⁶ é uma questão de escolha ou uma opção estratégica, conforme aponta Carneiro (2004: 261), “dada às necessidades familiares e as alternativas de emprego existentes, e não mais uma fatalidade”.

Apesar das falas anteriores enfatizarem as dificuldades e os problemas relativos a agricultura familiar, há jovens que preferem permanecer em atividades agrícolas na propriedade da família, pois acreditam que as condições oferecidas em casa são mais atrativas do que aquelas oferecidas na cidade. Quando perguntei se eles tinham vontade de ir para a cidade, os seguintes significados foram revelados:

Eu não; (...) eu dentro de mim mesmo né, na cidade da aquele gostinho sim, aquela vontade, como eu falei, tu tá livre dos teus compromissos nos finais de semana, só que assim: se eu hoje em dia era pra vim pra cidade trabalhar por um salário mínimo, eu não viria por que em casa assim, as condições que o meu pai e minha mãe estão me oferecendo são muito melhores do que aquelas que a gente conhece que muitos largam em casa, só que daí em penso assim: eu preciso estudar, então o meu pai e minha mãe, eles têm mais filhos... a faculdade ou coisa assim, se eu quero fazer

⁷⁶ A ascensão dos jovens do campo a uma profissão não-agrícola é, conforme aponta Guigou (1968: 83), um fenômeno que vem ocorrendo desde a década de 1960 com a mudança dos papéis atribuídos a cada um dos membros da família.

eles vão me ajudar, mas eu vou te que me virar com comida e tudo, então eu vou ter que vim pra cidade de repente por motivo de... buscar uns recursos, só que a minha vontade era, agronomia, por que daí eu adoro lidar com terra, com animais né, então é por isso que eu não... tenho aquela vontade de ficar na roça, mas ao mesmo tempo eu não to bem decidida...se... qual que é (risos); (...) lá em casa se a gente ajuda um ao outro na tarefas; (professora da Escola Rodrigues Alves).

Nesta fala, entretanto, percebe-se que a jovem não descarta a possibilidade de sair de casa para dar continuidade aos seus estudos. Sua fala expressa o desejo de que a sua trajetória de emigração signifique um período necessário para terminar sua “faculdade de agronomia”, supondo o retorno – a comunidade de origem – após o término do curso. Porém paira sobre essa jovem, uma certa indecisão quanto à trajetória de futuro desejada.

Sabe-se, porém, que o estudo e o maior conhecimento formal têm grande importância para os jovens pesquisados, na medida em que serve como recurso para seus projetos individuais ou para suas próprias estratégias de vida. A trajetória percorrida por alguns jovens explicita o estudo como esperança de uma melhor inserção no mercado de trabalho. “Para as famílias rurais, sobretudo os de maior dificuldade econômica, o estudo é pensado como estratégia de ressocialização, preparando o jovem para o engajamento como força de trabalho assalariado no meio urbano” (STROPASOLAS, 2002: 243).

Em outras falas, os jovens referem-se a agricultura familiar como espaço aberto de possibilidades que inclui: horário flexível, liberdade para escolher o momento de descansar e, sobretudo, espaço para o lazer. Diferente da vida na cidade que não oferece esses atrativos, segundo seus depoimentos:

Eu não, nem um pouco; (...) que nem ela falou: “o jovem não fica na agricultura por causa dessa vontade de fim de semana ta livre né, na agricultura não”; eu penso assim: eu prefiro ta final de semana em casa mesmo ajudando, do que ta na cidade sem ter nada pra fazer; eu pra mim na cidade nem pensar; (...) lá em casa eles dão aquela folga, aquele espaço se tu quer sair e se divertir, lá em casa pelo menos não tem esse problema... que tem que ficar em casa fazendo só esse serviço (jovem, “F”, do interior – turma 101 - Escola Rodrigues Alves);

Dá vontade.. dá, mas se tu vai pensar daí tem que ter aquele horário tu tem que ta no seu serviço, na roça não é tanto assim; se tu ta cansado tu pode descansar, já na cidade não é bem assim (jovem, “M”, do interior – turma 202 da Escola Rodrigues Alves).

É preciso considerar, também, que a ausência de políticas públicas que reconheça a importância da agricultura familiar e incentive a permanência das famílias de agricultores no campo, pode estar impulsionando a saída de jovens do campo e comprometendo a continuidade da agricultura familiar. Isso é notório nas seguintes falas:

O principal motivo foi à falta de incentivo aos agricultores nas duas últimas décadas, os agricultores foram sucateados e criou-se uma visão de que às vezes trabalhar na cidade por um salário mínimo era melhor do que produzir alimentos (professor da Escola Rodrigues Alves);

Então acredito que essa busca pela cidade foi esse, como é que a gente poderia dizer, esse desleixo pelas autoridades que deixaram rolar, não buscaram políticas que motivassem mais, que desse maior sustentação pro pequeno agricultor nas suas propriedades e os jovens acabaram buscando as cidades por isso (professora da Escola Rodrigues Alves);

Tem que ter incentivo pro jovem ficar na agricultura, não tem incentivo pra ele ficar na agricultura, as coisas sabe... sei lá como vou te explicar... não tem, ninguém incentiva, ninguém ajuda sabe, que nem os preços dos insumo tão lá em cima, e depois quando tu cobre mal da pra pagar isso; o jovem acaba desanimando e vai em busca da cidade... emprego (jovem, “F”, do interior – turma: 202 da Escola Rodrigues Alves).

As falas revelam que o “não incentivo”, o “desleixo das autoridades” e o “preço alto dos insumos” indicam uma certa vulnerabilidade social dos jovens agricultores diante do processo de mercantilização da agricultura familiar. Uma mercantilização que não é apenas econômica, mas social e cultural. Esse fato exige que a família rural estabeleça estratégias de sobrevivência visando garantir a reprodução de seus modos de vida e, sobretudo, significa transformar suas vidas ou desenvolver outras trajetórias de vida que envolve: a busca por uma nova alternativa de renda, migração e, conseqüentemente, abandono da propriedade. Esse caso é revelado na seguinte fala:

Na agricultura tá muito difícil né, eu acho assim quem morar no interior, o agricultor mais ou menos bem sucedido, esses alunos ficam lá né, mas aqueles pequenos agricultores que não têm o dinheirinho mensal deles né, aí eles vão pra cidade trabalhar por um salário mínimo, quando chega o fim de mês pelo menos isso eles têm, aqueles menos favorecidos, aqueles da Jacutinga, esse pessoal que mora ali tem 3 a 4 hectares de terra né, eles não têm espaço, alguns que não têm salário até passam fome, então é melhor

eles virem pra cidade, trabalhar por salário mínimo, daí pelo menos esse dinheiro eles têm final do me (professora da Escola Rodrigues Alves).

A enunciação em questão refere-se a comunidade da “Linha Jacutinga Baixa” (as famílias que ali residem são reconhecidas pelas outras comunidades do município de Saudades como: os “caboclos” ou “brasileiros”, pois não fazem parte dos chamados “colonos alemães”), como a mais afetada pelo processo de exclusão social. As conseqüências sociais que advém deste processo têm como resultado: a insuficiência no desenvolvimento de atividades agrícolas, precariedade nas questões de saneamento básico e saúde, terras com declives que dificultam o manuseio e o plantio de determinadas culturas, o lucro da produção mal cobre os custos com insumos e equipamentos. Todavia, esse fato não atinge apenas esta comunidade em específico, mas todas as comunidades que de uma forma ou de outra, vivem da agricultura de subsistência.

Diante dessa crise social e econômica da agricultura familiar e, sobretudo, na busca de superar essa situação, muitos jovens do interior de Saudades – estimulados pelos pais e cooptados pelas empresas – adotam como trajetórias individuais à migração para as cidades. Dessa forma, o perímetro urbano de Saudades se apresenta para os jovens, como um campo aberto de possibilidades⁷⁷: *A “piazada” vão e se viram lá na cidade, eles vivem melhor que aqui. A gente não consegue viver produzindo em pequena quantidade. Na Jacutinga Baixa se produz mais fumo* (pai de aluno que estuda da Escola Rodrigues Alves). Neste cenário, as empresas de Saudades oferecem aos jovens – em suas trajetórias cotidianas – oportunidades de emprego e renda. Para os jovens, isso significa também a possibilidade de realizar projetos de vida mais individualizados, com uma vida cotidiana aberta a novas experiências. Para as empresas, com efeito, empregar os jovens do interior nos setores de produção, significa uma estratégia de produtividade, uma vez que os jovens se adaptam – sem muito problema – a lógica da empresa: (...) *Hoje a preferência das empresas é a contratação de jovens do interior, pois possuem maior facilidade de adaptar-se e entender rapidamente o processo* (Funcionária do RH de uma Empresa).

⁷⁷ Para Melucci (1999: 153) o mundo moderno se apresenta à ação individual como campo aberto ao possível. “Los mitos Del progreso y de la libertad alimentan el sueño Del rescate de los vinculos con la naturaleza, con la sumisión de ésta al poder de la técnica; pero la promesa de rescate se refiere al mismo tiempo a la vida del individuo, para el cual se prefigura un camino abierto hacia la autonomía y la plena realización de sus pontencialidades.

Quando perguntados sobre a atuação das empresas no Município de Saudades e o que isso significa em suas vidas, muitos jovens afirmaram ser importante, pois estão oferecendo a eles a possibilidade de usufruírem novas oportunidades de empregos. Além disso, as empresas servem de trajetórias para aqueles “jovens que não querem continuar na agricultura” e, sobretudo, como estratégia de sobrevivência diante das transformações econômica e sociais que vêm ameaçando a reprodução da agricultura familiar.

Acho positiva, porque que nem eu falei da agricultura ta meio assim, e têm famílias que tipo não têm condições sabe, tipo não tem dinheiro, daí pra ajudar a família e os pais vão pra cidade trabalhar nas empresas pra ajudar em casa, pra ter alimento assim (jovem, “F”, do interior – turma 204 da Escola Rodrigues Alves);

Acho que é bom pro município, porque gera emprego e tem uma oportunidade pros jovens que não querem continuar na agricultura, e tem os impostos também que ajuda no crescimento do município. (...) Alguns jovens que não tem condições de continuar na agricultura, daí sai pra buscar uma oportunidade de vida melhor né.(jovem, “M”, do interior – turma 302 da Escola Rodrigues Alves);

É importante porque assim o jovem tem trabalho e se interessa em trabalhar, não fica correndo rua se ele quiser trabalhar, acho que é importante também a empresa pro município, pra gerar... aqui é um município pequeno, gera bastante emprego e não dá essa ondinha de assalto né, que os jovens vão pro caminho das drogas aí, começa aquelas ondinha de assalto essas coisas, e daí eles tem um trabalho, eles tiram o tempo deles ali né (jovem, “M”, do interior – turma 302 da Escola Rodrigues Alves).

Na fala seguinte, percebe-se uma certa opinião generalizada sobre o papel das empresas no município de Saudades, ou seja, boa parte da população local considera a instalação das empresas benéfica para a cidade e, acima de tudo, afirma ser positivo a implantação de transportes coletivos para recolher os jovens do interior que trabalham nas empresas. Isso quer dizer, que os jovens não precisam deixar suas comunidades de origem, como acontecia anteriormente neste município:

Eles tão auxiliando né, as empresas aqui da cidade estão pedindo pra juventude vim trabalhar aqui na cidade, por que como hoje já tão dando transporte municipal, pela Prefeitura... os do interior tão podendo trabalhar

na cidade. (...) isso ai ajuda a permanecia dos filhos com os pais, sai pra trabalhar pra cidade sabe que outro dia ta em casa de noite (jovem, “M”, do interior– turma 202 da Escola Rodrigues Alves).

Em outras falas, porém, os jovens criticaram a atuação das empresas, ressaltando o fato de estarem retirando os jovens do interior e incentivando sua inserção neste universo mercantil. Além disso, a exploração da mão de obra também aparece em suas falas como fator negativo:

Eu vejo bastante discriminação das empresas, por que todas as empresas que a gente conhece, tem funcionário... tem funcionário que ta trabalhando três anos lá, ta ainda nos mesmo R\$ 300 de salário mínimo, então eu vejo assim bastante discriminação com o jovem, por que eles acham que o jovem necessita desse emprego eles exploram (jovem, “M”, do interior – turma 101 da Escola Rodrigues Alves);

É... acho que é bom por uma parte, cria mais emprego, gera mais renda pro município; (...). a maioria dos jovens que tem aqui vão pra cidade, eu não sei se é bom isso, por que vai diminuindo a população do interior, fica aqueles que são mais fortes, esses mais fracos sei lá (jovem, “M”, do interior – 8º série João Batista Fleck);

Eu acho que ta... não sendo importante por que ta de vez acabando com a agricultura, com a permanência do jovem na agricultura, que esse é o principal objetivo pelo qual os jovens vem pra cidade... é pelo emprego né, pra ter o salário, gastar e se divertir, então eu acho que essas empresas estão contribuindo cada vez mais pra... pro jovem vim pra cidade, deixar o interior (jovem, “F”, do interior – turma 101 da Escola Rodrigues Alves);

O projeto de tirar o jovem do interior é errado, porque eles estão deixando as raízes deles de lado sabe, eles vão deixar de trabalhar no interior pra trabalhar nos grandes centros, então vai acaba com a agricultura familiar pelo menos (jovem, “F”, do interior– turma: 101 da Escola Rodrigues Alves);

Eu acho que com esse transporte vai pegando os jovens, os jovens que sai... isso vai tirando a força assim da agricultura sabe, mas daqui um tempo não vai ter mais ninguém morando na agricultura sabe desse... novo incentivo que eles estão fazendo (ovem, “M”, do interior - 8º série da Escola João Batista Fleck).

Penso que este é um assunto extremamente complexo que exigiria uma investigação mais detalhada. Todavia, a proliferação cada vez mais intensa de empresas, não só no

município de Saudades, mas em todo o Oeste de Santa Catarina, é um fato que precisa ser analisado e discutido. Entender os fatores que levam as empresas a adotarem como estratégica a contratação de “Jovens do Interior” em seus setores de produção está, ao meu ver, associado à crise da agricultura de base familiar e, concomitantemente, com as trajetórias de migração desses jovens: *A princípio, curto prazo, elas absorvem os jovens que se encontram em idade para trabalhar na cidade e os do interior que estão desestimulados com a agricultura ou procuram outros caminhos, mas estamos vendo o nosso interior envelhecendo e de certa forma reduzindo muito a agricultura familiar* (professor da Escola Rodrigues Alves). Portanto, é preciso ficar atento a este assunto, merecendo que este seja “objeto” de investigações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na investigação realizada, busquei compreender as trajetórias cotidianas dos jovens que estão “imersos” no contexto da agricultura familiar e, concomitantemente, apreender os significados que estes atribuem as suas trajetórias nesse universo cultural.

Na perspectiva de tal investigação, procurei tecer algumas considerações sobre a categoria: juventude “rural”, mediante a discussão teórica e, sobretudo, a partir da observação minuciosa de suas trajetórias. Ao fazer isso, pude perceber a pluralidade presente em seus “modos de ser” e a diversidade de práticas e valores num contexto sócio-cultural específico, onde universos culturais distintos, como o “rural” e o “urbano”, muitas vezes se combinam.

No decorrer deste trabalho, tentei apresentar uma juventude cuja trajetória cotidiana e os projetos de futuro têm sido alterados, significativamente, por meio de novas perspectivas de vida que se abrem frente às transformações e mudanças nos modos de reprodução social da agricultura familiar. Por conta disso, entretanto, optei pelo seguinte recorte analítico: acompanhar as trajetórias dos sujeitos jovens que vivem, de modo integral, suas experiências não só na unidade de produção familiar, mas no bojo das relações familiares e no universo escolar.

Tendo em vista discutir as especificidades dos jovens do meio rural de Saudades, destaquei algumas categorias que emergiram a partir de seus depoimentos sobre esse “período da vida”. A maneira de ver essa “fase”, influência de forma substancial a trajetória cotidiana desses jovens como foi possível verificar.

Nestas falas, foi possível perceber que os jovens do “interior” “significam” está “fase”, pela ótica negativa dos problemas e, sobretudo, associam quase sempre os jovens que vivem na cidade, como protagonistas de “posturas desviantes”. Além disso, o mundo da rua é sempre associado, conforme a suas visões, à violência e a imoralidade.

Suas falas apontam para o fato de que os jovens da “cidade” ou “urbanos” – em suas trajetórias cotidianas – estão mais suscetíveis às drogas e a outros “perigos” sociais, pois estão expostos ao mundo da rua. Ao contrário dos jovens “urbanos”, pude notar que as falas estão direcionadas para uma visão tradicional acerca dos jovens “rurais”. Em outras

palavras, os jovens do interior parecem vislumbrar uma espécie de proteção por pertencerem a uma comunidade do interior e permanecerem em suas casas.

Esse fato permitiu revelar que o caráter de “responsabilidade” – presente na vida adulta – compõem a condição juvenil do campo. Todavia, foi possível observar que os jovens do interior também usufruem uma espécie de espaço legítimo proporcionado pela família, na qual permite que suas trajetórias cotidianas sejam vivenciadas com relativa despreocupação e isenção de responsabilidades. A concessão desse “espaço bio-político” (ABAD, 2003), permite compreender uma certa “autonomia” dos jovens nos projetos de vida, além é claro pela avidez em multiplicar experiências de sociabilidade.

Apesar do fator responsabilidade está presente nos discursos e na vida dos jovens do interior, foi possível encontrar algumas similaridades ou semelhanças entre jovens “rurais” e jovens “urbanos”. Esse fator se deve às mudanças nos padrões morais de exigência, pois o “espaço de tempo” tão comum entre os jovens “urbanos” de classe média, também é legitimado socialmente no contexto rural de Saudades. Como foi visto, os filhos de agricultores de Saudades estruturam seus projetos pessoais atrelados à família, porém predomina as decisões individuais quanto ao futuro desejado.

Esse “prolongamento” da juventude do campo, se evidencia na maior possibilidade de acesso e permanência na escola, em comparação com as gerações anteriores, e também na flexibilidade e mobilidade que possuem na realização de seus projetos individuais.

A tendência que se constata hoje, como foi possível perceber entre os jovens do meio rural de Saudades, em desenvolver projetos de vida mais individualizados, deve-se a um conjunto de fatores que precisam ser enfatizados: às incertezas sobre o futuro da agricultura familiar; o trabalho “puxado”; e o pouco retorno financeiro da pequena propriedade rural. Por esse fato – conforme se observou –, os agricultores têm incentivado os jovens a vislumbrarem a cidade como alternativa frente às condições precárias da atividade agrícola. Isso explica o valor atribuído, tanto pelos pais como pelos filhos, à educação.

A educação é avaliada como principal alternativa de inserção em atividades não-agrícolas. O estudo é encarado como um “instrumento” capaz de oferecer aos jovens, a possibilidade de serem “alguém na vida”, o que “significa fundamentalmente não ser agricultor” (CARNEIRO, 2005).

Percebe-se, portanto, que a trajetória cotidiana dos jovens de Saudades é marcada principalmente pelos espaços de socialização, como a família e a escola. Esses são espaços que continuam sendo referências na formação dos jovens, influenciando em suas idealizações e projetos de vida. O engajamento dos jovens do interior em atividades não-agrícolas tem a família como influência decisiva, pois ela reconhece as dificuldades de reprodução da agricultura familiar que está, sobretudo, sendo afetada pelo processo de modernização e pela lógica de produção capitalista.

O anseio dos jovens por serem incluídos no mercado de trabalho urbano é também reflexo desse processo que tem, por sua vez, mobilizado-os na busca de novas opções e alternativas de empregos.

Nota-se também que a escola é “alvo” dessa mobilização juvenil, sendo considerada importante para o futuro e, acima de tudo, tem uma implicação decisiva na elaboração dos projetos individuais ou pessoais e nas trajetórias de migração.

A pesquisa tentou evidenciar, portanto, a dimensão da diversidade presente no município de Saudades. Dimensão esta que pode ser vista nas múltiplas maneiras de viver a juventude e nas diversas trajetórias que são vivenciadas neste contexto. Esses jovens estão inseridos num conjunto de valores sociais e culturais – fruto da aproximação entre as “fronteiras” do mundo “rural” e “urbano” –, que tem mobilizado os jovens, em meio a conflitos e incertezas, a construir novas alternativas de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, Miguel. **Crítica Política às Políticas de Juventude**. In: FREITAS, Maria Virginia e PAPA, Fernanda de Carvalho. *Políticas Públicas. Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez Editora/Ação Educativa, 2003.
- _____. **Las Políticas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivência, cidadania y nueva condicion juvenil em Colômbia**. In: LEÓN, Oscar Dávila (Ed.). *Políticas públicas de juventud en America Latina: políticas nacionales*. Vinã del Mar: CIDPA, 2003a.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.
- _____. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. In: Revista Brasileira de Educação – ANPED – Juventude e contemporaneidade. N. 5 e 6, 1997, p. 25-36, Número especial.
- ABRAMOVAY, Ricardo (coord.). **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.
- _____. **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial**. 1998 (Mimeo).
- _____. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: IPEA: 1999. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>.
- _____. (Org.). **Os Impasses Sociais da Sucessão Hereditária na Agricultura Familiar**. Florianópolis: NEAD, 2001.
- _____. **Agricultura Familiar e Capitalismo no Campo**. In: STÉDILE, J. P. (Org.). *A Questão Agrária Hoje*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- BADALOTTI, R. M. **A Cooperação Agrícola e a Agroecologia como Base para a Viabilização da Agricultura Familiar no Oeste Catarinense: o papel da APACO**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2003.
- BARCHELARD, Gaston. **A Formação do Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

- BECKER, Fernando. **A Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola.** 6º ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.
- BORDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BORDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.
- BRANDÃO, Zaia. BONAMINO, Alicia Catalano de. **A crise dos paradigmas e a educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Trabalho de Saber.** Cultura camponesa e escola rural. São Paulo: FTD, 1990.
- _____. **Casa de Escola.** Campinas/SP: Papirus, 1984.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei n. 8069/90 de 13 de julho de 1990. 5º ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- BLUM, Rubens. **Agricultura Familiar: estudo preliminar da definição, classificação e problemática.** In: TEDESCO, João Carlos. (Org.). Agricultura Familiar: realidades e perspectivas. Passo Fundo: UPF, 2001.
- CAMARANO, Ana Amélia. MELLO, Juliana Leitão e. PASINATO, Maria Tereza. KANSO, Solange. Texto para Discussão N° 1038. Rio de Janeiro, agosto de 2004. disponível em: www.ipea.gov.br.
- CANÁRIO, R., ALVES, N., ROLO, C. **Escola e Exclusão Social: para uma análise crítica da política.** Lisboa: Teip-Educa, 2001.
- CANGAS, Yanko Gonzáles. **Juventud Rural: Trayectorias Teóricas y Dilemas Identitarios.** Barcelona: Revista Nueva Antropología, Vol. XIX, N° 63. pp. 153-175, 2004.
- _____. **Escola: crise ou mutação?** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- CARNEIRO, M. J. **Política Pública e Agricultura Familiar: uma leitura do Pronaf.** In: Revista Estudos Sociedade e Agricultura, n° 8, abril 1997.
- CARNEIRO, M. J. **O Ideal Rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais.** In: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; Costa, L.F.C. (Org.). Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

- _____. **Juventude rural:** projetos e valores. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, Pedro, P. P. (Org.). Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2004.
- CHARLOT, Bernard. **Os Jovens e o Saber.** Perspectivas Mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DAYRELL, Juarez. **A Música Entra em Cena:** O rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 2005.
- DÁVILA, Oscar. GHIARDO, Felipe y MEDRANO, Carlos. **Los Desheredados:** Trayectoria de vida y nuevas condiciones juveniles. Santiago do Chile: CIDPA, 2005.
- DIRVEN, Martine. **Las Prácticas de Herencia de Tierras Agrícolas:** una razón más para el éxodo de la juventud?
- DUBAR, Claude. **A Socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto Editora, 1997.
- DUHART, Daniel. **Juventud Rural em Chile:** Problema o Solución. Última Década nº 20. Santiago do Chile: CIDPA, 2004.
- DURAND, Olga Celestina. **Jovens da Ilha de Florianópolis:** Socialização e Sociabilidade. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2000.
- DURSTON, John. **Estrategias de Vida de los Jóvenes Rurales em América Latina.** In: In: Juventud Rural: modernidade y democracia en América Latina. Santiago de Chile: CEPAL, 1996.
- _____. **Juventud Rural em Brasil y México:** reduciendo la invisibilidad. Santiago de Chile: CEPAL, 1997. Disponível em: www.eclac.org.
- ESTEVAM, D. De O. **Casa Familiar Rural:** a formação com base na Pedagogia da Alternância. Florianópolis: Insular, 2003.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FLEURI, Reinaldo Matias; SOUZA, Maria Izabel Porto de. **Entre Limites e Limiares de Culturas: educação na perspectiva intercultural.** In: FLEURI, Reinaldo Matias (org). Educação Intercultural: mediações necessárias. Florianópolis: DP&A, 2003.
- FLORES, Murilo. In: ABRAMOVAY, Ricardo (coord.). **Juventude e Agricultura Familiar:** desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998.

- GAIGER, I. **Práxis coletiva dos sem-terra rumo a unidade ou a heterogeneidade cultural?** Cadernos de Sociologia. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, p. 177-203, 1994.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GERMER, Claus. **O Desenvolvimento do Capitalismo no campo brasileiro e a reforma agrária.** In: STÉDILE, J. (Org.). A Questão Agrária Hoje. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.
- GÓMEZ, A. I. P. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- _____. **As Funções Sociais da Escola: da reprodução a reconstrução crítica do conhecimento e da experiência.** In: (Org.). SACRISTÁN, J. G. Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- GROPPO, Luís Antonio. **Juventude.** Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUIGOU, Jacques. **Problemas de uma Sociologia da Juventude Rural.** In: BRITTO, Sulamita (Org.). Sociologia da Juventude II: Para uma Sociologia Diferencial. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1968.
- GUZMÁN, Diego Pérez; MEJÍA, Marco Raúl. **De Calles, Parches, Galladas y Escuelas:** transformaciones en los procesos de socialización de los jóvenes de hoy. Santa Fé de Bogotá: Cinep, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia:** Entre a facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império.** Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HEGENBERG, Leônidas. **Explicações Científicas:** introdução à filosofia da ciência. São Paulo: HERDER/USP, 1969.
- HELLER, Agnes. **Quotidiano e História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos de 2000.** disponível em: www.ibge.gov.br/ibge/estatistica/população/contagem/default.shtm.

- KAGEYAMA, Ângela. **Pluriatividade e Ruralidade**: alguns aspectos metodológicos. Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 1998.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis, RJ: VOZES, 2002.
- KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo e CALDART. Roseli Salette. **Por uma Educação do Campo**: Identidade e Políticas Públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.
- LAMARCHE, H., (Coord.). **A agricultura familiar**: Comparação internacional. Vol. I. Campinas: UNICAMP, 1993.
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **A História dos Jovens**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. vol. 1 e 2.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. In: Ensayos de la Cultura e Juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MARTINS, J. de S. **A Sociedade Vista do Abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- _____. **Regimar e seus amigos**: a criança na luta pela terra e pela vida. In: MARTINS, J. de S. (Coord.). O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- MELLO, Márcio A; SCHMIDT, Wilson. **A Agricultura Familiar e a Cadeia Produtiva do Leite no Oeste Catarinense**: possibilidades para a construção de modelos heterogêneos. In: PAULILO, Siveira; SCHMIDT, Wilson (org). Agricultura e Espaço Rural em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2003a.
- MELLO, Márcio A; Abramovay, R.; Silvestro, M.L.; Doringon, C.; Ferrari, D.L.; Testa, V.M.; **Sucessão Hereditária e Reprodução Social da Agricultura Familiar**. Agricultura São Paulo, SP: (50) 1 – pp. 11-24, 2003b. Disponível em: www.nead.org.br
- MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____. **Acción Colectiva Vida Cotidiana y Democracia**. México: El Colegio de México, 1999.

- MINAYO, M. C. S. (org.) et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MONTAÑO, Carlos. **Terceiro Setor e Questão Social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORIN, Edgar. **O Método III: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____. **Terra – Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MUSSOI, Eros Marion. **Juventude Rural: em busca de um trabalho sob nova dinâmica**. Florianópolis: EPAGRI, 1993.
- NEUMANN, Pedro Selvino. **O Impacto da Fragmentação e do Formato das Terras nos Sistemas Familiares de Produção**. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2003.
- ONU – Organizações das Nações Unidas. Disponível em: www.onu-brasil.org.br.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- _____. **The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life**. In: Journal of Youth Studies, Vol. 6, No. 02, 2003. Disponível em: www.ics.ul.pt/corpoctificico/josemachadopais/pdf/CJYS_6_2_01lores.pdf.
- PAOLI, Maria Célia. **Empresas e responsabilidade social: os enredamentos da cidadania no Brasil**. In: SANTOS, B. de S. (Org.). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- PLAISANCE, Eric. **Socialização: modelo de inclusão ou modelo de interação?** Título original em Francês: Socialisation: modèle de l'inculcation ou modèle de l'interaction?. Tradução: Ione Ribeiro Valle. Professora do Centro de Ciências da Educação – FAED/UDESC, 2003.
- POPPER, Karl R. **Pós-escrito à Lógica da Pesquisa Científica**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- POPKEWITZ, Thomas S. **Lutando em Defesa da Alma**. A política do ensino e a construção do professor. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- QUAPPER, Klaudio Duarte. **Juventud o Juventudes?** A cerca de como mirar e remirar a las juventudes de nuestro continente. In: Adolescencia e Juventud en América Latina. Cartago, LUR: Libro Universitario Regional, 2001.

- RODRÍGUEZ, Ernesto. **Los Desafíos de fin de Siglo y la Problemática Juvenil Rural en América Latina.** In: Juventud Rural: modernidade y democracia en América Latina. Santiago de Chile: CEPAL, 1996.
- ROMANELLI, Geraldo. **Questões Teóricas e Metodológicas nas Pesquisas sobre a Família e Escola.** In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). Itinerários de Pesquisas: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ROSÂNGELA, Steffen Vieira. **Juventude e Sexualidade no Contexto (Escolar) de Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.** Dissertação de Mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 2004.
- ROSE, Nikolas. **Como se deve fazer a história do eu?** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 34-57, jan./jun. 2001.
- RUA, M. das G. **As Políticas Públicas e a Juventude dos anos 90.** Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD, p. 731-749, 1998.
- SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado Pelos Demônios: a ciência vista como uma vela no escuro.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.
- SCHMIDT, Vanice Dolores Bazzo. **Agroindústria em Santa Catarina: da integração à inclusão social.** In: PAULILO, M. I. S.; SHMIDT, W. (Org.). Agricultura e espaço rural em Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.
- SILVA, J.B. da.; GILES, A. **PRONAF Agroindústria,** documento referencial. Brasília: MA/SDR, 1998.
- SILVA, Claiton Marcio da. **Saber, Sentir, Servir e Saúde: A Construção no Novo Jovem Rural nos Clubes 4-S, SC (1970 – 1985).** Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 2002.
- SILVA, Vanda. **Jovens de Um Rural Brasileiro: Socialização, Educação e Assistência.** In: Cadernos CEDES - Educação, Adolescentes e Culturas Juvenis. Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 97-114.
- SILVA, José Graziano da. **O Desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e a reforma agrária.** In: STÉDILE, J. (Org.). A Questão Agrária Hoje. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de; DURAND, Olga Celestina da Silva. **Experiências Educativas da Juventude:** entre a escola e os grupos culturais. Perspectiva. Florianópolis, v. 20. n. Especial, p. 163-181, Jul./Dez. 2002.
- SPÓSITO, Marília Ponte. **Algumas Hipóteses sobre as Relações entre Movimentos Sociais, Juventude e Educação.** In: Revista Brasileira de Educação nº 13. ANPED, 2000.
- SPÓSITO, Marília Ponte; GALVÃO, Izabel. **A Experiência e as Percepções de Jovens na Vida Escolar na Encruzilhada das Aprendizagens:** o conhecimento, a indisciplina, a violência. In: (Orgs.) DURAND, Olga Celestina da Silva; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: Editora da UFSC, v. 22, n. 02, p. 277-575, jul/dez. 2004.
- SPÓSITO, Marília Ponte; CARRANO, Paulo. **Juventud y Políticas Públicas en Brasil.** In: LEÓN, Oscar Dávila (Ed.). *políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales.* Vinã del Mar: Ediciones CIDPA, 2003.
- STÉDILE, João Pedro. **A Questão Agrária e o socialismo.** In: STÉDILE, J. P. (org). A Questão Agrária Hoje. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens:** o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2002.
- TEDESCO, J.C. **Terra, Trabalho e Família:** racionalidade produtiva e *ethos* camponês. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999.
- _____.(Org.). **Agricultura Familiar:** realidades e perspectivas. Passo Fundo: UPF, 2001.
- THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária.** São Paulo: POLIS, 1982.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais.** A pesquisa qualitativa em educação: O Positivismo, A Fenomenologia e O Marxismo. São Paulo: ATLAS, 1987.
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar:** epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: VOZES, 2002.

- VIANNA, H. (org.). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- WANDERLEY, M. de N. B. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. ANPOCS, Caxambu, 1996.
- _____. **O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno**. Anais XXXV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 1997.
- _____. **A Emergência de uma Nova Ruralidade nas Sociedades Modernas Avançadas: O “rural” como espaço singular e ator coletivo**. UFPE, Recife, 2000a.
- _____. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. Anais XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2000.
- WESCHENFELDER, Noeli Valentina. **Uma História de Governo e de Verdades – Educação Rural no RS 1950/1970**. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Educação) UFRGS, 2003.
- VEIGA, J. E. **A Face Rural do Desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- _____. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002a.

ANEXOS

Anexo I – Questionários

Questionário direcionado aos jovens (alunos), aos professores e técnicos, aos pais e empresas do município de Saudades/SC

I – JOVEM (ALUNOS)

1.1 – O JOVEM POR ELE MESMO:

- 1 – Qual o significado ou sentido que o aluno/jovem atribui a escola em sua vida?**
- 2 – Qual o significado ou sentido que o jovem atribui a família em sua vida?**
- 3 – Qual o significado que o aluno/jovem atribui a si mesmo, ao seu papel na escola e ao seu papel na família?**

1.2 - A ESCOLA:

- 4 – Qual seria o papel da escola em relação aos alunos/jovens?**
- 5 – O que significa ser jovem?**
- 6 – Você acha que a escola influencia ou não na sua permanência na agricultura?**

1.3 – A AGRICULTURA:

- 7 – Você acha que é importante à permanência do jovem na agricultura familiar?**
- 8 – na sua opinião, por que os jovens estão procurando as cidades?**
- 9 – Você gostaria de permanecer na agricultura e ser agricultor?**
- 10 – O que significa ser jovem do interior e jovem da cidade? Há diferenças?**

1.4 – ATUAÇÃO DAS EMPRESAS NO MUNICÍPIO:

- 11 – Como você vê a atuação ou o papel das empresas perante os jovens em Saudades?**

II – PROFESSORES E TÉCNICOS DA ESCOLA

1.1 – RELAÇÃO: OS JOVENS X A ESCOLA:

1 – O que significa ser jovem e ser aluno

2 – Qual seria o papel da escola em relação aos alunos/jovens?

3 – Ter disciplina ou ser disciplinado é importante para a formação do jovem? Por que?

4 – há diferenças entre ser aluno/jovem do interior e aluno/jovem da cidade?

5 – na sua opinião, por que os jovens estão procurando as cidades?

1.2 – SOBRE A AGRICULTURA:

6 – Você acha que a escola influencia/contribui ou não na permanência dos alunos/jovens na agricultura?

7 – Você acha que é importante à permanência do jovem na agricultura familiar?

8 – A modernização das técnicas de produção ou o uso das novas tecnologias na agricultura são aspectos importantes para a permanência do jovem na agricultura?
Sim () Não (). Se a resposta for sim, por que?

1.3 – SOBRE A ATUAÇÃO DAS EMPRESAS NO MUNICÍPIO:

9 – Como você vê a atuação ou o papel das empresas perante os jovens em Saudades?

III – FAMÍLIA

1.1 – SOBRE OS FILHOS/JOVENS:

1 – Qual o significado que a família atribui ao filho enquanto jovem?

2 – O que significa ser jovem?

3 – Qual é na sua opinião a função da família perante o filho/jovem?

4 – Como é a relação com seus filhos/jovens em casa?

1.2 – A RELAÇÃO COM A ESCOLA:

5 – Você acha que a escola influencia ou não na permanência dos filhos/jovens na agricultura?

1.3 – A RELAÇÃO COM A AGRICULTURA:

- 6 – Você gostaria que seus filhos/jovens permanecesse na agricultura familiar**
- 7 – Você acha que é importante à permanência do jovem na agricultura familiar?**
- 8 – Há diferenças entre ser jovem do interior e jovem da cidade?**
- 9 – na sua opinião, por que os jovens estão procurando as cidades?**

1.4 – A ATUAÇÃO DAS EMPRESAS NO MUNICÍPIO:

- 10 – Como você vê a atuação ou o papel das empresas perante os jovens em Saudades?**

IV – EMPRESAS (UMBRO E A COOPERATIVA ITAIPÚ)

- 1 – Como você vê a atuação ou o papel das empresas perante os jovens em Saudades?**
- 2 – Você acha que é importante a permanência do jovem na agricultura familiar?**
- 3 – na sua opinião, por que os jovens estão procurando as cidades?**

Anexo II – Tabelas

Levantamento de dados quantitativos, realizados a partir do questionário sócio-econômico cultural, aplicado aos jovens (estudantes) do município de Saudades/SC

Escola de Educação Básica Rodrigues Alves:

1º série – turma: 101; 2º série – turma 202 e 204; 3º série – turma: 302

I – DADOS GERAIS -

- TABELA 1 – Número de jovens entrevistados por gênero e idade

Total de jovens do sexo masculino: 69 / feminino: 66

Total: 135

Idade	Rapazes	Moças
	Número	Número
14	4	6
15	24	21
16	20	23
17	16	12
18	5	2
19		1
20		
21		
22		
23		
24		1

- TABELA 2 – Você tem alguma religião?

Religião	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Católico	67	97,1	60	90,9
Evangélico	1	1,4	2	
Protestante				
Espírita				
Luterana			1	1,5
Nenhuma	1	1,4	1	1,5
Outros			2	3,0

- TABELA 3 – Estado civil

Estado Civil	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Solteiro	69	100	65	98,4
Casado			1	1,5
Filhos				
Sim				
Não	69	100	66	100

II -BLOCO: FAMÍLIA

- TABELA 4 - Escolaridade da mãe e do pai

Escolaridade	Mãe		Pai	
	Nº	%	Nº	%
Ensino Fundamental				
Incompleto	69	51,1	71	52,5
Completo	12	8,8	14	10,3
Cursando				
Ensino Médio				
Incompleto	14	10,3	19	14,0
Completo	17	12,5	12	8,8
Cursando				
Ensino Superior				
Incompleto	7	5,1	8	5,9
Completo	12	8,8	7	5,1
Cursando	1	1,3		

- TABELA 5 – O pai e a mãe trabalham fora de casa?

	Pai		Mãe	
	Nº	%	Nº	%
Sim	72	53,3	70	51,8
Não	59	43,7	65	48,1
Não respondeu	4	2,9	2	1,4

- **TABELA 6 – Vive com os pais?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	63	91,3	61	92,4
Não	6	8,6	4	6,0
Não respondeu			1	1,5

- **TABELA 7 – Possui irmãos?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	66	95,6	63	95,4
Não	3	4,3	2	3,0
Não respondeu			1	1,5

- **TABELA 8 – Quem mais vive com a família?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Tios	8	11,5	6	9,0
Avós	14	20,2	11	16,6
Primos	2	2,8		
Outros	1	1,4	3	4,5
Nenhum	46	66,6	34	51,5
Todos (tios, avós, primos)	1	1,4	1	1,5

III – BLOCO ESCOLA

- **TABELA 9 – Você acha que a escola pode contribuir para seu futuro?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	66	95,6	64	96,9
Não	2	2,8		
Não respondeu	1	1,4	2	3,0

- **TABELA 10 – Já realizou algum curso profissionalizante?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	28	40,5	27	40,9
Não	41	59,4	39	59,0

- **TABELA 11 – Já reprovou na escola?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	21	30,4	6	9,0
Não	48	69,5	60	90,9

- **TABELA 12 – Já desistiu alguma de vez de estudar?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	1	1,4	4	6,0
Não	68	98,5	62	93,9

IV – BLOCO DO TRABALHO

- **TABELA 13 – Trabalha na agricultura?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Na Agricultura				
Sim	30	43,4	18	27,2
Não	39	56,5	48	72,7
Na Propriedade Familiar				
Sim	39	56,5	33	50
Não	30	43,4	33	50
Em outra Propriedade				

- **TABELA 14 – Trabalha na cidade?**

Na Cidade	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	22	31,8	25	37,8
Não	47	68,1	40	60,6
Não respondeu			1	1,5
Tem Carteira Assinada				
Sim	22	31,8	17	25,7
Não	39	56,5	47	71,2

- TABELA 15 – Já realizou algum estágio?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	3	4,3	1	1,5
Não	66	95,6	65	98,4

VI BLOCO COMUNIDADE

- TABELA 16 – Faz parte ou participa de algum grupo de jovem?

Grupo	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	56	81,1	51	77,2
Não	12	17,3	14	21,2
Não respondeu	1	1,4	1	1,5
Qual o Grupo				
Esportivo	30	43,4	20	30,0
Musical	6	8,6	3	4,5
Amigos	25	36,2	27	40,9
Religioso	7	10,1	15	22,7
Outros (ex.: geração saúde)	5	7,2	6	9,0

- TABELA 17 - Participa de atividades políticas?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	3	4,3	3	4,5
Não	66	95,6	62	93,9
Não respondeu			1	1,5

VI QUESTÃO FINAL

- TABELA 18 – Você tem projeto para o futuro?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	56	81,1	64	96,9
Não	13	18,8	1	1,5
Não respondeu			1	1,5

Escola de Educação Básica João Batista Fleck - (8º série)**I – DADOS GERAIS**

Número total de jovens estudantes: 14

- TABELA 1 – Número de jovens entrevistados por gênero e idade

Idade	Rapazes	Moças
	Número	Número
13	03	02
14	03	03
15	01	
16	02	
Total	09	05

- TABELA 2 – Você tem alguma religião?

Religião	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Católico	06	66,6%	05	100%
Evangélico				
Protestante				
Espírita				
Luterana				
Nenhuma	03	33,3%		
Outros				

- TABELA 3 – Estado civil

Estado Civil	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Solteiro	09	100%	05	100%
Casado				
Filhos				
Sim				
Não				

II -BLOCO: FAMÍLIA

- **TABELA 4 - Escolaridade da mãe e do pai**

Escolaridade	Mãe		Pai	
	Nº	%	Nº	%
Ensino Fundamental				
Incompleto	06	42,8%	05	35,7%
Completo	04	28,5%	05	35,7%
Cursando				
Ensino Médio				
Incompleto	04	28,5%	04	28,5%
Completo				
Cursando				
Ensino Superior				
Incompleto				
Completo				
Cursando				

- **TABELA 5 – O pai e a mãe trabalham fora de casa?**

	Pai		Mãe	
	Nº	%	Nº	%
Sim	01	7,1%	02	14,2%
Não	13	92,8%	12	85,7%

- **TABELA 6 – Vive com os pais?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	08	88,8%	05	100%
Não	01	11,1%		

- **TABELA 7 – Possui irmãos?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	08	88,8%	05	100%
Não	01	11,1%		

- **TABELA 8 – Quem mais vive com a família?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Tios				
Avós	01	11,1%		
Primos				
Outros				
Nenhum	08	88,8%	05	100%

III – BLOCO ESCOLA

- **TABELA 9 – Você acha que a escola pode contribuir para seu futuro?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	07	77,7%	05	100%
Não	01	11,1%		
Não Respondeu	01	11,1%		

- **TABELA 10 – Já realizou algum curso profissionalizante?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	01	11,1%	01	20%
Não	08	88,8%	04	80%

- **TABELA 11 – Já reprovou na escola?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	04	44,4%	01	20%
Não	05	55,5%	04	80%

- TABELA 12 – Já desistiu alguma de vez de estudar?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim				
Não	09	100%	05	100%

IV – BLOCO DO TRABALHO

- TABELA 13 – Trabalha na agricultura?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Na Agricultura				
Sim	09	100%	05	100%
Não				
Na Propriedade Familiar				
Sim	08	88,8%	04	80%
Não	01	11,1%		
Não Respondeu			01	20%

- TABELA 14 – Trabalha na cidade?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Na Cidade				
Sim				
Não	09	100%	05	100%
Tem Carteira Assinada				
Sim				
Não	09	100%	05	100%

- TABELA 15 – Já realizou algum estágio?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim				
Não	09	100%	05	100%

VI BLOCO COMUNIDADE

- TABELA 16 – Faz parte ou participa de algum grupo de jovem?

Grupo	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	08	88,8%	05	100%
Não	01	11,1%		
Qual o Grupo				
Esportivo	06	66,6%	04	80%
Musical	01	11,1%		
Amigos	04	44,4%	04	80%
Religioso	01	11,1%	05	100%
Outros	03	33,3%	01	20%

- TABELA 17 - Participa de atividades políticas?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim			01	20%
Não	09	100%	04	80%

VI QUESTÃO FINAL

- TABELA 18 – Você tem projeto para o futuro?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	06	66,6%	03	60%
Não	03	33,3%	02	40%

Escola de Educação Básica João Paulo Kraemer – (8º série)

I – DADOS GERAIS

Número total de jovens estudantes: 08

- **TABELA 1 – Número de jovens entrevistados por gênero e idade**

	Rapazes	Moças
Idade	Número	Número
14	02	02
15	02	
16	01	
17		
18	01	
Total	06	02

- **TABELA 2 – Você tem alguma religião?**

	Rapazes		Moças	
Religião	Nº	%	Nº	%
Católico	06	100%	02	100%
Evangélico				
Protestante				
Espírita				
Luterana				
Outros				

- **TABELA 3 – Estado civil**

	Rapazes		Moças	
Estado Civil	Nº	%	Nº	%
Solteiro	06	100%	02	100%
Casado				
Filhos				
Sim				
Não				

II -BLOCO: FAMÍLIA

- **TABELA 4 - Escolaridade da mãe e do pai**

Escolaridade	Mãe		Pai	
	Nº	%	Nº	%
Ensino Fundamental				
Incompleto	06	75%	06	75%
Completo				
Cursando				
Ensino Médio				
Incompleto				
Completo	02	25%	02	25%
Cursando				
Ensino Superior				
Incompleto				
Completo				
Cursando				

- **TABELA 5 – O pai e a mãe trabalham fora de casa?**

	Pai		Mãe	
	Nº	%	Nº	%
Sim	02	25%		
Não	06	75%	08	100%

- **TABELA 6 – Vive com os pais?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	06	100%	02	100%
Não				

- **TABELA 7 – Possui irmãos?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	06	100%	02	100%
Não				

- **TABELA 8 – Quem mais vive com a família?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Tios	01	16,6%		
Avós	03	50%		
Primos				
Outros				
Nenhum	03	50%	02	100%

III – BLOCO ESCOLA

- TABELA 9 – Você acha que a escola pode contribuir para seu futuro?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	06	100%	02	100%
Não				

- TABELA 10 – Já realizou algum curso profissionalizante?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	01	16,6%		
Não	05	83,3%	02	100%

- TABELA 11 – Já reprovou na escola?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	04	66,6%	01	50%
Não	02	33,3%	01	50%

- TABELA 12 – Já desistiu alguma de vez de estudar?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim				
Não	06	100%	02	100%

IV – BLOCO DO TRABALHO

- TABELA 13 – Trabalha na agricultura?

Na Agricultura	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	06	100%	02	100%
Não				
Na Propriedade Familiar				
Sim	06	100%	02	100%
Não				
Em Outras Propriedades	01	16,6%		

- TABELA 14 – Trabalha na cidade?

Na Cidade	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim				
Não	06	100%	02	100%
Tem Carteira Assinada				
Sim				
Não	06	100%	02	100%

- TABELA 15 – Já realizou algum estágio?

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim				
Não	06	100%	02	100%

VI BLOCO COMUNIDADE

- TABELA 16 – Faz parte ou participa de algum grupo de jovem?

Grupo	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	06	100%	02	100%
Não				
Qual o Grupo				
Esportivo	04	66,6%		
Musical	02	33,3%		
Amigos	03	50%		
Religioso				
Outros			02	100%

- **TABELA 17 - Participa de atividades políticas?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	01	16,6%		
Não	05	83,3%	02	100%

VI QUESTÃO FINAL

- **TABELA 18 – Você tem projeto para o futuro?**

	Rapazes		Moças	
	Nº	%	Nº	%
Sim	06	100%		
Não			02	100%

ANEXO III

ANEXO IV